

FACULDADE DE ARQUITECTURA

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

A CIDADE COREOGRAFADA

UM ESPAÇO DE COESÃO SOCIAL NA COLINA DE SANTANA

Catarina de Barros Aguilar (Licenciada)

Projecto para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

Orientação: Professor Arquitecto António Pedro Pacheco – Professor Auxiliar
Convidado da FA-UTL

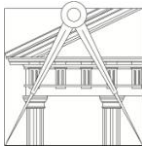
Co-Orientação: Professor Doutor José Aguiar

Júri:

Presidente do Júri: Doutora Cristina Cavaco

Vogal: Arquitecto Fernando Sanchez Salvador

Lisboa, FAUTL, Março 2013



FACULDADE DE ARQUITECTURA

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

TÍTULO: A Cidade Coreografada – Um espaço de coesão social na Colina de Santana

ALUNO: Catarina de Barros Aguilar I # 6800

ORIENTADOR: Professor Arquitecto António Pedro Pacheco – Professor Auxiliar Convidado da FA-UTL

CO-ORIENTADOR: Professor Doutor José Aguiar

MESTRADO: Mestrado Integrado em Arquitectura com Especialização em Arquitectura

DATA: Fevereiro de 2013

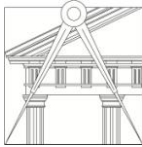
■ RESUMO

O objectivo da presente dissertação consiste numa reflexão sobre a Cidade, perante a problemática evidente nos tecidos urbanos consolidados, de fenómenos de fragmentação, dispersão e descontinuidade. A cidade de hoje confronta-se com a emergência de novos paradigmas, ligados a novas dinâmicas urbanas e de requalificação do espaço público, fruto de mobilidades urbanas cada vez mais amplas. Progressivamente mais descaracterizada por não-lugares, fundam-se espaços monofuncionais, centrífugos e fechados sobre si mesmos, perdendo-se, deste modo, as pluralidades funcionais que estruturavam distintas identidades e vocações urbanas. Contrariando estes processos, procura-se perceber de que maneira, através do desenho e do projecto, se podem conseguir novos ambientes, dando novos sentidos à cidade (dentro da cidade). Isto de modo a contribuir para uma (re)humanização da cidade e para a sublimação da qualidade dos espaços públicos, na tentativa de organizar soluções multi e heterofuncionais.

Pretende-se entender como é que a arquitectura pode dar respostas neste panorama, assumindo o desenho um novo papel integrador, enquanto meio de articulação entre escalas diferentes, estabelecendo novas ou antigas conexões entre a escala (pública) da cidade e o espaço de usufruto (mais privado) do indivíduo. Desenvolve-se assim a ideia-conceito de um “edifício-cidade”, dentro de uma verdadeira cidade-edifício (o convento que se tornou hospital), que se sustenta

num principio de atenuação dos limites que separam os espaços não edificados dos edificados, o exterior do interior, o domínio público do domínio privado, de maneira a valorizar novas relações com o *lugar*, procurando novas simbioses e maior integração com o entorno existente. Abordam-se, em suma, questões essenciais relativas ao (re)desenho de fronteiras e limites, de espaços de transição, de relações entre espaços, com particular enfoque na forma como o desenho pode incentivar processos de novas sociabilidades urbanas e de (re)coesão social; a utopia do desenho como possibilidade concreta de construir (mais uma vez) um espaço urbano (mais) solidário.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade, fragmentação/coesão, limites, transição, “edifício-cidade”, coreografada



FACULDADE DE ARQUITECTURA

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

■ ABSTRACT

The goal of the present thesis consists of a reflection about the city, towards the evident issue in consolidated urban tissues, of fragmentation, dispersion and discontinuity phenomena. Today, the city faces the emergence of new paradigms, related to new urban dynamics and of public space's requalification, as a result of increasingly broad urban mobility. Gradually more uncharacterized for non-places, monofunctional spaces are founded, centrifugal and enclosed on themselves, losing thereby the functional pluralities that structured distinct identities and urban aptitudes. Contrary to these processes, investigation is taking place on how could it be possible to, through drawing and project, achieve new environments, providing new meanings to the city (within the city). This is done in order to contribute to (re)humanize the city, and into the maximization of the public spaces' quality, in an attempt to organize multi and heterofunctional solutions.

The aim is to understand architecture's ability to provide answers in this panorama, by assigning design a new integrative role as a means of joint between different scales, establishing new or old connections between the city's (public) scale and the individual's (more private) usufruct space. Therefore, it is possible to develop the 'idea concept' of a 'city-like building' in a true 'building-like city' (the convent that became a hospital), based on a principle of boundaries' mitigation that separate unbuilt from built areas, the exterior from the interior, the public domain from the private domain, in order to enhance relationships with the new place, looking for new symbioses and greater integration within the existing surroundings. In short, essential questions are addressed concerning the (re)design of borders and boundaries, transitional spaces and relationships between spaces, with particular focus on how the design is able to encourage new

urban sociabilities and social (re)cohesion processes; the drawing's utopia as concrete possibility of building (once again) an urban (more) supportive space.

KEY WORDS: City, fragmentation/cohesion, limits, transition, 'city-like building', choreographed

■ AGRADECIMENTOS

Ao meu pai.

À minha mãe.

À minha irmã.

Ao Pablo.

À Margarida.

À Fipes.

À Inês Passos.

Ao Professor Pedro Pacheco.

Ao Professor José Aguiar.

■ ÍNDICE

Resumo.....	I
Abstract.....	IV
Agradecimentos.....	VII
Índice.....	IX
Índice de Imagens.....	XII
1. Introdução.....	1
2. Problemática	
2.1. A era da informação I A morte da cidade.....	6
2.1.1. A cidade fragmentada.....	15
2.2. A cidade e o medo.....	21
2.2.1. A cidade privada.....	28
2.2.2. Condomínios privados.....	36
2.2.3. Centros comerciais.....	43
3. Edifício – Cidade I Conceptualização	47
3.1. O Espaço.....	53
3.2. O Espaço – Limite.....	57

3.3. Transição público – privado, exterior – interior.....	62
3.3.1. Ritos de passagem, Espaços Intermédios e Espaços Válvula.....	66
4. Casos de Estudo I Análise de exemplos práticos.....	72
4.1. Edifício – Cidade.....	72
4.4.1. MASP – Museu de Arte de São Paulo – Lina Bo Bardi.....	72
4.1.2. Biblioteca Nacional de Buenos Aires – Clorindo Testa.....	78
5. Projecto – Descrição.....	88
5.1. Eleição do local de trabalho I Enquadramento Urbano.....	88
5.2. Enquadramento histórico.....	89
5.3. Condicionantes I Necessidades I Objectivos	90
5.4. Programa.....	92
5.5. Descrição da proposta urbana.....	96
5.5.1. Cerca I Percursos.....	96
5.5.2. Identidade I Memória.....	102
5.5.3. Estratégia de espaços públicos I Verdes.....	104

5.6. Auditório I Espaço polivalente – exposições temporárias I	
Zona de galerias e comércio.....	107
6. Conclusão.....	112
7. Referências Bibliográficas.....	115
8. Anexos	124

■ ÍNDICE DE IMAGENS

FIGURA 2.1 – Umberto Boccioni- *La strada entra nella casa*, 1911. Óleo sobre tela, 70X75 cm.

ACSELRAD, Henri. *A Duração das Cidades: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2001.

FIGURA 2.2 – Auto-estradas – não-lugares.

<http://designyoutrust.com/2009/05/%E2%80%99Cit-is-over-alex-s-maclean/>. [consultado em: 9/10/12. 19:03h].

FIGURA 2.3 e 2.4 (respectivamente) – Uma cidade formada por fragmentos. Cartaz publicitário do projecto de reforma da rua 42, Nova Iorque, 2000; Paul Citroen , Metropolis, 1923. Universidade Real de Leiden, Prentenkabinet.

MUXÍ, Zaida. *La Arquitectura de la Ciudad Global*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 2004. pp.29.

<http://3.bp.blogspot.com/-MP-QFLHaAUI/Tv4X8n3NOJI/AAAAAAAAH08/oBNFXIRs4k/s1600/Paul+Citroen+-+Metropolis+1923+B.jpg>. [consultado em: 3/10/12. 10:53h].

FIGURA 2.5 – Castelo dos Mouros de Sintra.

Autoria própria.

FIGURA 2.6 – Segregação urbana: Villa 31 e Recoleta (Bairro para classe média alta) – Buenos Aires.

REVISTA D.SIGNA. Número 3 - *La ciudad y sus deformaciones. Nódulos Urbanos*. Buenos Aires: D.signa, 2011.

FIGURA 2.7 e 2.8 – Modelos de zoneamento urbano “clássico” e “contemporâneo”. A sociedade Moderna e Industrial (figura 2.1) caracterizava-se por uma estrutura mais ou menos clara, simples e relativamente estável; a Contemporânea (figura 2.2) apresenta-se muito mais complexa e fragmentada – os conflitos aumentam.

GUTIÉRREZ, Obdúlia. (Coordenadora). *La ciudad y el miedo*. VII Coloquio de Geografía Urbana. 7ª Edição. Barcelona: Diversitas (número 52), 2004. pp.19.

FIGURA 2.9 e 2.10 – Estructuras físicamente defensivas – muro, arame. Condomínio privado Tigre Joven – Buenos Aires.
Autoria própria.

FIGURA 2.11 – Entrada com segurança do Condomínio Tigre Joven (Buenos Aires).
Autoria própria.

FIGURA 2.12 e 2.13 – Segurança e proteção dentro do Condomínio Privado Tigre Joven – Buenos Aires.
Autoria própria.

FIGURA 2.14 – Condomínio Privado Celebration, promovido por Walt Disney.

MUXÍ, Zaida. *La Arquitectura de la Ciudad Global*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 2004. pp.59.

FIGURA 2.15 – Publicidade Condomínio Privado Venice, Tigre – Buenos Aires.
REVISTA LA NACIÓN. Número 2263. Buenos Aires, 18 de Novembro de 2012.

FIGURA 2.16 – Centro Comercial Colombo – Praça central. Espaço organizado à semelhança de um espaço público (praça, ruas, natureza, mobiliário urbano...).
<http://www.flickr.com/photos/chriswaikiki/4977572784/>. [consultado em: 16/12/12. 17:39h].

FIGURA 3.1 – Limite físico, mas continuidade visual. Church of the Light, Ibaraki, Osaka – Japan. 1989/ Tadao Ando.
http://mulher.uol.com.br/casa-e-decoracao/album/tadao_ando_livro_album.htm [consultado em: 29/12/12. 18:57h].

FIGURA 3.2 e 3.3 (respectivamente) – Galeria du Caire, Paris, 1779; Galeria Vivienne, Paris.

HERTEZBERGER, Herman. *Lições de Arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. Página 74 e 75 (respectivamente).

FIGURA 3.4 – A soleira como espaço intermédio.

HERTEZBERGER, Herman. *Lições de Arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. Página 32.

FIGURA 3.5 e 3.6 (respectivamente) – Espaço intermédio – escadaria e pórtico de entrada; Espaço válvula – antecâmara de entrada.

Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, 1958/ Porfírio Pardal Monteiro.

BOTELHO, Simão Silveira. *Espaços de Transição. Preservação da privacidade e estímulo do contacto social*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2010. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura. Página 20.

FIGURA 4.1 – MASP – Museu de Arte de São Paulo, 1968/ Lina Bo Bardi.

<http://www.grandmastolemycloset.com/2012/08/caravaggio-on-masp-museum-of-art-of-sao.html>
[consultado em: 7/1/13. 15:57h].

FIGURA 4.2 – MASP – corte longitudinal do edifício.

<http://teoriacritica13ufu.files.wordpress.com/2010/12/corte-masp-pc3a92.jpg>. [consultado em: 7/1/13. 15:41h].

FIGURA 4.3 – MASP – vista do museu voltado para avenida 9 de julho, onde se vê o grande prisma, mas não o grande vão livre, que desaparece pela presença dos terraços escalonados de onde brotam uma densa vegetação.

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.129/3500>. [consultado em: 7/1/13. 15:45h].

FIGURA 4.4 – MASP – Vista aérea sobre o Parque Siqueira Campos, a Avenida Paulista, o Museu e a Avenida 9 de Julho.

<http://oestranhomundodopatito.blogspot.pt/2011/04/masp-museu-de-arte-de-sao-paulo-ganha.html>. [consultado em: 7/1/13. 18:45h].

FIGURA 4.5 e 4.6 (respectivamente) – MASP – Distintas utilizações da praça coberta do edifício: fila de espera para entrar no Museu e espaço apropriado por uma feira.

AMARAL, Mariana Barros do. *Limites e possibilidades*. São Paulo: Escola de Engenharia de São Carlos. Departamento de Arquitectura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2007. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura e Urbanismo. pp.126.

<http://teoriacritical3ufu.wordpress.com/author/arquitetura13/>. [consultado em: 7/1/13. 15:48h].

FIGURA 4.7 e 4.8 (respectivamente) – MASP – Zona descoberta do edifício, caracterizada por área de estar e miradouro sobre a cidade.

AMARAL, Mariana Barros do. *Limites e possibilidades*. São Paulo: Escola de Engenharia de São Carlos. Departamento de Arquitectura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2007. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura e Urbanismo. pp.128.

FIGURA 4.9 – Biblioteca Nacional de Buenos, 1962-1992/ Clorindo Testa, Francisco Bullrich e Alicia Cazzaniga.

<http://www.flickr.com/photos/fafner/4625492750/in/photostream/>. [consultado em: 8/1/13. 11:48h].

FIGURA 4.10 – Implantação da Biblioteca Nacional de Buenos e relações visuais com a envolvente urbana.

CORADIN, Cassandra Salton. *Clorindo Testa: A Arquitetura da Biblioteca Nacional*. Porto Alegre: Faculdade de Arquitectura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura. pp.124.

FIGURA 4.11 – Praça da Biblioteca Nacional – desenho de Clorindo Testa.

CORADIN, Cassandra Salton. *Clorindo Testa: A Arquitetura da Biblioteca Nacional*. Porto Alegre: Faculdade de Arquitectura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura. pp.130.

FIGURA 4.12 – Planta de implantação e acessos.

CORADIN, Cassandra Salton. *Clorindo Testa: A Arquitetura da Biblioteca Nacional*. Porto Alegre: Faculdade de Arquitectura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura. pp.138.

FIGURA 4.13 e 4.14 (respectivamente) – Acesso à praça do edifício através de escadas pela rua Austria e por rampa pela rua Agüero.

Autoria própria.

FIGURA 4.15 e 4.16 (respectivamente) – Acesso à praça do edifício através de uma rampa desde a Av. Libertador e por umas escadas escultóricas desde da entrada pela Av. De Las Heras.

Autoria própria.

FIGURA 4.17 – Praça do edifício com vista sobre a cidade e rio de La Plata.

Autoria própria.

FIGURA 4.18 – Corte Longitudinal. Relação entre a Praça descoberta, coberta e a entrada do edifício. Leitura: da direita para a esquerda.

CORADIN, Cassandra Salton. *Clorindo Testa: A Arquitetura da Biblioteca Nacional*. Porto Alegre: Faculdade de Arquitectura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura. pp.179.

FIGURA 4.19 e 4.20 – Imagens do exterior da Biblioteca Nacional.

http://www.flickr.com/photos/mdgarq/7078503701/in/pool-clorindo_testa/. [consultado em: 8/1/13. 23:33h].

FIGURA 5.1 – 3D geral da proposta.

Autoria própria.

FIGURA 5.2 – Mapa de localização do Hospital de Santo António dos Capuchos na Colina de Santana.

MARCELO, Inês; **SOUZA**, Isabel; **CARVALHO**, Ricardo; **MARQUES**, Rita. *Património Hospital de Lisboa – Colina de San'tana. Hospital dos Capuchos Análise crítica e propostas de intervenção*. Conservação, Restauro e Reabilitação. Lisboa: FAUTL, 2011.

FIGURA 5.3 e 5.4 – Vista geral do Asilo; Vista exterior do complexo.

FERNANDES, José; **LOURENÇO**, Madalena; **LEITÃO**, Pedro; **NOBRE**, Sara. *Património Hospital de Lisboa - Colina de San'tana. Hospital dos Capuchos Análise crítica e propostas de intervenção*. Conservação, Restauro e Reabilitação. Lisboa: FAUTL, 2011.

FIGURA 5.5 – Esquema programático.

Autoria própria.

FIGURA 5.6 – Esquema da evolução da cerca – 1755 a 2005.

Elaborado por Margarida Leão no âmbito da disciplina de projecto - ano curricular 2012/2013.

FIGURA 5.7 – Esquema dos eixos dos percursos e entradas. A azul o eixo em escadas e a vermelho o eixo em rampa.

Autoria própria.

FIGURA 5.8 – Esquema do eixo em escadas e instâncias.

Autoria própria.

FIGURA 5.9 – Esquemas do estudo do tipo de pavimentos exteriores existentes na Colina de Santana.

Autoria própria.

FIGURA 5.10 – Planta com edifícios conservados e reabilitados.

Autoria própria.

FIGURA 5.11 – Planta com edifícios novos.

Autoria própria.

FIGURA 5.12 – Esquema topográfico.

Autoria própria.

FIGURA 5.13 – Esquema da estratégia urbana ao nível da Colina de Santana.

Autoria própria.

FIGURA 5.14 e 5.15 – Esquema das áreas verdes pré-existentes mantidas; Esquema das áreas verdes introduzidas na proposta.

Autoria própria.

FIGURA 5.16 e 5.17 – Esquema que assinala a zona do terreiro; Esquema que assinala a zona do terraço/jardim/miradouro sobre a cidade.

Autoria própria.

FIGURA 5.18 – Esquema que assinala as zonas de entrada dos edifícios.

Autoria própria.

FIGURA 5.19 – Vista Poente.

Autoria própria.

FIGURA 5.20 e 5.21 – Esquema em corte da rampa que se prolonga para dentro do edifício; Esquema em planta.

Autoria própria.

FIGURA 5.22 – Esquema das relações verdes no projecto.

Autoria própria.



INTRODUÇÃO



■ 1. INTRODUÇÃO

A presente dissertação explora o tema da Cidade, entendida enquanto cidade actual e global. A parte teórica é complementada por um projecto prático que tem por objectivo demonstrar as possibilidades que existem numa articulação entre o pensamento e a construção de uma arquitectura dialogante com o sistema urbano, a paisagem e a envolvente. Esta investigação procurou lançar o debate em torno das mutações registadas na cidade e na arquitectura que se registaram na era em que nos encontramos, caracterizada por ser global e tecnológica.

A relação entre a arquitectura e a *cidade*¹ é um tema disciplinarmente recorrente, designadamente no que se refere à cidade enquanto entidade social com espacialidades específicas que se concretizam num organismo vivo em constante mutação: “(...) *Aldo Rossi contrapõe uma investigação pessoal baseada no estudo da cidade como um organismo composto de tantas partes acabadas, determinadas no curso do tempo, através de processos de transformações e de permanências, que adquirem valores específicos na memória individual e colectiva, e que constituem a essência, a alma da cidade.*”²

¹ Estas citações fazem referência às definições, noções de cidade que destaco para esta dissertação:

• “*Lugar de memória e de cultura, a cidade é uma configuração carregada de história, uma espécie de organismo colectivo que vive e faz viver os seus habitantes na base de singularidades irreduzíveis.*”

GRAFMEYER, Yves. *Sociologia Urbana*. Paris: Publicações Europa-América, 1994. pp.127.

• “*A cidade é simultaneamente território e população, quadro físico e unidade de vida colectiva, configuração de objectos físicos e nó de relações entre os seres sociais.*”

Idem. pp. 13.

• “*Os sociólogos definiram desde sempre a cidade como um espaço de estranhos, como meio mais adequado ao desenvolvimento de uma cultura de diferenciação. Desde Simmel e Bahrtdt até Sennett, a cidade é concebida como o lugar onde puderam conviver diferentes modos de vida, culturas e concepções do mundo, onde se desenvolveu o intercâmbio mais produtivo que conhecemos até hoje. As cidades são os lugares privilegiados dessa mistura que suscita o deslocamento dos homens e os expõe à coexistência e à novidade. Na polifonia da cidade, os seres humanos adquiriram a experiência da diversidade que hoje possuem.*”

INNERARITY, Daniel. *A Nova Urbanidade*. Jornal Arquitectos, Número 231. Portugal: Publicação Trimestral da Ordem dos Arquitectos, 2008. pp.18.

² <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.066/410>. [consultado em: 14/5/12. 23:28h].

Desde a geografia e as ciências sociais, “(...)la ciudad puede considerarse como un ‘milieu’, un medio construido por numerosos factores en el cual se desenvuelve la vida humana, pero también un milieu que evoluciona y cambia, que genera y es generado, producto en buena medida de inercias históricas, así como de la adaptación a circunstancias presentes y de la reacción a las expectativas de futuro.”³



FIGURA 2.1 – Umberto Boccioni- *La strada entra nella casa*, 1911. Óleo sobre tela, 70X75 cm.

A globalização, sendo um processo de aprofundamento da integração económica, social, cultural, política, produtiva e tecnológica, trouxe repercussões a todos os âmbitos da acção humana, alterando as formas de produzir, consumir, distribuir, informar, pensar, gerir, etc. Deste modo, as estruturas espaciais, formais e sociais das cidades sofreram grandes modificações. Geraram-se processos novos e de desequilíbrio com claras configurações urbanas, nas quais as funções e as imagens se impõem perante realidades e situações diversas. Vivemos num mundo de urbanização generalizada, pautada por espaços monofuncionais e fragmentados. A arquitectura instalada neste sistema capitalista e consumista em que vivemos tornou-se uma prática acrítica, esvaziada de dimensão ética e baseada na pura estetização.

³ GUTIÉRREZ, Obdúlia. (Coordenadora). *La ciudad y el miedo*. VII Coloquio de Geografía Urbana. 7ª Edição. Barcelona: Diversitas (número 52), 2004. pp.269.

Interessa, portanto, explorar de que forma as cidades de hoje poderão voltar a ser lugares de coesão social, convívio e partilha de experiências entre indivíduos de grupos distintos. Para que a cidade se torne num sistema dinâmico e repleto de vida, é necessário criar espaços colectivos, integrar pessoas, costumes e actividades.

Neste contexto, é objectivo desta investigação entender o papel da arquitectura e de que maneira é que esta pode, através do desenho e projecto, participar activamente na resolução dos problemas apresentados.

Para uma compreensão e discussão mais aprofundada deste tema, abordarei conceitos variados: o limite, o espaço, o espaço-limite, a transição e os espaços intermédios.

O estudo sobre os lugares de transição decorre do entendimento de que é nesta passagem que os espaços cumprem e fomentam uma função social fundamental, ao serem lugares verdadeiramente potenciadores de processos de interacção entre as pessoas.

Para atingir todos estes objectivos de investigação, a dissertação divide-se em três grandes grupos:

- O **primeiro grupo (capítulos 2 e 3)** consiste na **exposição crítica de obras e princípios teóricos de referência**. O capítulo dois aborda e apresenta um conjunto de reflexões, estruturado a partir de visões de vários autores (Manuel Castells, Jordi Borja, Zaida Muxí, Rem koolhaas, Marc Augé, François Ascher, Miguel Àngle Roca, Yves Grafmeyer, Nuno Portas, Jean Rémy, entre outros) sobre o estado actual das cidades e as diversas repercurssões que a globalização provocou ao nível espacial, formal e social nas cidades. Já o capítulo três, também de teor teórico, inicia um conjunto de investigação e conceptualização que pretende aproximar-se gradualmente de domínios mais operativos relativamente à prática projectual.

- O **segundo grupo (capítulo 4)** apresenta a **eleição e análise de casos de estudo**, ou seja, de exemplos práticos que comprovam as teorias, conceitos estudados nos capítulos anteriores.

- E, por último, o **terceiro grupo** reside na **apresentação, descrição e esclarecimento do projecto realizado ao nível prático**, concretizando-se na aplicação dos conhecimentos adquiridos ao longo da pesquisa. Integrado neste grupo, o capítulo cinco tem como objectivo a transmissão de um posicionamento claro no acto de projecto baseado nas invocações teóricas estabelecidas nos capítulos que o antecederam.

■ A ERA DA INFORMAÇÃO | A MORTE DA CIDADE



■ 2.1. A ERA DA INFORMAÇÃO I A MORTE DA CIDADE

*“A um nível mais profundo, os fundamentos materiais da sociedade, do espaço e do tempo estão a transformar-se, organizando-se em torno do espaço de fluxos e do tempo atemporal. Para além do valor metafórico dessas expressões, (...), existe uma hipótese importante: as funções dominantes são organizadas em redes próprias de um espaço de fluxos que as liga em todo o mundo, enquanto fragmenta funções subordinadas e indivíduos, no espaço de múltiplos lugares, feito de locais cada vez mais segregados e desligados uns dos outros.”*⁴

A base material da sociedade começou a ser remodelada de forma acelerada, devido a uma revolução tecnológica centrada nas tecnologias de informação – *“As nossas sociedades estruturam-se, cada vez mais, em torno de uma oposição bipolar entre a rede e o self.”*⁵ Segundo Borja e Castells, este paradigma tecnológico representa um acontecimento histórico tão importante como o que constituiu a Revolução Industrial.⁶

O resultado é uma sociedade virtual e global, que é composta por uma teia de fragmentos de cidades articuladas em rede. Constituem-se a partir de áreas separadas no espaço físico, mas unidas no espaço da comunicação e dos fluxos (a base material de todos os processos da sociedade) – *“La red es una estructura cambiante de relaciones informatizadas que permiten la (...) acción simultánea de protagonistas alejados en el espacio, comunicados e interactuando en tiempo real. Una estructura no visible...”*⁷. Assistimos, deste modo, ao predomínio do espaço dos fluxos, estruturado por circuitos que se

⁴ CASTELLS, Manuel. *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. A Sociedade em Rede*. Volume I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002. pp. 614.

⁵ *Idem*. pp. 4.

⁶ BORJA, Jordi; CASTELLS, Manuel. *Local y Global. La gestión de las ciudades en la era de la información*. Madrid: Taurus, 1997. pp. 22.

⁷ MUXÍ, Zaida. *La Arquitectura de la Ciudad Global*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 2004. pp.24.

ligam entre si, sobre o espaço dos lugares, actualmente fragmentado e diluído. Pode considerar-se que se produz a desapareição da cidade real em prol da cidade virtual conectada: *“El fin de la ciudad del encuentro real, en beneficio de su homónima virtual...”*⁸ As palavras de Rem Koolhaas acerca de Manhattan, em *Delirious New York*, parecem generalizar-se ao conceito de cidade actual – *“(...) experimentação colectiva na qual toda a cidade se converteu numa fábrica de experiência humana, onde o real e o natural deixaram de existir.”*⁹

A globalização, é fundamentalmente, um processo de aprofundamento da integração económica, social, cultural, política, productiva e tecnológica e, como tal, influência e tem repercussões, em todos os âmbitos da acção humana (altera as formas de produzir, consumir, distribuir, informar, pensar, gerir,...modificando profundamente a estrutura social e espacial das cidades): *“(...) transforman los modos de producir y, con ello, los valores éticos y morales; los cambios que genera no quedan circunscritos a una esfera etérea y amorfa. Las formas siempre transmiten valores, y la estética, por lo tanto, es también una ética. Los nuevos valores tienen diversas representaciones formales e intervienen en la construcción de la ciudad. La ciudad es el espejo material de las circunstancias sociales, políticas y económicas.”*¹⁰ O fenómeno do global (que gera processos novos e de desequilíbrio) tem, portanto, claras configurações urbanas (onde se centra cada vez mais o espaço mundial), nas quais as funções e as imagens se impõem a realidades e situações diversas.

A maneira de fazer cidade hoje é consequência do sistema instalado, é um produto global, pensado por grupos empresariais, e baseia-se na produção e apropriação do território, tendo como único modelo e preocupação a imagem. Este processo modifica as relações sociais

⁸ MUXÍ, Zaida. *La Arquitectura de la Ciudad Global*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 2004. pp.24.

⁹ KOOLHAAS, Rem. Citado por Luís Santiago Baptista In *Delirious New York explicado às crianças*. 2008. http://www.artecapital.net/arq_des.php?ref=37. [consultado em: 1/10/12. 21:05h].

¹⁰ MUXÍ, Zaida. *La Arquitectura de la Ciudad Global*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 2004. pp.11.

nas cidades, provocando um distanciamento entre sectores e o aparecimento de espaços urbanos privatizados. “Nascem” os centros que recuperam e encenam a história da cidade, os parques temáticos, os subúrbios utópicos e sedados, os edifícios corporativos, as redes de comunicação (aeroportos, auto-estradas...ou seja, não-lugares - (“(...) *los no lugares son la medida de la época, medida cuantificable...*”¹¹), assegurando a perda de identidade, provocando o fraccionamento da cidade: “*Si un lugar puede definirse como lugar de identidad, relacional e histórico, un espacio que no puede definirse ni como espacio de identidad, ni como relacional, ni como histórico, definirá un no lugar (...) un mundo así prometido a la individualidad solitaria, a lo provisional a lo efímero, al pasaje.*”¹² Estas infraestruturas percebem-se e entendem-se desde uma macroescala, que considera somente a velocidade e rapidez como virtudes. As cidades como redes espaciais de experiência pessoal, de descoberta, anulam-se agora, pelas múltiplas vias de comunicação (auto-estradas) para percorrer em automóvel (*cápsula espacial descontextualizada*¹³). O Homem contemporâneo vive e atravessa a nova cidade, indiferente ao seu entorno, em busca de novos destinos (não-lugares): “(...) *sin más referencia que el punto de partida y el de llegada*”.¹⁴ Deparamo-nos com a perda de identidade – a incerteza do lugar em que estamos, de onde viemos e para onde vamos.

¹¹ AUGÉ, Marc. *Los no Lugares. Espacios del anonimato. Una Antropología de la Sobremodernidad*. Barcelona: Ediciones Gedisa, 1994. pp.84.

¹² MUXÍ, Zaida. *La Arquitectura de la Ciudad Global*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 2004. pp.41.

¹³ ROCA, Miguel Ángel. Cap. XVI “La ciudad y territorialización contemporánea”, em “*De la ciudad contemporánea a la arquitectura del territorio*”. Córdoba: Ediciones Udecor, 2003. pp. 250.

¹⁴ MUXÍ, Zaida. *La Arquitectura de la Ciudad Global*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 2004. pp.43.



FIGURA 2.2 – Auto-estradas – não-lugares.

Vivemos, assim sendo, numa sociedade na qual a cidade, fonte histórica de assentamento e de permanência, constitui mais do que nunca o espaço símbolo de mobilidade, ideia defendida por Saskia Sassen.¹⁵

Pertencemos a uma civilização constituída por áreas de urbanização disseminadas, nas quais a vida se organiza em torno de uma teia entre o trabalho informatizado e o lar individual, dominada pela cultura audiovisual (tráfego fulgurante de imagens e sons).

Outros autores, como Melvin Webber, François Ascher, Paul Virilio e Ulf Hannerz evocam o assunto. Webber entende a cidade de hoje como *“(...) um vasto domínio, sem lugar, simples grelha de interconexão composta por transportes visíveis e por redes de comunicação invisíveis, onde a sociabilidade já não se baseia na proximidade, mas sim no movimento.”*¹⁶; Ascher tem *“(...) perspectivas inquietantes de uma não-cidade em proliferação e sem coesão social...”*¹⁷ Acrescenta ainda que o raciocínio que suporta esta concepção é simples: *“(...) estamos numa sociedade onde a informação ocupa um lugar cada vez mais importante nas actividades*

¹⁵ SASSEN, Saskia. *The global city*. Nova York: Princeton University Press, 1991.

¹⁶ ASCHER, François. *Metapolis: Acerca do futuro da cidade*. 1ª Edição Portuguesa. Oeiras: Celta Editora, 1998. pp.12.

¹⁷ *Idem*. pp. 2.

*económicas e sociais; ora as novas tecnologias permitem transportar facilmente a informação para longe e depressa; numa certa medida, elas anulam as distâncias, desprezam o espaço e, desta forma, as actividades económicas e sociais, que necessitam cada vez mais de informações, podem localizar-se em qualquer lugar.”*¹⁸ As novas tecnologias de informação permitem a articulação de processos sociais à distância – “(...) *tele-trabajo, tele-compra, tele-información, tele-diversión...*”¹⁹, quer seja nas áreas metropolitanas, entre regiões ou continentes.

Paul Virilio, arquitecto-filósofo, argumenta que é o próprio espaço que desaparece com as telecomunicações: “(...) *cessa a diferença entre o próximo e o longínquo...com a comunicação instantânea, a chegada suplanta a partida: tudo chega sem que seja necessário partir... (...) imagem de um urbanismo sem urbanidade onde o tacto e o contacto deixam lugar ao impacte televisivo... privado de limites objectivos, o elemento arquitectónico inicia então uma deriva, flutua num éter electrónico desprovido de dimensões espaciais, mas inscrito na temporalidade única de uma difusão instantânea.*”²⁰

Por último, o Antropólogo Ulf Hannerz pronuncia-se sobre a problemática da cidade, dizendo que esta é “(...) *feita de proximidades desejadas, mas também é, por sua vez, fonte de proximidades sofridas, ou simplesmente inesperadas. Se por um lado a vida urbana favorece a acessibilidade mútua dos seres sociais que procuram relacionar-se, multiplica ao mesmo tempo as ocasiões de encontros não programados. O desenvolvimento dos meios de telecomunicação permite, evidentemente, estabelecer contactos ao mesmo tempo independentes da distância física e dirigidos às pessoas que queremos atender. Mas a perspectiva (ou a utopia) de um mundo em*

¹⁸ ASCHER, François. *Metapolis: Acerca do futuro da cidade*. 1ª Edição Portuguesa. Oeiras: Celta Editora, 1998. pp.25.

¹⁹ BORJA, Jordi; CASTELLS, Manuel. *Local y Global. La gestión de las ciudades en la era de la información*. Madrid: Taurus, 1997. pp. 11.

²⁰ ASCHER, François. *Metapolis: Acerca do futuro da cidade*. 1ª Edição Portuguesa. Oeiras: Celta Editora, 1998. pp.26.

que se generalizasse uma acessibilidade unicamente programada significaria, de certo modo, a morte da cidade.”²¹

Segundo o contexto apresentado, no qual nos encontramos - da modernização tecnológica e infraestrutural -, deparamo-nos com uma crise identitária (as cidades assemelham-se cada vez mais e perdem as suas particularidades, prevalecendo uma hegemonia de valores universalistas), em que cada cidade em processo de reestruturação económica é tornada um produto, uma imagem publicitária, uma marca, um negócio, como destaca Koolhaas (1995), ao referir-se a Barcelona: *“Às vezes uma antiga e singular cidade, como Barcelona, através da supersimplificação de sua identidade, torna-se genérica, transparente, como uma logomarca.”*²² Esta é a imagem mais internacional e tecnológica das cidades: a requalificação, ou melhor, a decoração de grandes áreas em desuso para a instalação de símbolos corporativos da globalização. Quando estamos perante situações destas, há seleções, omissões e inclusões de espaços, que transmitem, pela imagem, uma linguagem coerente e sólida acerca da cidade. Todavia, não passa de uma simples codificação. Muitas vezes, estes projectos “revitalizadores”, emblemas urbanos concretizados para captar a atenção, programados de costas para a cidade e a cidadania, demarcam novas fronteiras urbanas e desencadeiam processos geradores de segregação e exclusão social. Os métodos globais utilizados para intervir na cidade preexistente originam a sua dissolução, deterioração e abandono – constroem-na como um nódulo de uma rede invisível (à qual não pertence), isolado da realidade próxima e independentemente do lugar.

Estas situações suscitam inúmeros debates acerca do futuro das cidades, defendendo Andrea Branzi o fim das mesmas tal como as conhecemos, *“(…) a questão da eventual dissolução das cidades provocada pelo progresso das técnicas de transporte e de comunicação, cada avanço tecnológico importante nestes domínios*

²¹ GRAFMEYER, Yves. *Sociologia Urbana*. Paris: Publicações Europa-América, 1994. pp.15.

²² ACSELRAD, Henri. *A Duração das Cidades: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2001. pp. 173.

permite prognosticar, com entusiasmo ou terror, o fim das cidades tradicionais e o despontar de uma ordem espacial radicalmente nova."²³

Borja e Castells também advogam o possível desaparecimento das cidades como forma territorial de organização social, expressão cultural e gestão política - consequência da revolução tecnológica informacional, da globalização da economia e comunicação (permite uma relação rápida e permanente com qualquer território) e da difusão urbana generalizada.

Perante este panorama de invasão dos meios audiovisuais, os indivíduos tendem a procurar "(...)algures aquilo que é capaz de provocar as suas 'emoções', isto é, etimologicamente, o que os pode 'pôr em movimento'".²⁴

Deste modo, uma obra de arquitectura tem um papel muito importante como meio de dar resposta a estas necessidades – provocar emoções, gerar movimento. Quando estamos perante uma obra de arte, uma obra de arquitectura, a primeira coisa que acontece é um silêncio (silêncio de si, não ter palavras) – uma interrupção mental. Este é um silêncio que comunica, que provoca no meu, nosso Eu um movimento regido pela obra. Existe ainda, neste primeiro contacto com a obra, o espanto, a emoção. Significa que da obra (de arquitectura, neste caso) não sei nada. Denota ao mesmo tempo qualquer coisa que reconheço: uma experiência misteriosa. Daqui não se retira ainda a obra. É o primeiro sinal da sua presença – é o momento inicial de encontro. Não diz tudo, não é suficiente. Há um dinamismo, gera-se um movimento. Numa obra de arte, o espanto e a emoção não se esgotam - perduram.

²³ **ASCHER**, François. *Metapolis: Acerca do futuro da cidade*. 1ª Edição Portuguesa. Oeiras: Celta Editora, 1998. pp.12.

²⁴ *Idem*. pp. 48.

■ A CIDADE FRAGMENTADA



“AS CIDADES INVISÍVEIS”

“E no regresso, a nossa nem parece cidade. Só o tempo das casas velhas lhe deixou sinais de cidade. O rasto do nosso tempo foi levado para fora da nossa cidade. Os saberes-fazer já não conseguem melhor que subúrbio. A cidade como objectivo, produção e aprendizagem é outra.

- De agora em diante serei eu a descrever as cidades – disse o Kan – tu nas tuas viagens verificarás se existem.

Mas as cidades visitadas por Marco Polo eram sempre diferentes das pensadas pelo Imperador.

- Contudo eu tinha construído na minha mente um modelo de cidade de que deveria deduzir-se todos os modelos de cidades possíveis – disse Kublai – ele contém tudo o que corresponde à norma. Como as cidades se afastam em grau diverso da norma, basta-me prever as excepções à norma e calcular as combinações mais prováveis.

- Também pensei num modelo de cidade de que deduzo todas as outras – respondeu Marco – É uma cidade feita só de excepções, impedimentos, contradições, incongruências e contrassensos”

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*, In REVISTA EGOÍSTA. Número 25 – *Cidade I*. Casino Estoril, Casino Póvoa de Varzim, Dezembro 2005. pp. 46.

■ 2.1.2. A CIDADE FRAGMENTADA

“(...) si la urbanización es la forma de asentamiento espacial habitual de la especie humana, ¿tiene sentido seguir hablando de ciudades? ¿Si, tendencialmente, todo es urbano, no deberíamos cambiar nuestras categorías mentales y nuestras políticas de gestión hacia un enfoque deferencial entre las distintas formas de relación entre espacio y sociedad?”²⁵

No limiar do Século XXI, quase todas as sociedades enfrentam uma profunda transformação histórica: a desanimadora perspectiva de uma infundável crise urbana e o encaminhamento para um mundo de urbanização generalizada (“não-cidade”), consequência de um modelo obsoleto e irracional da ocupação do espaço.

É no seguimento deste conceito de cidade que pretendo estudar a problemática evidenciada nos tecidos urbanos, nomeadamente no que respeita à contenção dos fenómenos de fragmentação, dispersão, saturação e descontinuidade. No livro Políticas Urbanas esta situação é-nos descrita: *“Em face de uma realidade urbana que dificilmente dá pelo nome de cidade – sem abusar da semântica ainda corrente -, é a própria dificuldade de dar nome à “coisa” que se observa nas denominações ou adjectivações da literatura recente (...), como: emergente, genérica, extensiva, dispersa, difusa, descontínua, fragmentada, mosaico, etc.”²⁶* É clarificada a diferenciação entre “cidade” e “urbano”: *“(...) existem diferenças profundas de modelo de trajectória de “cidade” (densa, compacta, fisicamente contínua e limitada, reconhecível na sua morfologia e traçados) ao “urbano” (centrífugo, descontínuo, expansivo, fragmentário, caótico)...”²⁷* Borjas

²⁵ BORJA, Jordi; CASTELLS, Manuel. *Local y Global. La gestión de las ciudades en la era de la información*. Madrid: Taurus, 1997. pp. 11.

²⁶ PORTAS, Nuno; DOMINGUES, Álvaro; CABRAL, João. *Políticas Urbanas – Tendências, Estratégias e Oportunidades*. 2ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. pp. 17.

²⁷ *Idem*. pp. 17.

e Catells sistematizam a diferença entre os dois conceitos: o urbano refere-se à articulação espacial, contínua ou descontínua, de população e actividades; por sua vez, a cidade implica um sistema específico de relações sociais, culturais e instituições políticas.²⁸

Mumford designa a cidade de hoje de «cidade invisível», visto que a cidade, enquanto habitat compacto, está a desaparecer.²⁹

Aquilo que antes era apenas uma ameaça transformou-se em urbanismo sem coerência preestabelecida, urbanismo sem cidade³⁰, arranjos territoriais que apontam para a dualidade, que evidenciam uma organização “just in time”³¹, que se rege apenas pelas lógicas do mercado imobiliário (*esquizofrenia e megalomania da encenação espectacular*³²). Há uma tendência, imposta pelo actual sistema capitalista, para converter a arquitectura e a cidade num parque temático, de consumo e de ócio (“*espacio-basura*”³³), em objecto de usar e deitar fora, de carácter efémero, sendo que o importante é o impacto que provoca fundamentalmente como novidade, como objecto que suscita curiosidade e surpresa. Andrea Branzi afirma que a “(...) *cidade deixou de ser um place (um lugar), tornando-se uma ‘condição’*

²⁸ BORJA, Jordi; CASTELLS, Manuel. *Local y Global. La gestión de las ciudades en la era de la información*. Madrid: Taurus, 1997. pp. 13.

²⁹ RÉMY, Jean; VOYÉ, Liliane. *A Cidade: Rumo a uma nova definição?*. Coleção: Cidade em questão/9. Porto: Edições Afrontamento, 1994. pp. 122.

³⁰ BORJA, Jordi; CASTELLS, Manuel. *Local y Global. La gestión de las ciudades en la era de la información*. Madrid: Taurus, 1997. pp. 331. Tradução Livre: “(...) *significa, (...), la existencia de espacios definidos por flujos, de territorios de límites imprecisos o superpuestos y de lugares sin atributos y, por lo tanto, sin capacidad de integración simbólica.*”

³¹ ACSELRAD, Henri. *A Duração das Cidades: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2001. pp. 170.

³² BAPTISTA, Luís Santiago. *Delirious New York explicado às crianças*. 2008. http://www.artecapital.net/arq_des.php?ref=37. [consultado em: 1/10/12. 21:05h].

³³ KOOLHAAS, Rem. *El espacio basura. De la modernización y sus secuelas*. Arquitectura Viva74, Septiembre - Octubre 2000. pp.23. Tradução Livre: “El espacio basura es la suma total de nuestra arquitectura actual; (...) El espacio basura es la contrafigura del espacio, un territorio de una ambición devaluada, expectativas limitadas y una sinceridad reducida. (...) El espacio basura está verde y maduro al mismo tiempo; es un colosal manto de seguridad que cubre la tierra, la suma de todas las decisiones no tomadas, de los problemas no afrontados, de las opciones no elegidas, de las prioridades dejadas sin definir, de las contradicciones perpetuadas, de los compromisos adoptados...”.

dominada por relações de consumo e um modo de comportamento.”³⁴

Há quem designe este processo de conversão da cidade real à cidade de atracções e entretenimento de “*disneylandificación*”³⁵. Estes ideais para construir cidades são muito débeis – passado o breve momento do espanto inaugural da obra recém chegada, surge a fadiga do *déjà-vu*: “*Una vez pasada la fuerza del momento inicial, es necesaria una nueva invención para que la ciudad siga estando viva según estos parámetros de consumo.*”³⁶ A experiência do monumento como lugar de intercâmbio pessoal, submete-se agora à experiência do consumo (*programa social assente na ilusão e alienação das massas*³⁷).

A sociedade de hoje é feita de projectos individuais, é fraccionada pelas estratificações, segmentos sociais e orientada pelo poder de opção singular - poder narcisista. A forma das cidades e a vida urbana sofreram transformações - manifestadas em novas formas de territorialidade (fragmentos descontínuos, de geometria variável e monofuncionais) e numa mobilidade espacial difusa e generalizada. As cidades, que têm como principais características o reconhecimento e a identificação, evoluíram para um conjunto de nódulos e linhas de fluxos (pelos quais se tem que transitar), que conformam e se apresentam, actualmente, como as únicas alternativas de conexão, criando percursos individualistas e determinando a impossibilidade de deriva na cidade. A ideia de uma “colagem” aleatória, construída sobre a base de fragmentos autónomos, da sobreposição de partes opostas, reforça a permanência do caos e impede a formação de uma imagem global, sintética, clara, unitária da cidade.

A violência, a perda de sentido, as dificuldades da vida quotidiana, tornam-nos sensíveis ao carácter desestruturante dessas mudanças.

³⁴ **ASCHER**, François. *Metapolis: Acerca do futuro da cidade*. 1ª Edição Portuguesa. Oeiras: Celta Editora, 1998. pp.13.

³⁵ **MUXÍ**, Zaida. *La Arquitectura de la Ciudad Global*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 2004. pp.106.

³⁶ *Idem*. pp. 31.

³⁷ **BAPTISTA**, Luís Santiago. *Delirious New York explicado às crianças*. 2008. http://www.artecapital.net/arq_des.php?ref=37. [consultado em: 1/10/12. 21:05h].

A cidade reduziu-se a uma planificação urbana individualizada, a ser uma soma de espaços monofuncionais, de partes independentes, perdendo o seu carácter, a sua especificidade, por não ser o lugar de exercício de uma única função - como é o caso de uma escola, hospital, casa. A cidade deveria ser o lugar que coloca essas várias funções em inter-relação, através da relação com o espaço e não o lugar onde se justapõem essas funções específicas: *“E cresce, cresce sempre, porque para a cidade parar é morrer. E porque cresce em ritmo quase louco, não é mais possível impor um sistema de relações coerente entre os seus espaços organizados e ela constitui assim mais uma soma de espaços do que um todo estruturado, em que se misturam e confundem funções, em que a desordem é soberana.”*³⁸

Esta visão utopista e voluntarista da sociedade contemporânea, ao atribuir um espaço específico a cada função (parcelamento funcional), levou a uma “zonificação”³⁹ que não tolera nenhuma fracção de espaço, excepto para aquela para a qual foi explicitamente designada e reservada:

*“La ciudad como superposición de fragmentos seleccionados por el mercado no es más que una aglomeración de partes que se quieren diferentes y que no buscan formar una entidad nueva, clara o reconocible. Las diferencias entre los fragmentos son meras apariencias, ya que todos se han seleccionado a partir de un mismo discurso y de una misma lógica: la vida es consumo y el ciudadano ha cambiado su estatuto y derecho civil por uno comercial, el del consumidor. Cada fragmento es autónomo y sin relación entre sí, como nómadas.”*⁴⁰

³⁸ TÁVORA, Fernando. *Da organização do Espaço*. Porto: FAUP Publicações, 2006 (1ª Edição 1962). pp.35.

³⁹ RÉMY, Jean; VOYÉ, Liliane. *A Cidade: Rumo a uma nova definição?*. Colecção: Cidade em questão/9. Porto: Edições Afrontamento, 1994. pp. 16.

⁴⁰ <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.066/410>. [consultado em: 14/5/12. 23:28h].

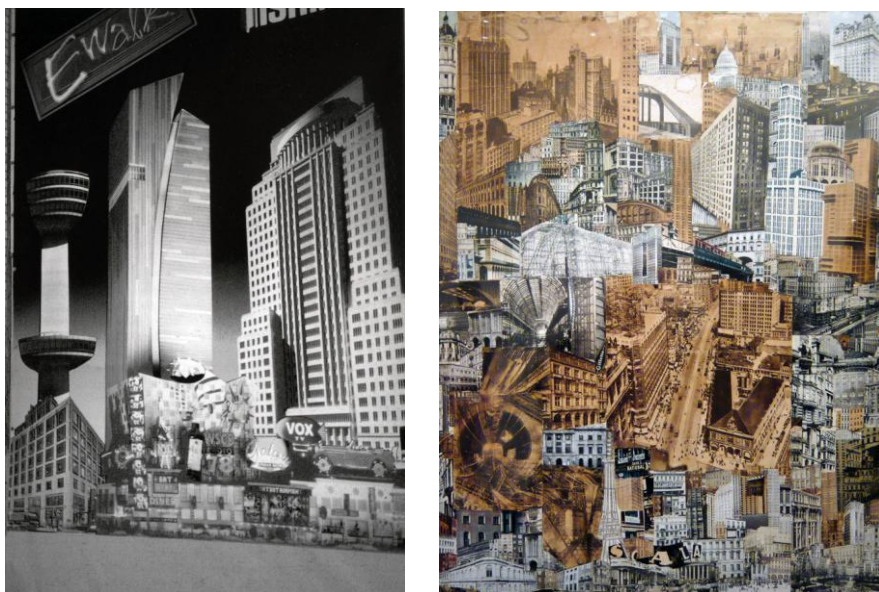


FIGURA 2.3 e 2.4 (respectivamente) – Uma cidade formada por fragmentos. Cartaz publicitário do projecto de reforma da rua 42, Nova Iorque, 2000; Paul Citroen, Metropolis, 1923. Universidade Real de Leiden, Prentenkabinet.

Octávio Ianni, formado em ciências sociais, defende também esta ideia de território fragmentado: *“A condição experimental e em constante mudança, a fugacidade e transitoriedade das relações sociais e a ausência ou impossibilidade de representar a cidade como uma totalidade, bem como entender a vida urbana correndo num território fragmentado que é a negação de territorialidade, se tornou imagem corrente.”*⁴¹

Daniel Innerarity, no texto que escreveu para *O Jornal Arquitectos* “A Nova Urbanidade”, afirma que as cidades perderam as características que melhor as diferenciavam: *“No início do séc. XX, a Escola de Chicago estabeleceu três características distintivas da cidade, hoje convertidas em lugares comuns: heterogeneidade, espessura e grande dimensão.”*⁴²

⁴¹ <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.066/410>. [consultado em: 14/5/12. 23:28h].

⁴² **INNERARITY**, Daniel. *A Nova Urbanidade*. Jornal Arquitectos, Número 231. Portugal: Publicação Trimestral da Ordem dos Arquitectos, 2008. pp.18.

■ A CIDADE E O MEDO



■ 2.2. A CIDADE E O MEDO

A cidade tem como uma das principais causas da sua origem real e conceptual a necessidade que os seres humanos têm de se sentirem seguros. Como meio de resposta, foram criados espaços e estruturas sociais, que estabeleceram uma relação de oposição “dentro-fora”. A muralha⁴³ definiu-se como “*limite real y metafórico*”⁴⁴, que impôs ordem ao espaço urbano, social. Deste modo, as pessoas sentiam-se protegidas do exterior, “(...) *en principio más sometido a incertindumbres y arbitrariedades o al alcande del enemigo*”⁴⁵.

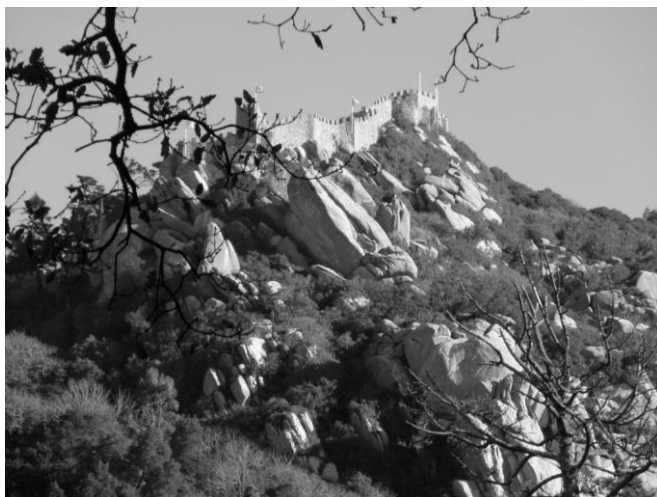


FIGURA 2.5 – Castelo dos Mouros de Sintra

Contudo, durante as últimas décadas, esta visão favorável da vida urbana foi alterada por uma outra mais adversa à vida nas cidades: “(...) *una mirada que reposiciona al peligro dentro de los límites*

⁴³ RÉMY, Jean; VOYÉ, Liliane. *A Cidade: Rumo a uma nova definição?*. Coleção: Cidade em questão/9. Porto: Edições Afrontamento, 1994. pp. 40. Tradução Livre: “A muralha reveste-se também de uma significação simbólica que perpetua a do simples fosso que os fundadores traçavam muitas vezes para delimitarem o território da cidade: a muralha marca a separação entre um exterior e um espaço «culturalizado» que quer ser um lugar de «ordenamento» do espacial e do social.”

⁴⁴ GUTIÉRREZ, Obdúlia. (Coordenadora). *La ciudad y el miedo*. VII Coloquio de Geografía Urbana. 7ª Edição. Barcelona: Diversitas (número 52), 2004. pp.15.

⁴⁵ *Idem*. pp. 6.

*urbanos y que, reelaborando la figura del desconocido, ha producido radicales transformaciones en la manera de significar la ciudad.”*⁴⁶

Isto significa que a ideia de cidade, limites e segurança mudou: antes, fora dos limites, da muralha, encontrava-se o perigo; hoje, está no seu interior.

Moulian (1997) afirma que quando as interações sociais na cidade se concebem mediante o medo e insegurança, gerando uma utilização restrita e defensiva do espaço urbano, “(...) *es evidente que estamos en presencia de una nueva forma de concebir, experimentar y enfrentar la ciudad.*”⁴⁷

Davis (1991 e 1998) e Dear (2000) questionam: “(...)¿ *la ciudad produce o conjura el miedo? Partiendo de la premisa de que efectivamente existe una sensación colectiva de miedo más o menos acentuada – según las épocas o los lugares – y difusa, el espacio urbano no se muestra como neutro ante este fenómeno sino que forma parte de él. Incluso, como se sabe, hay quien argumenta que la “construcción de ciudad”, sobre todo ahora, se explica en buena parte por el fenómeno sociológico del miedo...*”⁴⁸

Francesco Indovina (1997) lança outra perspectiva sobre o assunto: argumenta que, na medida em que a cidade obriga, permite a convivência e define políticas de integração das “diferenças” que estão na origem do medo e da insegurança, é o único espaço capaz de reduzir o medo sem pôr termo a esta complexidade. Assim sendo, percebe a cidade como um “*antídoto contra el miedo*”.⁴⁹ Defende que esta é uma característica definidora de cidade, chegando mesmo a afirmar que “*Sin ella la ciudad no existe*”.⁵⁰

Apesar desta visão mais positiva, a verdade é que hoje assistimos a uma crescente individualização e mudança nos modos de vida e comportamento, associados a uma segregação social e violência

⁴⁶ GUTIÉRREZ, Obdúlia. (Coordenadora). *La ciudad y el miedo*. VII Coloquio de Geografía Urbana. 7ª Edição. Barcelona: Diversitas (número 52), 2004. pp.87.

⁴⁷ *Idem*. pp. 48.

⁴⁸ *Ibidem*. pp. 16.

⁴⁹ *Ibidem*. pp. 16.

⁵⁰ GUTIÉRREZ, Obdúlia. (Coordenadora). *La ciudad y el miedo*. VII Coloquio de Geografía Urbana. 7ª Edição. Barcelona: Diversitas (número 52), 2004. pp.16.

crescentes. A insegurança conduz a transformações das relações sociais, com implicações na vida urbana. Consequentemente, existe uma progressiva necessidade de sensação de segurança, que tem como resultado o fechamento e controle dos espaços.

O que produz medo na cidade?

*“Una primera respuesta (...) puede ser tan genérica, y paradójica, como decir que generan miedo tanto la sensación – o la certeza – de debilidad en un entorno social más fuerte como, al contrario, de fortaleza rodeada de debilidad.”*⁵¹ É uma situação complexa e interessante, visto que tanto os grupos sociais mais desfavorecidos, as minorias marginalizadas, como os mais favorecidos, as classes económicas ou culturalmente superiores, sentem medo. Os primeiros mencionados, sentem medo e insegurança diante a classe social que tem o poder económico e que tem a capacidade de organizar as estruturas do poder e o espaço, de acordo com as suas necessidades e interesses. Por sua vez, as elites querem distanciar-se dos grupos sociais que consideram potenciais agressores e, para isso, utilizam os meios tecnológicos de que dispõem: *“Esta ciudad escenográfica tiene otra cara: la de la exclusión social, la de la pobreza excluída contigua a la riqueza excluyente”*⁵² A segregação urbana tem duas frentes: a classe com mais posses financeiras (classe média alta), que se enclausura em *“castillos de vidrio”*⁵³ vigiados e, por sua vez, os *“otros”*⁵⁴ que vivem em bairros de lata, também esses controlados. Esta transformação das cidades em constelações de guetos, de luxo ou de miséria, é já uma tendência claramente legível e em acelerado crescimento. O resultado é uma cidade fragmentada socialmente,

⁵¹ GUTIÉRREZ, Obdúlia. (Coordenadora). *La ciudad y el miedo*. VII Coloquio de Geografía Urbana. 7ª Edição. Barcelona: Diversitas (número 52), 2004. pp.17.

⁵² MUXÍ, Zaida. *La Arquitectura de la Ciudad Global*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 2004. pp.3.

⁵³ *Idem*. pp.53.

⁵⁴ *Ibidem*. pp. 53.

disfuncional e excludente e, na qual os espaços públicos socializadores se debilitam, quando não desaparecem.



FIGURA 2.6 – Segregação urbana: Villa 31 e Recoleta (Bairro para classe média alta) – Buenos Aires

Outro dos motivos que está na origem do medo nas cidades é a diversidade racial, sexual, cultural, religiosa, étnica, etc. Apesar de a multiculturalidade ser cada vez mais uma realidade recorrente das sociedades, geram-se conflitos e receios provocados pela convivência obrigatória em contextos urbanos, entre os diversos sujeitos desconhecidos, que têm usos diferentes do tempo e do espaço. *“Si a esto se une un imaginario colectivo que genera, en algunos casos desde hace siglos, estereotipos y prejuicios el caldo cultivo de la inseguridad y el miedo está de nuevo servido.”*⁵⁵ Em *Políticas Urbanas* esta questão da multiplicidade e do medo também é referenciada: *“Hoje, volta a procurar-se recuperar e reinventar o espaço público ou colectivo para ligar o que se tinha desligado – não só o edifício em relação ao exterior, mas também cada bairro em relação aos vizinhos -, enquanto, em sentido oposto, o mercado de alta e média gama*

⁵⁵ GUTIÉRREZ, Obdúlia. (Coordenadora). *La ciudad y el miedo*. VII Coloquio de Geografía Urbana. 7ª Edição. Barcelona: Diversitas (número 52), 2004. pp.17.

procura a introversão de cada promoção (condomínios) sob o alibi da insegurança e de evitar a vizinhança 'diferente'."⁵⁶

Se, por um lado, a diversidade de pessoas é uma das causas do medo na cidade, por outro é uma característica imprescindível e determinante para a sua existência, que garante e alimenta os melhores aspectos da vida urbana: *"Y la ciudad es precisamente el lugar de extraños por excelencia; como Aristóteles sostiene en su Política, una ciudad está compuesta por diferentes clases de hombres; personas similares no pueden crear una ciudad."*⁵⁷ Deste modo, pensar nas cidades de hoje, deveria passar por propor políticas que preservem, potenciem e desenvolvam a diversidade.

O medo nas cidades não é somente uma patologia das cidades contemporâneas - sempre existiu. Contudo, a difusão mediática destes medos é agora muito mais poderosa nas suas possibilidades e efeitos: *"Los procesos de globalización capitalista y sus efectos, particularmente los migratorios, han desestructurado modelos de organización, de regulación y de relaciones políticas y sociales más o menos ya asimilados, con sus seguridades y miedos conocidos. Hay quien afirma que, de nuevo, la ciudad es la tierra incógnita por descubrir, tan fascinante para unos y temible para otros como lo fueron en otros tiempos selvas, montañas o desiertos, y más ahora que todas éstas están siendo explotadas y banalizadas sin excepción."*⁵⁸

⁵⁶ PORTAS, Nuno; DOMINGUES, Álvaro; CABRAL, João. *Políticas Urbanas - Tendências, Estratégias e Oportunidades*. 2ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. pp. 104.

⁵⁷ GUTIÉRREZ, Obdúlia. (Coordenadora). *La ciudad y el miedo*. VII Coloquio de Geografía Urbana. 7ª Edição. Barcelona: Diversitas (número 52), 2004. pp.90.

⁵⁸ *Idem*. pp.18.

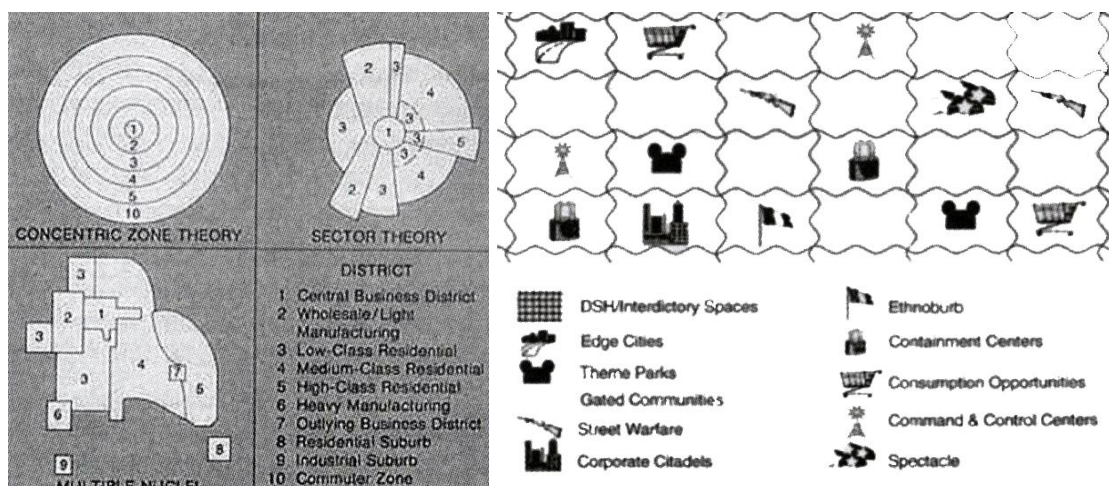


FIGURA 2.7 e 2.8 – Modelos de zoneamento urbano “clássico” e “contemporâneo”. A sociedade Moderna e Industrial (figura 2.1) caracterizava-se por uma estrutura mais ou menos clara, simples e relativamente estável; a Contemporânea (figura 2.2) apresenta-se muito mais complexa e fragmentada – os conflitos aumentam.

Muitos autores falam em “*globalização do medo*”⁵⁹, definindo a sociedade de hoje como a “*sociedad de riesgo*”⁶⁰, composta pelo medo mediático, difuso, que corresponde ao chamado “*urbanismo sin ciudades*”⁶¹, e pelo medo local representado em grandes bairros ou em pequenos núcleos marginais.

Para Campos e Greene⁶², a homogeneidade do urbano/a neutralização do espaço, é uma das consequências directas e locais do medo.

Contudo, opiniões opostas defendem esta uniformidade, afirmando que é uma garantia de igualdade para os cidadãos. Por consequência, assistimos à reprodução de espaços idênticos em qualquer parte, quase como uma clonagem.

⁵⁹ GUTIÉRREZ, Obdúlia. (Coordenadora). *La ciudad y el miedo*. VII Coloquio de Geografía Urbana. 7ª Edição. Barcelona: Diversitas (número 52), 2004. pp. 23.

⁶⁰ *Idem*. pp. 23.

⁶¹ *Ibidem*. pp. 23.

■ A CIDADE PRIVADA



■ 2.2.1. A CIDADE PRIVADA

A sensação de medo que não pára de aumentar globalmente constata-se nos fenómenos de urbanização: crescem as “cidades fortaleza”, maioritariamente nos países sub-desenvolvidos, mas também nos países chamados de 1º mundo. São mais que urbanizações – são “cidades” fechadas, onde está tudo controlado. Apesar desta relação directa entre a cidade e a protecção, a defesa contra as ameaças da natureza e dos estranhos, a cidade não deixa de ser um cenário “*utópicamente seguro*”⁶³.

A materialização do medo na cidade tomou distintas expressões. Traduziu-se essencialmente na privatização do espaço urbano, visto como lugar de desenvolvimento de todas as distinções marcantes. Nesse sentido, a cidade de hoje é um espaço de exclusão, onde assistimos, conseqüentemente, a uma crescente individualização: “*La nueva realidad urbana se define como «posurbana», una nueva etapa del urbanismo en la que hemos pasado del espacio público generado y creado por y para la sociedad, a la ciudad cuyo espacio público está hecho para «un público» y por lo «privado», para el espectáculo.*”⁶⁴

As mudanças na economia, na sociedade e as lógicas impostas pelo o capitalismo actual já se tornaram explícitas no território, parecendo que todos os caminhos levam à decisão de fechamento, isolamento, fortificação, desarticulação urbana e à tendência de distanciamento dos espaços públicos abertos que, posteriormente, são substituídos por lugares privados e fechados, mesmo que alguns sejam de uso público - “*El encierro es el recurso utilizado hoy para excluir en el espacio.*”⁶⁵

Surgem novos modos de vida e de comportamento. Os espaços e arquitecturas fechadas reflectem a transformação da sociedade

⁶³ GUTIÉRREZ, Obdúlia. (Coordenadora). *La ciudad y el miedo*. VII Coloquio de Geografía Urbana. 7ª Edição. Barcelona: Diversitas (número 52), 2004. pp.23.

⁶⁴ MUXÍ, Zaida. *La Arquitectura de la Ciudad Global*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 2004. pp.107.

contemporânea, ao converterem-se em microcosmos, em espaços urbanos segregados do resto, materializando rupturas na organização do espaço social, público e do território urbano - “(...) *determinada perspectiva (...) poderia considerar que o público é o lugar privilegiado das coisas colectivas importantes enquanto o privado seria o das coisas pessoais importantes e colectivas secundárias; contudo, o privado pode tornar-se o lugar em que se tomam decisões importantes para a colectividade, apesar do carácter fechado e relativamente secreto que implica.*”⁶⁵ – o que constitui uma preocupação.

O problema da insegurança é real e, assim sendo, este tipo de acontecimentos são aproveitados por múltiplos sectores do mercado para vender produtos, serviços ou espaços. Os meios massivos e o *marketing* ditam de que forma se deve interpretar e descodificar o mundo em que vivemos e que nos rodeia e, em função disso, construir os espaços (palpáveis, ideais e virtuais) e uma vida contínua “sedada” pelo consumo inconsciente. O espaço social e o território reflectem, portanto, esta dinâmica estabelecida pelo consumo, visto que os objectos que estão a ser vendidos, promovidos, não são independentes do lugar. A insegurança converte-se, deste modo, num meio de justificação da segregação de espaços e grupos sociais, para estimular o controlo, a privatização, a fabricação de uma cidade simulada, composta por iguais, tendo como consequência final a interiorização da vida social e individual e promoção do espaço público como um lugar caótico. É uma perversa recuperação da cidade e da urbanidade a partir da sua negação. O medo e o consumo são, deste modo, duas forças responsáveis pelas dinâmicas de privatização e isolamento urbano, que provocam mudanças na fisionomia e estrutura da cidade: “*La ponencia plantea la hipótesis de que el miedo y el consumo desempeñan un papel dominante y que, además, se encuentran vinculados entre sí para orientar las*

⁶⁵ GUTIÉRREZ, Obdúlia. (Coordenadora). *La ciudad y el miedo*. VII Coloquio de Geografía Urbana. 7ª Edição. Barcelona: Diversitas (número 52), 2004. pp.129.

⁶⁶ RÉMY, Jean; VOYÉ, Liliane. *A Cidade: Rumo a uma nova definição?*. Colecção: Cidade em questão/9. Porto: Edições Afrontamento, 1994. pp. 121.

*relaciones sociales, reforzando la polarización de la sociedad para conformar un paisaje urbano más segmentado y desarticulado que explicita y promueve el encerramiento urbano.”*⁶⁷

Parques, ruas e praças transformam-se, constantemente, em dependência deste modelo de vinculação social entre cidadão – consumidor: *“El discurso de la eficacia – con sus corolarios acerca del crecimiento económico y el progreso – resulta connatural a las personas que en vez de participar como ciudadanos contemplan el espectáculo político desde su nicho consumista; es adecuado para quienes llevan una vida muy privada y se atienen a sus relaciones particulares desentendidos de las cosas públicas.”*⁶⁸

Com o fechamento, com a interiorização do espaço urbano, é precisamente o sentimento de insegurança que é reforçado: *“Este repliegue de los ciudadanos y ciudadanas hacia lo privado – el domicilio, la familia nuclear – hace que se limite el contacto con las personas del entorno y se pierda el control sobre los espacios.”*⁶⁹

Davis (1992 e 2001) fala sobre o enclausuramento dos espaços: *“Cuando ya no se admite un lugar más seguro que otro, el paisaje urbano mute en un conglomerado de múltiples reductos defensivos, a la manera de las distopías angelinas... (...) los pasajes se cierran, las rejas se alzan, y puertas y ventanas se protegen con barrotes.”*⁷⁰

O medo materializa-se no muro – é fisicamente concreto. O muro materializa a privacidade e expressa-se em estruturas fisicamente defensivas – grades, arame farpado, muros, cercas... Para além dos sistemas físicos de controlo, existem os tecnológicos – câmaras de vídeo, por exemplo. Estes meios de vigilância estão em grande proliferação e há quem os intitule de *“(...) observadores de la ciudad: tan omnipresentes como el fantasma que intentan conjurar, estos observadores perfilan a la ciudad como un panóptico horizontal, por cuanto cada vez son más numerosos los fragmentos urbanos*

⁶⁷ GUTIÉRREZ, Obdúlia. (Coordenadora). *La ciudad y el miedo*. VII Coloquio de Geografía Urbana. 7ª Edição. Barcelona: Diversitas (número 52), 2004. pp.130.

⁶⁸ *Idem*. pp. 133.

⁶⁹ *Ibidem*. pp. 130.

⁷⁰ *Ibidem*. pp. 93.

sometidos a constante vigilância, bien sea que ésta provenga de ojos humanos o electrónicos".⁷¹



FIGURA 2.9 e 2.10 – Estructuras físicamente defensivas – muro, arame. Condomínio privado Tigre Joven – Buenos Aires.

Na actualidade, as fachadas dos edifícios como principais conformadores do espaço urbano da rua, transformam-se em obstáculos, muros, barreiras, perdendo-se, deste modo, o espaço permeável de transição e reciprocidade entre o privado e o público. Estas convertem-se num limite marcado pelo controlo tecnológico e invisível ou por meios humanos, que destroem o espaço público, as suas vivências, passando a ser um espaço de ninguém. Este desejo desmesurado de controlo social leva à perda da complexidade social e cultural, a uma excessiva e crescente desconfiança em relação ao espaço colectivo e de todos.

Nan Ellin (1995) fala em *"arquitectura del miedo"*⁷², afirmando que esta, *"(...) es la forma de construir la ciudad globalizada: falta de vitalidad, actitud defensiva, exhibición del temor hacia el entorno, apoyada en artilugios para obtener la certidumbre de la seguridad."*⁷³

Autores como Borja (2003), Borja e Muxí (2003), Drew (1998) e McKenzie (1996) propõem uma visão mais ampla deste fenómeno:

⁷¹ GUTIÉRREZ, Obdúlia. (Coordenadora). *La ciudad y el miedo*. VII Coloquio de Geografía Urbana. 7ª Edição. Barcelona: Diversitas (número 52), 2004. pp.93.

⁷² *Idem*. pp. 135.

⁷³ *Ibidem*. pp. 135.

falam de “*privatopía*”⁷⁴ ou recorrem à patologia da “*agorafobia*”⁷⁵ para descrever o presente urbano.

“(…) ante una percepción de vicios públicos emergen las virtudes privadas. Si la ciudad genera inseguridad y especialmente lo que es



FIGURA 2.11 – Entrada com segurança do Condomínio Tigre Joven (Buenos Aires)

más cívico dentro de ella, los espacios públicos, la opción de los ciudadanos que se lo pueden permitir pasa por prescindir de todo aquello que no necesita, de lo colectivo y público. Del parque se passa al pequeno jardín privado, de la plaza al centro comercial o al

*country club, de la calle a las galerías, de la policía al guardia de seguridad, del barrio a la urbanización, etc. De manera que lo público queda como residual, no deseado y al servicio de quien no tiene otra alternativa (y de quien menos puede contribuir fiscalmente a su mantenimiento).”*⁷⁶

A propósito da rua, pode dizer-se que esta deixou de ser um espaço multifuncional por natureza (lugar de encontros, jogos, conversas...) para especializar-se em ser unicamente um vazio entre lugares, um eixo de circulação – *“(…) un sitio para el desplazamiento y que, por lo tanto, constituye un tiempo muerto entre dos actividades. Poco a poco se convierte en el territorio de los otros, de los que no tienen acceso a encerrarse, aunque viven en el peor encierro de forma no elogiada.”*⁷⁷

Na cidade, o facto de serem criados estes espaços fechados que provocam a ruptura da continuidade e conectividade física, concorre para que esse deixe de ser um lugar acolhedor, onde se possa

⁷⁴ GUTIÉRREZ, Obdúlia. (Coordenadora). *La ciudad y el miedo*. VII Coloquio de Geografía Urbana. 7ª Edição. Barcelona: Diversitas (número 52), 2004. pp.20.

⁷⁵ *Idem*. pp. 20.

⁷⁶ *Ibidem*. pp. 20.

caminhar livremente, relacionar-se socialmente, conversar, ouvir, ter encontros esporádicos, aleatórios e acidentais, ter a certeza de “*la existencia del otro*”⁷⁸, passando a ser constituída por lugares de passagem, fugacidade e necessidade, de que são exemplo as “novas” ruas, praças, parques... – “*Desde esta conyuntura, el espacio público como lugar de reconocimiento, interacción social e igualdad, ha entrado en crisis: se ha convertido en una disfunción.*”⁷⁹

Deparamo-nos com a perda de função dos espaços públicos, lugares neutros, social e ideologicamente, privilegiados, espaços para o intercâmbio de experiências e significados, de interação, de “expressão da festa”, de utilização e criação de memória e os suportes mais seguros da vida colectiva - Sennet chega mesmo a falar de um “*espacio público muerto*”.⁸⁰ Isto significa que os espaços públicos tal como os conhecemos, desaparecem, confinam-se a áreas isoladas, e a trama sólida e compacta transforma-se num frágil tecido de vias rápidas de comunicação. Estes espaços, ao perderem significado, proporcionam o aparecimento de novos lugares de encontro, múltiplos e espacialmente dispersos, tendo frequentemente um carácter de “clube” privado. Logo, a visibilidade social fica proporcionalmente reduzida e as redes fecham-se, diminuindo a acessibilidade.

Herman Hertzberger afirma numa entrevista: “*Por desgracia, la arquitectura moderna hoy en día solo crea objetos ‘privados’.*”⁸¹ Defendendo que se devem construir os edifícios como sendo pequenas cidades e não encerrados em si mesmos.

Indovina partilha o desejo de cidade de Hertzberger, referindo-se à mesma como “*el nicho ecológico de la especie humana*”⁸². Com isto quer dizer que a solução para a questão do medo na cidade não pode

⁷⁷ GUTIÉRREZ, Obdúlia. (Coordenadora). *La ciudad y el miedo*. VII Coloquio de Geografía Urbana. 7ª Edição. Barcelona: Diversitas (número 52), 2004. pp.131.

⁷⁸ *Idem*. pp. 138.

⁷⁹ *Ibidem*. pp. 209.

⁸⁰ *Ibidem*. pp. 276.

⁸¹ <http://www.floornature.es/arquitectos/entrevistas/herman-hertzberger-10/>. [consultado em: 23/4/12. 21:52h]

passar pela negação do mesmo, pela fuga, pelo esquecimento, pela privatização, pela limitação de elementos que fazem parte do seu código genético – convivência, mudança, capital social, conflito...Chegando mesmo a concluir que, para controlar e reduzir o medo na cidade, “(...) *hace falta más ciudad; más ciudadanía...*”.⁸³

Para além de todas estas transformações ao nível do espaço urbano, há um desejo também de “fabricar” uma nova cidadania, um novo modo de ser e viver na cidade: “Esse modus vivendi articula-se a processos de socialização com pautas e estilos de vida estimulados pelos meios de comunicação. É o que se chamou de “cidade-espetáculo”.⁸⁴ Muitas vezes existe um sentimento confuso, ilusório em relação a este panorama: gera mais do que uma participação activa, uma participação contemplativa, de assistência, cabendo ao cidadão o papel de espectador.

⁸² GUTIÉRREZ, Obdúlia. (Coordenadora). *La ciudad y el miedo*. VII Coloquio de Geografía Urbana. 7ª Edição. Barcelona: Diversitas (número 52), 2004. pp.21.

⁸³ *Idem*. pp. 21.

⁸⁴ ACSELRAD, Henri. *A Duração das Cidades: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2001. pp. 182.

■ CONDOMÍNIOS PRIVADOS



■ 2.2.2. CONDOMÍNIOS PRIVADOS

“A «cidade global», que é também a «cidade dual», deu lugar a uma «morfologia de arquipélago» composto por bairros e condomínios privatizados, destinados às atividades e à moradia da nova elite transnacional. Já na «cidade sustentável» haveria integração entre bairros, entre centro e periferia, entre espaço privado e público, com forte valorização deste último.”⁸⁵

Assistimos hoje a uma nova maneira de pensar a cidade, a arquitectura, onde é visível uma construção mediante a simulação de novas realidades – é a chamada arquitectura da globalização: *“Han aparecido el ágora electrónica y las relaciones personales de todo tipo a través de los medios de comunicación como substituto de la ciudad. Pero, ¿dónde se habita? Apesar de los avances tecnológicos, nuestro «antíguo cuerpo» necessita un espacio físico y tangible donde habitar; y en estos enclaves residenciales como paraísos artificiales hiperconectados donde es posible el fin de la ciudad.”⁸⁶*

São projectos de reurbanização ‘côncava’ (fechada em si mesma ou de costas voltadas para o resto), novas formas de crescimento fragmentado, guetos próprios dos medos e, por sua vez, distintivos de classes (direccionado para a classe média alta), que provocam a ruptura da continuidade social e empobrecem o espaço público (elemento unificador, de encontro e criador de sentido do conjunto da cidade). Estes espaços introspectivos, monofuncionais, socialmente homogéneos, fechados e vigiados, relacionam-se entre si mediante linhas de fluxos, distanciando-se da cidade - são o oposto desta, que é composta por espaços públicos livres e de movimentos descomprometidos (sem controlo), onde habitam pessoas distintas.

⁸⁵ ACSELRAD, Henri. *A Duração das Cidades: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2001. pp. 126.

⁸⁶ MUXÍ, Zaida. *La Arquitectura de la Ciudad Global*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 2004. pp.72.

Apesar de insustentáveis ecológica, social e economicamente, as superfícies urbanizadas segundo este protótipo, não param de proliferar.

A proposta genérica dos condomínios privados é viver numa “bolha” que adquire diversas formas e usos e que, essencialmente, se traduz em espaços simulados e protegidos tecnologicamente – lugares de “*felicidad controlada*”.⁸⁷ Esta segurança é “paga” com a perda de intimidade e de liberdade (todas as deslocações são observadas).



FIGURA 2.12 e 2.13 – Segurança e proteção dentro do Condomínio Privado Tigre Joven – Buenos Aires.

O reconhecimento do “outro”, do ser estranho, converte-o num elemento perigoso - *“La fortificación y el encierro es parte de lo que está a la venta porque dan la sensación de bienestar, por su exclusividad y seguridad. En la búsqueda de ganancia todo se aprovecha, desde los sueños hasta el miedo. El individuo se conduce por un mundo preconcebido que los inversores diseñan y materializan.”*⁸⁸

⁸⁷ MUXÍ, Zaida. *La Arquitectura de la Ciudad Global*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 2004. pp.67.

⁸⁸ GUTIÉRREZ, Obdúlia. (Coordenadora). *La ciudad y el miedo*. VII Coloquio de Geografía Urbana. 7ª Edição. Barcelona: Diversitas (número 52), 2004. pp.132.

Nas formas de habitar é visível a grande ruptura que se está a viver na história urbana, com o aparecimento de cidades fortificadas. Estas determinam e materializam os resultados urbanos e sociais – dualidade, segregação, desigualdades e abandono de que são vítimas numerosas áreas urbanas, resultado de uma carência muito grande de investimento em mecanismos de desenvolvimento próprios nas novas pautas económico – políticas. A cidade como espaço de encontro, de diversidade, encontra-se em perigo, devido a estas novas políticas imobiliárias que têm como objectivo primordial o negócio rápido. Estas urbanizações afiguram-se como alternativa à problemática e deficiências urbanas, construindo internamente o seu próprio espaço urbano.



FIGURA 2.14 – Condomínio Privado Celebration, promovido por Walt Disney

Estes novos conjuntos urbanísticos apresentam-se como sendo capazes de recuperar a identidade local e distinguir o factores diferenciais. Contudo, assiste-se ao aparecimento de paisagens urbanas repetitivas que provocam descontextualização com o lugar: *“Es necesario (...) conocer (...) para entender como lo global hace desaparecer gradualmente lo local, en beneficio de sus intereses y*

con propuestas clonadas que se esparcen por todo el planeta.”⁸⁹ ; “El tiempo y el lugar pierden sentido cuando el mundo se resume en formas sin referente. La eliminación de una concordância de tiempo y lugar para la autenticidade o veracidade de las formas construye un presente basado en la suma de fragmentos, cuya única relación es la aleatoriedad y el azar escenográfico.”⁹⁰

Um entorno fechado, isolado, sem tempo, com valores predefinidos, facilita na encenação de um mundo diferente, com novas regras, normas e separado da rua (negam-na e distanciam-se da vida que nela ocorre) – “(...) *deja de ser una estructura sustentante para pasar a ser más una jaula que un espacio de relación.*”⁹¹ A relação entre o construído e o lugar é desprezada, evitando-se as referências à complexidade, relação e diálogo com a envolvente, a favor de uma simplificação e de imagens redutoras da realidade. As características diferenciadoras do lugar (as referências históricas, locais e culturais), tornam-se, assim, em residuais. O *marketing* da promoção imobiliária, cada vez mais sofisticado, tem um papel fundamental, na medida em se responsabiliza por “embeleazar”, “espectaculizar” e ficcionar os lugares com as virtudes que vão de encontro aos valores de consumo – tranquilidade, harmonia, conforto, segurança, natureza (árvores e arbustos importados), lojas e comércio... Há uma simulação que se instala, para se converter em realidade – “(...) *es tanto disfraz, simulacro (disimula y oculta la realidad) como espejo (refleja la realidad).* (...) *La diferencia entre realidad y ficción se desvanece y el concepto de hiperealidad pone en emergencia el concepto de realidad.*”⁹²

Estes guetos auto segregados que prometem uma “vida nova” recriam no seu interior a falsa ilusão da cidade aberta, sem distinções. São réplicas de comunidades utópicas, lugares onde o passado é tema de

⁸⁹ MUXÍ, Zaida. *La Arquitectura de la Ciudad Global*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 2004. pp.8.

⁹⁰ *Idem*. pp. 11.

⁹¹ *Ibidem*. pp. 56.

⁹² ROCA, Miguel Ángel. Cap. XVI “La ciudad y territorialización contemporánea”, em “*De la ciudad contemporánea a la arquitectura del territorio*”. Córdoba: Ediciones Udecor, 2003. pp. 251.

decoração, tradição imaginada (passado que nunca existiu), desejada e fabricada, onde se apaga e se perde o referencial do real, tendo como objectivo fazer com que os indivíduos se sintam num lugar conhecido e, por conseguinte, seguro. Trata-se de simular a história e a natureza, “(...) de simular un «lugar» cargado de seudos significados”⁹³ ; “El resultado es un zoológico humano donde se intenta replicar los hitos, esquemas y modos de relación de la ciudad, en un espacio artificialmente creado, controlado, mantenido.”⁹⁴

Na maioria das vezes, para tornar mais credível, validar a “nova cidade”, torná-la mais autêntica, próxima do real, recorre-se a nomes das fontes (cidades) de referência, de inspiração, de cópia - apela-se à memória colectiva.

A própria opção e estilo arquitectónico, assim como os tamanhos, as formas, evidenciam a unidade do produto, destinado à classe média assente na repetição infinda, de “clonagem” do mesmo modelo de casa. Caracterizam-se pela sua identidade difusa, pela sua imagem tão limpa, esterilizada e transparente: “(...) no parece real, sino ajena a este mundo. Una perfección de maqueta hiperreal que ayuda al distanciamiento del lugar.”⁹⁵

Em modo de sucinta conclusão, estamos perante um novo modo de pensar, de acordo com o qual fazer cidade coincide mais com a ideia (real) de segurança do que com a de liberdade, com a estabilização das relações familiares no lugar da estimulação de relações heterogéneas e em constante renovação, valorizando, deste modo, mais a vida privada do que a pública.

⁹³ MUXÍ, Zaida. *La Arquitectura de la Ciudad Global*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 2004. pp.58.

⁹⁴ *Idem*. pp. 11.

⁹⁵ *Ibidem*. pp. 12.


VIVÍ TRANQUILO, NO AISLADO.

Balconeando al Delta, dentro del casco urbano de Tigre, nace Venice, una ciudad navegable. Pensá en un puerto con amarras, guarderías para lanchas, escuela de vela y de kayak. En canales y arroyos que son como calles. Pensá en la posibilidad de trasladarte a pie, en bici, en auto, en colectivo, en tren o en lancha. Pensá en plazas, canchas de tenis y fútbol, un centro de alto rendimiento, spa, cafés y tiendas comerciales. Pensá en respirar verde en lugar de gris: naturaleza urbana, algo que no se compra con pesos (aunque las propiedades sí).


Vení a conocer el showroom, único e irrepetible.

www.venice.com.ar

Visitanos todos los días de 10 a 19 hs. Solís y el río Luján, Tigre.



VENICE
CIUDAD NAVEGABLE/TIGRE



COMERCIALIZAN: CASTEX, VEADO

DESARROLLAN: METRO21, TGLT

FIGURA 2.15 – Publicidad Condomínio Privado Venice, Tigre – Buenos Aires

■ CENTROS COMERCIAIS



■ 2.2.3. CENTROS COMERCIAIS

*“También, en la búsqueda de protección contra la antes mencionada fatalidade, el surgimiento de centros comerciales pequeños, grandes y enormes llenan la ciudad. El espacio público y los grandes bulevares ya no tienen razón de existir. El miedo está presente y nos cierra y encierra dentro de el. (...) Los centro comerciales son la negación de nuestra materialidad inerte; nuestra materialidad biológica y social se nos es negada, para convertirnos en una sociedad que no tiene una ventana hacia su paisaje, sino solamente la ventana del auto que nos lleva de la residencia al centro comercial. Somos una sociedad presa del miedo que le da la espalda a su identidad y a su paisaje. (...) la ciudad muere cuando destruyen su memoria, cuando a la gente le roban las referencias de su identidad...”.*⁹⁶

Presentemente, assistimos a uma luta territorial entre o público e o privado, pois existe uma desregularização e uma crescente abdicação das instâncias colectivas. A requalificação urbana produz-se a partir de espaços para o consumo, propostos como lugares de entretenimento, ócio e para passar os tempos livres. São não-lugares, caracterizados pela individualidade, falta de identidade e sem história. Assim, surgem cada vez mais locais apropriados pelo privado, originando-se, deste modo, um novo tipo de espaços que incorporam linguagens e ícones de puro consumo – o melhor exemplo são os centros comerciais: *“La ciudad es la escena, escenografía y la arquitectura se debe a eso. El hombre urbano es el actor y el shopping el escenario paradigmático.”*⁹⁷ Muitas vezes, o que é bastante preocupante, são investimentos públicos ou parcerias público/privadas, que estão no cerne da origem, destes lugares

⁹⁶ GUTIÉRREZ, Obdúlia. (Coordenadora). *La ciudad y el miedo*. VII Coloquio de Geografia Urbana. 7ª Edição. Barcelona: Diversitas (número 52), 2004. pp.98.

⁹⁷ ROCA, Miguel Ángel. Cap. XVI “La ciudad y territorialización contemporánea”, em *“De la ciudad contemporánea a la arquitectura del territorio”*. Córdoba: Ediciones Udecor, 2003. pp. 251.

reservados às novas actividades e ao consumo dos segmentos sociais emergentes.

*“¿Como consiguen los centros comerciales resolver la frontera entre lo privado y lo público? ¿Tienen cualidades públicas? Es decir, ¿son espacios que potencian la libertad o sólo actúan como motor de nuevas actividades económicas que limitan y transforman nuestra relación con el espacio público?”*⁹⁸

Para dar resposta a todas estas questões, é necessário, numa primeira instância, não esquecer o significado de “espaço público”. Segundo Ramoneda (2003)⁹⁹, o espaço público é aquele ao qual se pode aceder por igual, sem limitações ou discriminações, que tenha como principais funções a criação de relações e pluralidade de fins.

Neste tipo de áreas, não existe qualquer tipo de contacto do exterior com o interior – em nenhum momento estes se relacionam, conectam – *“El seudoespacio público interior es antiurbano, segregador y excluyente.”*¹⁰⁰

Estes novos “monumentos”, para além de não formarem uma estrutura urbana sólida, prescindem da existente, ou seja, não se fundam numa leitura do território, isolando-se da realidade exterior e criando uma própria no seu interior elitista. Impõem um modelo sem localismos, sem particularidades, destruindo relações que existiam à priori. Esta incapacidade de ligação com o lugar, gera uma área urbana de fácil degradação devido à sua impossibilidade de apropriação doméstica e quotidiana.

Estes espaços negam a construção temporal da cidade – negam a história e o passar do tempo -, a convivência e socialização entre os indivíduos, as distintas realidades – lugar onde o que perturba é excluído. O resultado é uma cidade apática, homogénea, interiorizada, repetida e repetível em diferentes lugares do planeta.

⁹⁸ GUTIÉRREZ, Obdúlia. (Coordenadora). *La ciudad y el miedo*. VII Coloquio de Geografía Urbana. 7ª Edição. Barcelona: Diversitas (número 52), 2004. pp.245.

⁹⁹ *Idem*. pp. 245.

¹⁰⁰ MUXÍ, Zaida. *La Arquitectura de la Ciudad Global*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 2004. pp.121.

Como o que se pretende é a imagem, a sua formalização (sistemas flexíveis, de aparência maleável, geometria variável e débil) e construção, é predeterminada pelos meios de comunicação.

Progressivamente existe uma oferta mais variada e flexível nos centros comerciais, evidentemente orientada à sua função primária e essencial - a comercial -, que une as suas estratégias mais consolidadas às novas, que passam pela sua organização como se de um espaço público se tratasse – com ruas, praças, mobiliário urbano, elementos de vegetação, etc. Imitam algumas das qualidades do espaço público para próprio benefício, para favorecer o consumo. A segurança, o controlo, a atmosfera e o clima, transformam os centros comerciais em espécies de paradigmas de espaço público e, conseqüentemente, inimigo da cidade real. Estes lugares são a simulação de uma cidade, sonhada e desejada, da heterogeneidade - lugar de identificação do Homem contemporâneo. Todavia, não passam de “espaços-públicos” pré-fabricados, seguros, vigiados e que celebram a homogeneidade.

Para além disso, cada vez vão surgindo e sendo realizadas mais e diferentes actividades nos seus interiores: desportivas, culturais, para crianças, concertos, teatros...provocando uma ruptura e crescente desuso dos verdadeiros espaços públicos.



FIGURA 2.16 – Centro Comercial Colombo – Praça central. Espaço organizado à semelhança de um espaço público (praça, ruas, natureza, mobiliário urbano...)

EDIFÍCIO - CIDADE I CONCEPTUALIZAÇÃO

■ 3. EDIFÍCIO – CIDADE ICONCEPTUALIZAÇÃO

“A questão é: pode-se reinventar uma ordem que não seja mais aquela das operações de organização tradicionais, e que não se limite mais a operações monumentais e simbólicas em áreas centrais?(...) Qual pode ser a trama, a «ossatura» material de tais intervenções, garantindo uma coerência e um sentido global?(...) Como enfim conceber a pilotagem de tais processos, necessariamente contínua, aberta, sutil e não mais frontal, arrogante, fechada nos limites estreitos da «operação»? ”¹⁰¹

Após uma reflexão e teorização acerca das cidades de hoje, cidades pensadas e projectadas de acordo com paradigmas globais (fragmentadas, dispersas, sem identidade, privadas, monofuncionais, consumistas...), pretende-se que neste capítulo, ao expor a conceptualização de um desejo de edifício-cidade, se abram novas abordagens, pensamentos e soluções para as cidades do presente e futuras - *“La ciudad no es una herencia sino, un objetivo, una meta a luchar por ella...”*.¹⁰²

Ao longo dos tempos, vão sendo apresentadas por especialistas (sociólogos, antropólogos, arquitectos, urbanistas...) ideais de resolução e encaminhamento das cidades de hoje e futuras. Para François Ascher, a riqueza dos espaços metropolitanos *“(...) dependerá, em larga medida, das suas qualidades sensitivas, da sua capacidade de produzir eventos e da sua acessibilidade física.*

*Os arquitectos e urbanistas, para prepararem este futuro hipersensível, deverão ter cada vez mais em conta o conjunto das dimensões sensoriais e vivenciais dos espaços que conceberão.”*¹⁰³

Hertzberger defende um conceito para desenvolver edifícios: *“(...) y el*

¹⁰¹ ACSELRAD, Henri. *A Duração das Cidades: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2001. pp.170.

¹⁰² ROCA, Miguel Ángel. “Ciudad como deber”, em *“Notas desde el Sur”* N°1. Córdoba: Ediciones FUNDAR, 1993. pp.44.

*otro concepto que yo he desarrollado y se ha convertido en mi característica principal, es que tenemos que construir los edificios como si fueran pequeñas ciudades, en las que hay espacios públicos.*¹⁰⁴

Por espaço público entende-se que é a *“Expressão emblemática da urbanidade, (...) é por excelência o que faz da cidade outra coisa que não um mosaico de bairros e um simples agregado de mundos estanques.”*¹⁰⁵

Perante o panorama actual (mundo de urbanização generalizada e onde são criados espaços inóspitos que rompem com as dinâmicas da vida local), tem de se renovar o papel específico das cidades, propondo a construção de uma relação activa e criativa entre o edifício e a urbe - *“De que cidade se trata? De uma hipótese de cidade que se constrói juntamente com a arquitectura.”*¹⁰⁶

Deste modo, é necessário criar uma arquitectura aberta à cidade, que desempenhe um papel na conformação, (re)qualificação e (re)definição dos espaços colectivos, criando soluções revitalizadoras, capazes de regenerar novas dinâmicas urbanas: *“Uma arquitectura que deseja respirar os mesmos conceitos de justaposição, simultaneidade e convivência de heterogeneidade e em que as suas propriedades intrínsecas estão totalmente voltadas e abertas à cidade. A arquitectura transcende a condição solitária da autonomia da concepção e do egocentrismo do arquitecto enquanto artista criador e responde às necessidades urbanas e sociais.”*¹⁰⁷

Aldo Rossi considera que *“(...) para que a arquitectura se imponha como um vasto movimento cultural, e seja discutida e criticada fora da*

¹⁰³ ASCHER, François. *Metapolis: Acerca do futuro da cidade*. 1ª Edição Portuguesa. Oeiras: Celta Editora, 1998. pp.49.

¹⁰⁴ <http://www.floornature.es/arquitectos/entrevistas/herman-hertzberger-10/>. [consultado em: 23/4/12. 21:52h].

¹⁰⁵ GRAFMEYER, Yves. *Sociologia Urbana*. Paris: Publicações Europa-América, 1994. pp.115.

¹⁰⁶ ROSSI, Aldo. *A Arquitectura da Cidade*. Lisboa: Cosmos, 2001. pp.66.

¹⁰⁷ <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.066/410>. [consultado em: 14/5/12. 23:28h].

*elite de especialistas, é necessário que esta arquitectura se realize, se torne parte da cidade, se torne cidade.”*¹⁰⁸

Procura-se entender como é que a arquitectura pode dar respostas a este cenário, assumindo o desenho um novo papel integrador, enquanto meio de articulação entre escalas diferentes, estabelecendo novas ou antigas conexões entre a escala (pública) da cidade e o espaço de usufruto (mais privado) do indivíduo. Para tal, desenvolve-se e explora-se o conceito de “edifício cidade”, que se sustenta no princípio de atenuação dos limites que separam os espaços não edificados dos edificados, o exterior do interior, o domínio público do domínio privado, de forma a valorizar o lugar e a criar novas relações com o mesmo, fazendo com que este tenha uma maior integração com o entorno existente, passando, assim, a integrar um só corpo - (“*A cidade formou com o seu território um corpo inseparável*”)¹⁰⁹. As escalas de abordagem não podem simplesmente passar pela concepção de edifícios isolados, mas sim pelo edifício e a comunidade como um todo. A infra-estrutura, a arquitectura e a paisagem devem confundir-se e tornar-se um complexo - a cidade deve ser entendida como um contínuo. O “edifício cidade” passa também, pela combinação do ‘fora’ no ‘dentro’ e vice versa, permitindo e garantindo uma aproximação espacial, social e cultural. Com isto, aposta-se em encontrar soluções multi e heterofuncionais, dar um novo sentido à cidade e conduzi-la à sua (re)humanização. O Arquitecto Miguel Ángel Roca, em “*La Ciudad y las Utopías*”, defende esta ideia, criticando a arquitectura das cidades de hoje: “*La arquitectura de la metrópolis es sin escala, sin composición, sin proporción. Los edificios son autocontenibles, desapareciendo la relación interior exterior, contenedores ciegos, símbolos de la metrópolis. La desaparición de la coherencia ideológica abre las puertas a una suerte de multiplicidades de valor efémero.*”¹¹⁰ Também o Arquitecto Fernando Távora foi um grande crítico do espaço contemporâneo, criticando e condenando a

¹⁰⁸ ROSSI, Aldo. *A Arquitectura da Cidade*. Lisboa: Cosmos, 2001. pp.164.

¹⁰⁹ *Idem*. pp. 189.

desordem e a descontinuidade das cidades actuais: *“E no seu crescimento incontrolado arrasa tudo, desde a paisagem natural até ao próprio homem que a cria. É um tipo novo de espaço organizado, tão impressionante pelas suas dimensões como ultrajante em relação ao homem pelo modo como se lhe impõe, é uma espécie de monstro que o homem gerou para seu serviço e utilidade mas que, por dominante que passou a ser, o domina agora nas suas garras.”*¹¹¹

Quando se refere o “edifício cidade”, fala-se de reciprocidades que se estabelecem, de espaços que se difundem (rua/corredor, praça/átio...) – *“Se um edifício é como uma cidade, podemos considerar que os corredores são como ruas”*.¹¹² Deparamo-nos, portanto, com a necessidade de elaborar projectos cuja dinâmica estrutural permita criar continuidade entre estes dois meios (exterior e interior), tornando-os mais permeáveis, íntimos, indissociáveis.

Importa pensar nas interdependências que se podem estabelecer entre a arquitectura e o meio urbano, o edifício e a cidade, de modo a atenuar, a superar a ideia de fronteira, de limite (uma linha imaginária que os divide e define que porção de território cabe a cada um). Para isso, é importante abordar questões essenciais relativas ao (re)desenho de limites, espaços de transição, de relações entre espaços, com particular enfoque na forma como o desenho pode incentivar processos de novas sociabilidades urbanas e de (re)coesão social. Designamos os espaços de transição entre a escala mais pública da cidade e os espaços edificados (espaços de carácter mais privado) como um dos principais aspectos que podem caracterizar o espaço urbano, social e colectivo, visto que as duas instâncias (a cidade o edifício) aproximam-se, exactamente, nessa transição, passagem.

¹¹⁰ ROCA, Miguel Ángel. Cap. VI “La Ciudad y las Utopías”, em *“Arquitectura, Ciudad, Cultura, Sociedad”*. Buenos Aires: Serie Ediciones Previas FADU-UBA, 1994. pp.54.

¹¹¹ TÁVORA, Fernando. *Da organização do Espaço*. Porto: FAUP Publicações, 2006 (1ª Edição 1962). pp.35.

¹¹² <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.036/684>. [consultado em: 1/10/12. 21:41h].

É fundamental contrariar a segregação e o individualismo das cidades, reunindo e integrando as pessoas e as suas actividades, fazendo da cidade um lugar de convivência, de vida, de diversidade, de heterogeneidade e de partilha de experiências entre indivíduos – as cidades são processos sociais. Pretende-se que a cidade seja um espaço unitário, coeso, coerente e ordenado.



O ESPAÇO

■ 3.1. O ESPAÇO

*“Paisagem e espaço não são sinónimos. A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima.”*¹¹³

Antes de abordarmos o tema da transição e, para melhor o entendermos, é importante esclarecermos dois conceitos: em primeiro lugar, o de Espaço e, posteriormente, o de Espaço-limite.

Durkheim define o espaço como sendo uma categoria de entendimento, afirmando que este é uma representação colectiva que exprime realidades colectivas, coisas sociais.¹¹⁴ Isto significa, como o próprio autor refere, que o espaço (do homem) não é uma entidade natural e abstracta, mas sim culturalmente construída: *“Assim, cada apropriação de um território (...) Impõe uma ordem anteriormente inexistente, transforma o caos primordial em cosmos; define um ‘centro’, estabelece ‘fronteiras’ (físicas ou simbólicas).”*¹¹⁵

O Espaço (o espaço arquitectónico) tem como base o potenciar/criar de oportunidades físicas para as práticas, interacções e manifestações sociais e humanas – ritos de socialização. Assim sendo, o espaço é indissociável da sociedade que o habita - existe uma estreita relação entre este e os tipos de organização e relação que nele se manifestam: *“Se puede por lo tanto, afirmar que el espacio se define en relación a los seres humanos que lo usan, que lo disfrutan, que se mueven en su interior, que lo recorren y lo dominan.”*¹¹⁶

¹¹³ AMARAL, Mariana Barros do. *Limites e possibilidades*. São Paulo: Escola de Engenharia de São Carlos. Departamento de Arquitectura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2007. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura e Urbanismo. pp.17

¹¹⁴ SILVANO, Filomena. *Antropología do Espaço. Uma introdução*. Oeiras: Celta Editora (2ª Edição), 2001. pp.8.

¹¹⁵ http://www.artecapital.net/arq_des.php?ref=11. [consultado em: 1/10/12. 21:53h]. MARTINS, João Paulo. *Arquitectura: Espaço e Ritual*. 2006.

¹¹⁶ SIGNORELLI, Amalia. *Antropología Urbana*. Barcelona: Anthropos Editorial, 1999. pp.53.

Isto significa que há (ou deveria haver, com a era da globalização perdeu-se e, por isso, a necessidade de repensar as formas de concepção do espaço) uma relação de reciprocidade entre duas instâncias: os ritos de socialização e o espaço – as práticas sociais (que são reflexo de uma identidade), determinam os espaços, e estes, por sua vez, determinam as práticas sociais: *“Deste ponto de vista, o rito é \”o ponto de união ou de tangência entre o mundo da forma e o da actividade: o único ponto através do qual pode traçar-se a arquitectura\”. Por conseguinte, a arquitectura será apenas “um procedimento capaz de dar forma à actividade, impondo-lhe umas regras que, apesar de serem próprias da forma, encontram na actividade uma correspondência analógica.”*¹¹⁷

O autor Manoel Alves afirma que *“Os espaços colectivos devem apresentar uma linguagem formal inserida num contexto de identidade não apenas constituídas por relações de volumetria entre espaços intersticiais e outras relações formais de uma arquitectura alienante, para que o cidadão se reconheça como habitante de sua própria cidade.”*¹¹⁸ A Antropóloga Amalia Signorelli também tem uma linha de pensamento que vai ao encontro desta ideia, defendendo que o espaço humano não é, e não pode ser, um contentor indiferenciado, homogêneo e de abstracção geométrica.¹¹⁹

Estudar esta problemática, sob o ponto de vista do indivíduo, é algo de extrema importância. Isto pelo simples facto de que a análise das relações espaciais e ambientais envolve conceitos heterogêneos de sensações de diversas naturezas experimentadas pelo Homem (ele é “actor” imprescindível de todo este processo): *“No hay duda que el uso antrópico, es decir, humano, del espacio, es instrumental y*

¹¹⁷ http://www.artecapital.net/arq_des.php?ref=11. [consultado em: 1/10/12. 21:53h]. MARTINS, João Paulo. *Arquitectura: Espaço e Ritual*. 2006.

¹¹⁸ AMARAL, Mariana Barros do. *Limites e possibilidades*. São Paulo: Escola de Engenharia de São Carlos. Departamento de Arquitectura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2007. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura e Urbanismo. pp.27

¹¹⁹ SIGNORELLI, Amalia. *Antropología Urbana*. Barcelona: Anthropos Editorial, 1999. pp.53.

expressivo, tanto funcional como simbólico, cognoscitivo y emotivo al mismo tiempo.”¹²⁰

Entre o corpo do Homem (corpo em movimento) e o espaço, existe uma relação dinâmica e interactiva às suas várias escalas: *“Estas passagens são realizadas com mudanças de ordem física, corporal e na presença da dimensão espacial. Trata-se da relação contínua que estabelecemos com o espaço através do movimento.”*¹²¹

O ser humano vivencia noções e percepções de interior/exterior (estou dentro?/estou fora?), de pertença e não pertença, de abrigo e do não abrigo, a partir da experiência do lugar.

¹²⁰ **SIGNORELLI**, Amalia. *Antropología Urbana*. Barcelona: Anthropos Editorial, 1999. pp.58.

¹²¹ **CUNHA**, Francisco Silva. *Da cidade à casa - A transição enquanto forma portadora de relação*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2010. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura. pp.39.

■ O ESPAÇO - LIMITE



■ 3.2. O ESPAÇO - LIMITE

*“Esta compreensão do limite permite a identificação perceptiva entre âmbitos espaciais diferenciados, e serve, por sua vez, de código de articulação sintáctica como entidade de definição, circunscrição perceptiva conformadora do espaço arquitectónico que se caracteriza em distintas formas: da barreira física, à delimitação etérea, à transição espacial, de que são exemplo: o muro, a superfície, o vão, soleira, o portal, a sombra, a superfície, o pórtico, a linha.”*¹²²

É importante explorar a ideia de limite (barreira construída) para uma melhor definição e compreensão da transição entre o interior e o exterior. É efectivamente nessa passagem que se aproximam duas instâncias fundamentais: a cidade e o edifício. Muitos foram os autores que se preocuparam e deram o seu contributo no esclarecimento da ideia de limite.

“Para Aristóteles o conceito limite relacionava-se com a ideia de terminus, o termo em que a «determinação de uma realidade é por assim dizer a delimitação dessa realidade. (...) A forma é o limite da coisa». (...) Limes, que em latim significa limite, é o principio da existência da identidade e da distinção que define o contorno da forma, a barreira física, que torna sensível e visível, o espaço resgatado e conformado da caixa e da câmara. O espaço arquitectónico é indissociável da noção fenomenológica de limite na qual fundamenta materialmente a sua existência e o seu sentido.

*Como observou Heidegger: «o limite não é aquilo onde qualquer coisa termina, mas antes, como os gregos observaram, o onde qualquer coisa começa a ser (...), e o espaço é essencialmente o que foi disposto, o que foi confinado».*¹²³

¹²² PINTO, Jorge Cruz. *O Espaço - Limite. Produção e recepção em Arquitectura*. Faculdade de Arquitectura de Lisboa: Edição ACD Editores, 2007. pp. 13.

¹²³ *Idem*. pp. 22.

Eugenio Trías fala do espaço limite, como espaço fronteiro habitável: “(...) *é um espaço no qual é possível habitar...o limes, de facto é um território habitável a partir do qual se abre a possibilidade do sentido e da significação.*”¹²⁴

Para Giedion a essência do espaço encontra-se, principalmente, na interacção dos elementos que o limitam. No seguimento desta ideia, Jorge Cruz Pinto defende que só é possível compreender o espaço, se o percepcionarmos através dos limites (“*O limite é a figura a partir do qual a arquitectura começa a ser...*”)¹²⁵ e barreiras materiais que o conformam, visto ser por natureza ilimitado – “*A arquitectura vê-se assim, como a arte de delimitar e conformar o espaço habitável.*”¹²⁶

Pode-se entender o limite, como o contorno onde algo começa, percebe e termina. Este é construído com qualidades formais determinadas pela geometria e pela materialidade. Jorge Cruz Pinto considera que o muro é o mais significativo exemplar de limite: “*A noção de limite vê no muro, o elemento arquitectónico elementar, a realidade física e material construída indissociável dos espaços que gera...*”.¹²⁷ O muro, como dupla pele, possui a condição de conformar duas instâncias muito próximas: o interior e o exterior. Este pode ter como função o simples acto de separar territórios ou, por sua vez, de ligar, conectar espaços, atenuando o limite do dentro e do fora, constatando-se, deste modo, uma relação de interdependência entre o espaço e o limite: “*Um limite pode tornar-se algo mais do que um simples obstáculo dominante se permitirmos que dele façam parte algumas qualidades motoras e visuais...(...) torna-se, então, mais uma costura do que uma barreira, uma linha de intercâmbio ao longo da qual foram alinhavadas duas áreas.*”¹²⁸

Jorge Cruz Pinto fala de limites comutativos, ou seja, limites que permitem o encerramento/demarcação (separação) e a

¹²⁴ PINTO, Jorge Cruz. *O Espaço - Limite. Produção e recepção em Arquitectura*. Faculdade de Arquitectura de Lisboa: Edição ACD Editores, 2007. pp. 23.

¹²⁵ *Idem.* pp. 23.

¹²⁶ *Ibidem.* pp. 21.

¹²⁷ *Ibidem.* pp. 25.

¹²⁸ LINCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70, 1999 (1ª Edição 1960). pp.113.

conexão/transição, diferenciando-se os distintos graus de relação através da opacidade e transparência dos elementos entre interior e exterior, de que são exemplo os vãos (portais, portas, janelas... - «*aberturas sobre o mundo*»¹²⁹). Ao mesmo tempo que uma janela (vidro) permite, visualmente, uma continuidade espacial até ao exterior, conforma um obstáculo, limitação à passagem.



FIGURA 3.1 – Limite físico, mas continuidade visual.

Church of the Light, Ibaraki, Osaka – Japan. 1989/ Tadao Ando.

Este autor diferencia, ainda, os limites em mais duas categorias: os *limites de demarcação subtil* e os *limites psicológicos*. Os primeiros referem-se às diferenças de linhas, texturas, cores, matéria, luminosidade, etc., exemplificando-o com uma passagem de um degrau de pedra a um de madeira, na transição para o interior. Perante tal situação, ocorrem mudanças transitivas graduais entre o exterior e o interior e de atitude ante o espaço. Por sua vez, os *limites psicológicos*, são entendidos como barreiras virtuais, que determinam

¹²⁹ **PINTO**, Jorge Cruz. *O Espaço - Limite. Produção e recepção em Arquitectura*. Faculdade de Arquitectura de Lisboa: Edição ACD Editores, 2007. pp. 48.

modos de comportamento inconsciente perante o espaço, muitas vezes mais eficientes que as barreiras físicas.

O limite é perceptível aos sentidos: “(...) *visível, tangível, audível...; algo que faz sentir a sua presença física, ou que simplesmente se enuncia subtilmente ou se intui inconscientemente...*”.¹³⁰ No que diz respeito à percepção visual dos limites, esta depende da luz nas suas distintas formas – “*Na percepção visual o espaço, os limites, a luz e a sombra jogam um papel indissociável, desde a criação arquitectónica, cargando-a de emotividade e de um sentido.*”¹³¹

Para além desta ideia de limite físico e social, Jorge Cruz Pinto fala-nos de um território envolvente que é contagiado por esta relação de reciprocidade imposta por esta “linha”: “(...) *referimo-nos à existência de um território indefinido de fronteira, ou melhor, de uma zona de influência de um ‘campo de forças’, análogo a um campo gravítico ou radiante que envolve imediatamente o limite físico da arquitectura e se expande por uma área de domínio ajudando a conformar a envolvente imediata, determinando uma presença de intensidade e sentido sobre ele. O campo actua como uma espécie de aura, ou auréola de «territorialidade», que ainda que invisível, faz pressentir a sua presença;*”.¹³²

¹³⁰ **PINTO**, Jorge Cruz. *O Espaço - Limite. Produção e recepção em Arquitectura*. Faculdade de Arquitectura de Lisboa: Edição ACD Editores, 2007. pp. 30.

¹³¹ *Idem.* pp. 38.

¹³² *Ibidem.* pp. 28.

■ TRANSIÇÃO PÚBLICO - PRIVADO, EXTERIOR - INTERIOR



■ 3.3. TRANSIÇÃO PÚBLICO-PRIVADO, EXTERIOR-INTERIOR

Hertzberger defende esta ideia de reciprocidade entre exterior e interior afirmando que: *“Devemos considerar a qualidade do espaço das ruas e dos edifícios relacionando-os uns com os outros. Um mosaico de inter-relações – como imaginamos que a vida urbana seja – requer uma organização espacial na qual a forma construída e o espaço exterior (que chamamos rua) não apenas sejam complementares no sentido espacial e, portanto, guardem uma relação de reciprocidade, mas ainda, e de modo especial – pois é com isto que estamos preocupados -, na qual a forma construída e o espaço exterior ofereçam o máximo de acesso para que possa penetrar no outro de tal modo que não só as fronteiras entre o exterior e o interior se tornem menos explícitas, como também se atenuem a rígida divisão entre o domínio privado e o público.”*¹³³

Entender não só a rua (considero que da ideia de rua vem intrínseca a questão de percurso e pavimento) como parte importante desse “mosaico de inter-relações” entre o exterior e a forma construída, mas também outras tipologias que fazem parte da textura urbana: como a praça, o pátio, o jardim, a escada, a rampa. Van Eyck aborda outros espaços na arquitectura que podem ser entendidos como o adensamento do espaço de comunicação para intermediar espaços públicos e privados: os alpendres, as varandas e as galerias.

Aprofundar a questão da rua (espaço de mobilidade, identidade, de interacção entre habitantes - palco da expressão social) - *“(...) a rua tem a vocação de preencher simultaneamente diversas ‘funções’ (circulação, comércio, sociabilidades...)”*¹³⁴ -, como elemento essencial de articulação exterior/interior. A rua é entendida como espaço público interior de passagem, que complementa as funções de mobilidade pedonal e de relações interpessoais nas novas e mais complexas

¹³³ HERTZBERGER, Herman. *Lições de Arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. pp.79.

¹³⁴ GRAFMEYER, Yves. *Sociologia Urbana*. Paris: Publicações Europa-América, 1994. pp.127.

formas construídas nas cidades contemporâneas. Hertzberger descreve esta transição do ponto de vista de um sistema: “(...) Quando entramos pouco a pouco num lugar, a porta da frente perde a sua significação como algo singular e abrupto, ele é ampliado, por assim dizer, para formar uma sequência passo-a-passo de áreas que ainda não são explicitamente o interior, mas ao mesmo tempo já são menos explicitamente públicas. A expressão mais evidente deste mecanismo de acesso deve ser vista nas galerias, e realmente não surpreende, portanto, que a ideia de galeria ainda sirva como exemplo hoje.”¹³⁵

Esta ideia de percurso, que faz a transição do exterior para o interior, foi bastante estudada por Walter Benjamin, filósofo e sociólogo alemão. Este autor considera que “(...) a passagem é uma cidade”¹³⁶, elogiando a riqueza das relações sociais que nela acontecem. Também Boris Albornoz Vintililla salienta que “(...) Na passagem, o interior e o exterior relativizam-se, a orientação e os limites confundem-se, o tempo condensa-se.”¹³⁷



FIGURA 3.2 e 3.3 (respectivamente) – Galeria du Caire, Paris, 1779; Galeria Vivienne. Paris.

¹³⁵ HERTZBERGER, Herman. *Lições de Arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. pp.79.

¹³⁶ BENJAMIN, Walter. Citado Por Luís Rasteiro In *Espaços Públicos Interior de Passagem*. Lisboa: Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa, 2008. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura. pp.18.

¹³⁷ VINTIMILLA, Boris Albornoz. Citado Por Luís Rasteiro In *Espaços Públicos Interior de Passagem*. Lisboa: Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa, 2008. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura. pp.18.

Há outros aspectos que é importante explorar, com o objectivo de compreender como é que a arquitectura pode relacionar escalas diferentes, estabelecendo a conexão desde a escala da cidade até à escala do corpo humano. Para que exista uma maior associação entre os espaços exteriores e interiores, tem de haver uma gradação progressiva desde os espaços mais públicos e dinâmicos até aos mais privados. Hertzberger referencia recursos arquitectónicos a ter em conta para este processo, “(...) *Uma sequência gradual de indicações mediante recursos arquitectónicos assegura uma entrada e uma saída graduais. O complexo inteiro de experiências evocadas pelos recursos arquitectónicos contribui para este processo: gradações de altura, largura, grau de iluminação (natural e artificial), materiais, diferentes níveis de chão.*”¹³⁸ São signos de reconhecimento gradual entre o exterior e o interior, obrigando o indivíduo, subtilmente, a mudar de atitude perante a transição entre espaços. Tomando o referente da altura, percebemos facilmente que quanto mais alto for o pé direito de um edifício, maior será a probabilidade de associação ao espaço exterior, tendo, deste modo, um carácter mais público. Diminuindo a pouco a altura, possibilita-se uma transição gradativa entre as duas instâncias. O mesmo se verifica com a materialidade: ao serem utilizados materiais característicos dos espaços públicos no interior de um edifício (como por exemplo, os pavimentos de calçada), existirá um maior sentimento de conexão por parte do usuário ao espaço exterior. Ao nível da iluminação, é também importante que esta, de acordo com a sua respectiva utilização, permita uma passagem ténue entre a envolvente exterior e o edifício. A iluminação zenital ou superior, por exemplo, remete a associações com a rua, garantindo ao espaço interior um carácter mais público e colectivo.

¹³⁸ HERTZBERGER, Herman. *Lições de Arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. pp.86.

■ RITOS DE PASSAGEM, ESPAÇOS INTERMÉDIOS E ■ ESPAÇOS VÁLVULA



■ 3.3.1. RITOS DE PASSAGEM, ESPAÇOS INTERMÉDIOS E ESPAÇOS VÁLVULA

*“Esta noção, tantas vezes esquecida, de que o espaço que separa – e liga – as formas é também forma, é noção fundamental, pois é ela que nos permite ganhar consciência plena de que não há formas isoladas e de que uma relação existe sempre, quer entre as formas que vemos ocuparem o espaço, quer entre elas e o espaço que, embora não vejamos, sabemos constituir forma – negativo ou molde – das formas aparentes.”*¹³⁹

Quando falamos de *limite*, abordamos a passagem do exterior ao interior, a “(...) *capacidade para reestabelecer a ligação entre todas as polaridades da realidade*”.¹⁴⁰ Referimo-nos, ainda, a rituais de entrada, de transição entre dois mundos (de um estado aberto a um espaço delimitado), que tanto podem corresponder a uma situação comum e inconsciente do quotidiano, como a um acto iniciático e simbólico: *“A noção arquitectónica de limite, envolve assim a barreira construída, a simples perceptivo de diferenciação, do espaço fronteiro de transição entre o exterior e o interior que vai da espessura muraria da ombreira, nos seus vários gradientes e mediações espaciais de vazio, à profundidade da espacialidade contida no átrio, que adquire já um sentido interior de aposento prévia a outras estâncias de maior interioridade.”*¹⁴¹ Van Gennep clarificou as três etapas que compõem a sequência típica dos ritos de passagem: ‘separação’, ‘margem’ e ‘agregação’. Contudo, o autor foi mais longe, especificando esta identificação com as transições espaciais,

¹³⁹ TÁVORA, Fernando. *Da organização do Espaço*. Porto: FAUP Publicações, 2006 (1ª Edição 1962). pp.12.

¹⁴⁰ http://www.artecapital.net/arq_des.php?ref=11. [consultado em: 1/10/12. 21:53h]. MARTINS, João Paulo. *Arquitectura: Espaço e Ritual*. 2006.

¹⁴¹ PINTO, Jorge Cruz. *O Espaço - Limite. Produção e recepção em Arquitectura*. Faculdade de Arquitectura de Lisboa: Edição ACD Editores, 2007. pp. 24.

designando “(...) as três fases do rito pelos termos ‘preliminar’, ‘liminar’ e ‘pós-liminar’, decorrentes de *limen* – o vocábulo latino para soleira ou limiar.”¹⁴² Deste processo são importantes elementos como a soleira, a ombreira, o lintel que definem o portal. “Nas palavras de M. Eliade: «A soleira concretiza tanto a delimitação entre o ‘fora’ e o ‘dentro’ como a possibilidade da passagem de uma zona a outra (do Profano ao Sagrado)».”¹⁴³

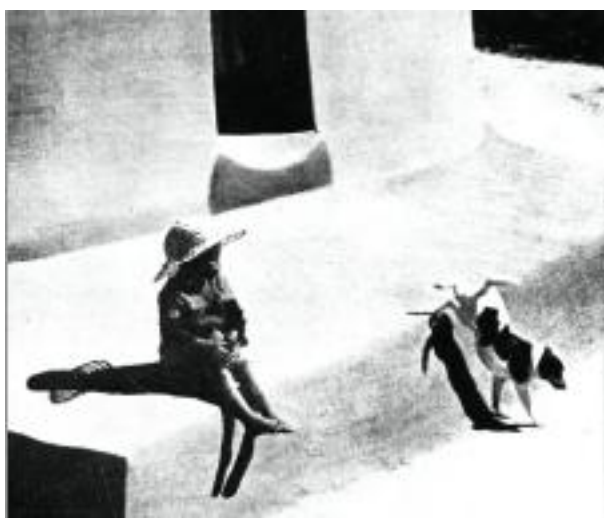


FIGURA 3.4 – A soleira como espaço intermédio

Hertzberger trabalha o conceito de Intervalos, ou seja, trabalha as demarcações de domínio como um espaço intermédio articulado entre o exterior e o interior, o público e o privado, no qual as polaridades espaciais se encontram e se reconciliam num composto binário fundamental.¹⁴⁴ Deste modo, os lugares intermédios, ao desenvolverem um ambiente onde todos os elementos se interligam, são responsáveis por articular transições que possibilitam a diminuição da rigidez da fronteira entre territórios diferentes, o diálogo entre ordens de distintas realidades: “(...) tais limites podem ser

¹⁴² http://www.artecapital.net/arq_des.php?ref=11. [consultado em: 1/10/12. 21:53h]. MARTINS, João Paulo. *Arquitectura: Espaço e Ritual*. 2006.

¹⁴³ PINTO, Jorge Cruz. *O Espaço - Limite. Produção e recepção em Arquitectura*. Faculdade de Arquitectura de Lisboa: Edição ACD Editores, 2007. pp. 24.

¹⁴⁴ http://www.artecapital.net/arq_des.php?ref=11. [consultado em: 1/10/12. 21:53h]. MARTINS, João Paulo. *Arquitectura: Espaço e Ritual*. 2006.

barreiras mais ou menos penetráveis, (...) podem ser costuras, linhas ao longo das quais regiões se relacionam e encontram.”¹⁴⁵ Também Amalia Signorelli defende esta ideia: “(...) *uma nova proposta para pensar o espaço em que a ideia de fronteira – tida não como uma linha que separa espaços estáveis, mas como um espaço intermédio, derrapante, poroso – surge como a figura espacial dominante.*”¹⁴⁶ A soleira como noção de Intervalo, “(...) *significa em primeiro lugar e acima de tudo, criar um espaço para as boas-vindas e despedidas, e, portanto, é a tradução em termos arquitectónicos de hospitalidade.*”¹⁴⁷ Deste modo, é também determinante mencionar, e ter em conta, estes espaços de transição (espaços cuja estrutura absorve características do espaço exterior e interior, fazendo uma articulação subtil entre estes dois mundos), como espaços que geram o convívio, o diálogo e a estadia, ou seja, onde se torna possível a socialização: “*Essas passagens sociais envolvem transformações na ordem do corpo, são combinadas com passagens materiais e identificadas com elas: a entrada num povoado ou num edifício, a passagem de um quarto para o outro; um salto ou a transposição de um limiar ou um pórtico, um percurso através das ruas ou das praças.*”¹⁴⁸

Isto significa que é necessário reflectir sobre a transição na arquitectura sob o ponto de vista de um sistema, que tem como premissa, o espaço enquanto potenciador das manifestações humanas e sociais, enquanto gerador de identidade, de segurança e bem estar. Para além do *espaço intermédio* como elemento de transição, existe o *espaço válvula*: “(...) *antecâmaras que controlam e preservam o*

¹⁴⁵ LINCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70, 1999 (1ª Edição 1960). pp.58.

¹⁴⁶ SIGNORELLI, Amalia. *Antropología Urbana*. Barcelona: Anthropos Editorial, 1999. pp.85.

¹⁴⁷ HERTZBERGER, Herman. *Lições de Arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. pp.35.

¹⁴⁸ GENNEP, Arnold Van. Citado por João Paulo Martins In http://www.artecapital.net/arq_des.php?ref=11. [consultado em: 1/10/12. 21:53h]. *Arquitectura: Espaço e Ritual*. 2006.

ambiente dos espaços a que dão acesso.”¹⁴⁹ Associado a estes dois espaços, surge como elemento muito importante de transição, a porta: *“Van Eyck sublinhava o carácter humano, relacional, da porta, lugar de \”um gesto humano maravilhoso: a entrada e a saída conscientes\”. A porta, afirmava, \”enquadra-nos à chegada e à partida, é uma experiência vital não apenas para aqueles que a transpõem mas também para aqueles que encontramos ou deixamos atrás dela. A porta é um lugar feito para uma ocasião. A porta é o lugar feito para um acto que é repetido milhões de vezes numa vida, entre a primeira entrada e a última saída\.”*¹⁵⁰



FIGURA 3.5 e 3.6 (respectivamente) – Espaço intermédio – escadaria e pórtico de entrada; Espaço válvula – antecâmara de entrada.

Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, 1958/ Porfírio Pardal Monteiro.

Defendia que a porta não devia dividir os domínios que separa de maneira abrupta, constituindo uma simples barreira insensível e rígida, mas antes assumir a fronteira, harmonizando-a e integrando-a, em complementaridade: *“(...) ser um lugar articulado que pertence*

¹⁴⁹ **BOTELHO**, Simão Silveira. *Espaços de Transição. Preservação da privacidade e estímulo do contacto social*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2010. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura. Página 25.

¹⁵⁰ **EYCK**, Aldo Van. Citado por João Paulo Martins In http://www.artecapital.net/arq_des.php?ref=11. [consultado em: 1/10/12. 21:53h]. *Arquitectura: Espaço e Ritual*. 2006.

*tanto ao interior como ao exterior, um lugar onde os aspectos significantes de ambos os lados estão simultaneamente presentes. A porta devia expandir-se e adoptar uma forma capaz de evocar as boas-vindas, de constituir um convite à pausa, à permanência.”*¹⁵¹

¹⁵¹ http://www.artecapital.net/arq_des.php?ref=11. [consultado em: 1/10/12. 21:53h]. MARTINS, João Paulo. *Arquitectura: Espaço e Ritual*. 2006.



CASOS DE ESTUDO I ANÁLISE DE EXEMPLOS PRÁTICOS



■ 4. CASOS DE ESTUDO I ANÁLISE DE EXEMPLOS PRÁTICOS

■ 4.1. EDIFÍCIO - CIDADE

Como complemento à teorização explanada nos capítulos 2 e 3, são apresentados exemplos de soluções práticas a nível local, de edifícios cujas ambiências e relações considero que clarificam o conceito de “edifício – cidade” estudado anteriormente. Procurei, deste modo, identificar em intervenções na cidade “arquitecturas” que possuam características como: articulação e integração entre o edifício, o meio envolvente e a paisagem; espaços públicos e colectivos que definem e regeneram dinâmicas urbanas; percursos de ligação e circulação com a malha urbana pré-existente; relações de continuidade e reciprocidade entre os limites que separam os espaços não edificados dos edificados, o exterior do interior, tornando-os indissociáveis, de forma a valorizar o lugar e criar novas relações com o mesmo, incentivando processos de novas sociabilidades.

■ 4.1.1. MASP – MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO I LINA BO BARDI



FIGURA 4.1 – MASP – Museu de Arte de São Paulo, 1968/ Lina Bo Bardi.

Inaugurada a nova sede em 1968, o MASP foi idealizado por Assis Chateaubriand e Pietro Maria Bardi. É hoje o mais importante museu de arte ocidental do Hemisfério Sul. O edifício sede do museu, com 11.000 metros quadrados divididos em 5 pavimentos, e localizado exactamente em frente à maior massa de verde da região (Parque Trianon) e num dos pontos mais altos da cidade, é já um ícone da cidade de São Paulo. Além de museu, o MASP é um centro cultural que proporciona diversas actividades ao público: escola de arte, ateliers, espectáculos de dança, música e teatro, palestras e debates, etc.

O edifício, projectado pela Arquitecta Lina Bo Bardi, tinha como condição primordial, imposta pelo doador do terreno à prefeitura de São Paulo, a preservação da vista para o centro da cidade e para a Serra da Cantareira através do vale da Avenida 9 de Julho. Foi precisamente desta imposição que nasceu a estrutura da edificação: concebendo-se um bloco subterrâneo e um elevado (a oito metros do chão) e suspenso sobre quatro pilares laterais, resultou um vão livre de 74 metros. A elevação da “grande caixa” permite a libertação do piso térreo, garantindo assim a permeabilidade do espaço urbano e a conexão e enquadramento visual total da paisagem. Lina Bo Bardi idealizou esta esplanada mirante como uma grande praça para as pessoas, incentivando a socialização: *“Uma arquitetura simples, uma arquitetura que pudesse comunicar de imediato aquilo que no passado, se chamou de “monumental”, isto é, o sentido de “coletivo”, da “Dignidade Cívica” [...].”*¹⁵²

Apesar de este desejo permanente em todas as suas obras de conceber espaços propícios à coesão social, neste caso específico foi mais do que isso: foi o respeitar a memória e identidade do lugar, visto que antes, esse espaço (Belvedere Trianon) era já um lugar privilegiado de encontro entre indivíduos.

¹⁵² <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.129/3500>. [consultado em: 7/1/13. 15:36h].

“O famoso vão do MASP não foi uma excentricidade, o que em linguagem popular se poderia chamar ‘frescura arquitectónica’. É que aquele terreno, onde estava o antigo Belvedere do Trianon, foi doado por uma família de São Paulo que impôs como condição a manutenção daquela vista, que deveria ficar para sempre na história da cidade.”¹⁵³

Relacionado com o Parque Trianon e sobre o túnel da Avenida 9 de Julho, o MASP é um bom exemplo em que a arquitectura do edifício do Museu e o espaço urbano foram pensados e relacionados como um todo, como um corpo indissociável. É constituído por um embasamento (lado da Av. 9 de Julho), cuja cobertura é o grande belvedere. Desta parte subterrânea do edifício fazem parte, o salão cívico, sede de reuniões públicas e políticas, um grande teatro-auditório e um pequeno auditório de projeções.

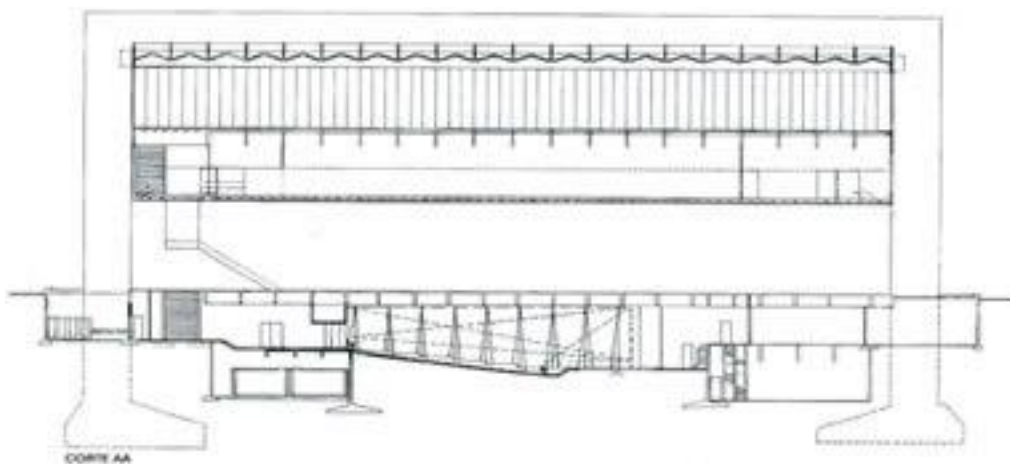


FIGURA 4.2 – MASP – corte longitudinal do edifício.

¹⁵³ AMARAL, Mariana Barros do. *Limites e possibilidades*. São Paulo: Escola de Engenharia de São Carlos. Departamento de Arquitectura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2007. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura e Urbanismo. pp.127.



FIGURA 4.3 – MASP – vista do museu voltado para avenida 9 de julho, onde se vê o grande prisma, mas não o grande vão livre, que desaparece pela presença dos terraços escalonados de onde brotam uma densa vegetação.

Acima do belvedere, inserido, portanto, num lote muito importante da Avenida Paulista (entre o imenso verde do Parque Siqueira Campos e a vista sobre a paisagem da cidade), ergue-se o edifício. Este tem a capacidade de articulação e integração com o entorno existente e tecido urbano, ao reforçar um eixo transversal de ligação entre as várias instâncias da avenida. Deste modo, a complementaridade e continuidade que existe entre as duas margens da Avenida, ou seja, entre o parque e o museu, define um eixo de espaços públicos muito importante, fazendo-os parte integrante do espaço urbano, tornando-os parte da cidade.



FIGURA 4.4 – MASP – Vista aérea sobre o Parque Siqueira Campos, a Avenida Paulista, o Museu e a Avenida 9 de Julho.

*“Quer nos aproximemos dele por baixo ou pela Paulista – ao vê-lo de longe, como um núcleo situado sobre o túnel, naquele espaço enorme, ou ao vê-lo enquanto passamos por perto, abrindo-se para o mesmo espaço desde o alto, o MASP não é apenas mais um outro belo edifício, mas um fenômeno.”*¹⁵⁴

O nível do piso térreo (totalmente acessível), sendo uma área parcialmente coberta, permite aos pedestres o conforto do passeio abrigado, agora mais distante do movimento dos carros. A materialidade do piso, que remete à das ruas da cidade (calçada), reforça o sentido de extensão e continuidade urbana. Para além disso, a zona da praça coberta, devido às suas características protectoras, às grandes dimensões e localização, faz deste lugar um ótimo espaço para eventos culturais, feiras, manifestações políticas, local de abrigo, área de espera para entrar no museu...

¹⁵⁴ **AMARAL**, Mariana Barros do. *Limites e possibilidades*. São Paulo: Escola de Engenharia de São Carlos. Departamento de Arquitectura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2007. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura e Urbanismo. pp.131.

Há quase uma impossibilidade de delimitarmos os limites entre o espaço público e o privado, podendo ser considerado todo o nível térreo, tanto o espaço do museu, como da cidade enquanto corpo indissociável.



FIGURA 4.5 e 4.6 (respectivamente) – MASP – Distintas utilizações da praça coberta do edifício: fila de espera para entrar no Museu e espaço apropriado por uma feira.

A extensão urbana criada no piso da rua, compõem-se e distingue-se, deste modo, por dois espaços diversos, mas integrados: um descoberto e outro coberto pela grande laje. Esta diferenciação de características do espaço público e colectivo permite uma ampla possibilidade de funções: a zona da praça coberta, com as respectivas utilidades descritas anteriormente, e a zona descoberta, por sua vez, pode ser entendida como um grande espaço com áreas de estar formadas por assentos.



FIGURA 4.7 e 4.8 (respectivamente) – MASP – Zona descoberta do edifício, caracterizada por área de estar e miradouro sobre a cidade.

■ 4.1.2. BIBLIOTECA NACIONAL DE BUENOS AIRES I CLORINDO TESTA I FRANCISCO BULLRICH I ALICIA CAZZANIGA



FIGURA 4.9 – Biblioteca Nacional de Buenos, 1962-1992/ Clorindo Testa, Francisco Bullrich e Alicia Cazzaniga.

A Biblioteca Nacional, projectada pelos Arquitectos Clorido Testa, Francisco Bullrich e Alicia Cazzaniga, encontra-se edificada no Bairro Recoleta, um dos lugares mais emblemáticos da cidade. O quarteirão onde se insere está delimitado pelas Avenidas Libertador e Las Heras, e pelas ruas Austria e Agüero.

As vias adjacentes ao terreno configuram-se de maneira distinta entre elas, tanto por aspectos de dimensionamento viário, como pelas tipologias que nelas se concentram. As ruas Austria e Agüero, as duas longitudinais ao terreno, distinguem-se pelas características próprias de bairro que possuem, estabelecendo relações entre as edificações

residenciais que configuram o espaço urbano e o edifício da Biblioteca. A ausência de edificação no final da rua Agüero possibilita uma intensa relação de continuidade espacial e visual entre a área verde do jardim existente no terreno de implantação da Biblioteca e a Plaza Mitre. A região envolvente à edificação distingue-se por um extenso corredor verde (para além das áreas já mencionadas). Deste modo, devido à manutenção deste corredor e à existência de poucas construções sobre este, é assegurada a amplitude visual até ao Rio de La Plata, principalmente desde o talude elevado do terreno da Biblioteca.

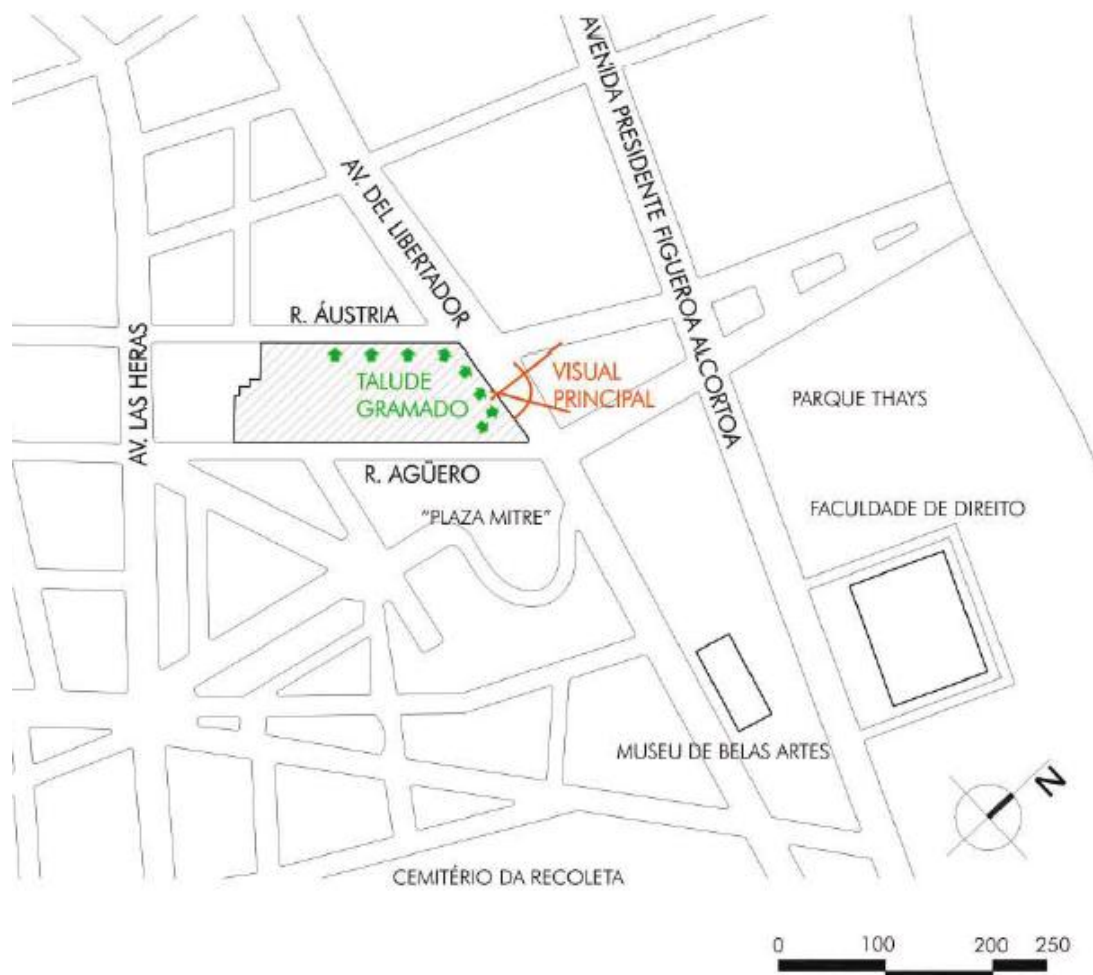


FIGURA 4.10 – Implantação da Biblioteca Nacional de Buenos e relações visuais com a envolvente urbana.

A formalização deste projecto que ganhou o concurso, em 1962, mas de construção concluída somente em 1992, prendeu-se, essencialmente, com a preocupação da preservação da envolvente existente (assegurando a salvaguarda do espaço verde), da implantação, do lugar, e com a garantia de que mais tarde com futuras alterações da Biblioteca (uma Biblioteca Nacional tem que estar preparada para permanentes ampliações devido ao crescimento do depósito), estas características não seriam modificadas:

*“Vou organizando as coisas em função do que me foi solicitado, sempre confrontando o meu traçado com o que o lugar me permite e me condiciona – preexistências naturais ou construídas, por exemplo -, numa tensão entre o que desejo e o que existe. Crio, assim, uma espécie de problema produtivo, no qual a intenção e preexistências vão criando um contraponto. A proposta vai-se encaixando no que existe e passa a fazer parte da realidade, mas tudo sempre muito ordenado.”*¹⁵⁵

Assim, o grande depósito de 25.000 m² foi projectado enterrado, numa zona rodeada de jardins, estando sujeito a futuras extensões sem que isso constitua uma preocupação. Por sua vez, as salas de leitura e de estudo que se encontram distanciadas do nível da terra, apresentam óptimas condições para a leitura e concentração intelectual ao estarem rodeadas por natureza. As estruturas das duas partes em que se divide a obra são, desta forma, completamente independentes: o depósito dos livros subterrâneo (3 pisos) e a hemeroteca semienterrada (1 piso) fundam-se de maneira directa sobre o terreno natural, e a parte visível do edifício (dividido em quatro pisos) apoia-se em quatro grandes pilares que, por conseguinte, permitem o desenho de uma grande praça livre no piso

¹⁵⁵ <http://www.arcoweb.com.br/entrevista/clorindo-testa-uma-conversa-05-11-2002.html>. [consultado em: 15/10/12. 11:53h].

térreo com vista sobre a cidade, à qual se acede por todas as frentes que o delimitam, mediante rampas e escadas:

“(...) os quatro grandes pilares em forma de tubos que suportam o corpo do edifício alojam as escadas e elevadores, permitindo configurar um grande espaço coberto e aberto como uma espécie de praça pública, que constitui o acesso à biblioteca. No volume superior estão os sectores administrativos, as áreas de exposições, o foyer do auditório, o café e as salas de leitura com vistas para a paisagem. Os livros, que são a parte pesada do programa, estão no subsolo. Dessa forma, a ordem funcional manifesta-se na composição do edifício.”¹⁵⁶



FIGURA 4.11 – Praça da Biblioteca Nacional – desenho de Clorindo Testa.

Como foi referido anteriormente, o acesso ao edifício é feito por todas as suas frentes. A entrada pela rua Austria é efectuada por meio de uma escada de linhas sinuosas que acompanha as expressões naturais do terreno. Por sua vez, desde a rua Agüero, onde se verifica

¹⁵⁶ <http://www.arcoweb.com.br/entrevista/clorindo-testa-uma-conversa-05-11-2002.html>. [consultado em: 15/10/12. 11:53h].

uma maior aproximação da edificação em relação à rua, surge uma rampa de pedestres. Outros dois acessos são conformados perpendicularmente aos anteriormente descritos, traduzindo assim, a facilidade na aproximação à edificação desde todas as ruas adjacentes. Desde a Av. Libertador, a entrada faz-se através de uma rampa de declive pouco acentuado. Na ponta oposta do terreno, encontra-se uma escada helicoidal que, além de responder à sua função, expressa-se como uma escultura urbana.

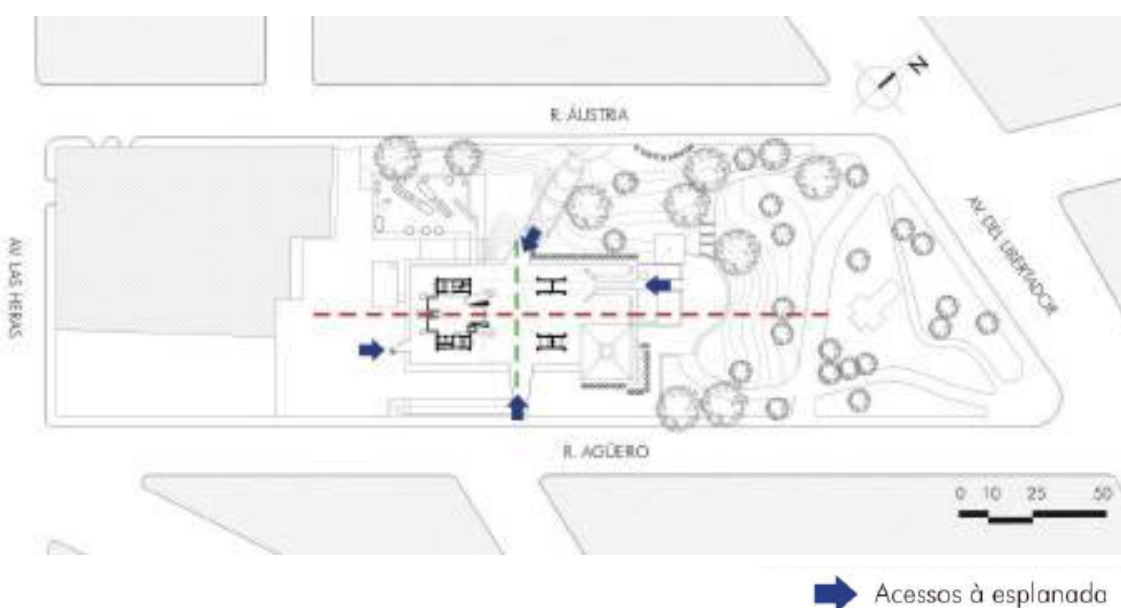


FIGURA 4.12 – Planta de implantação e acessos.



FIGURA 4.13 e 4.14 (respectivamente) – Acesso à praça do edifício através de escadas pela rua Austria e por rampa pela rua Agüero.



FIGURA 4.15 e 4.16 (respectivamente) – Acesso à praça do edifício através de uma rampa desde a Av. Libertador e por umas escadas escultóricas desde da entrada pela Av. De Las Heras.

Consideraram os autores do projecto que a configuração volumétrica do edifício devia exprimir, claramente, as funções que cada uma das partes desempenha dentro do conjunto, de modo a que a organização interna da obra possa ser “lida” facilmente desde o exterior. Deste desejo, surgiu em parte a ideia de sobrelevar os âmbitos de uso público, possibilitando que os espaços dos jardins pré-existentis continuem de forma ininterrupta ao longo do piso térreo, parcialmente coberto pelo corpo suspenso: *“O autor guiou-se primordialmente pelo critério de respeitar as características existentes no terreno e do entorno, valendo-se de uma impecável implantação do edifício que se localiza em um espaço sem ocupar o terreno. (...) O espaço exterior mantém o seu carácter de protagonista da composição: atravessa livremente o edifício e está sempre presente em todos os ambientes principais desde os quais se domina, por meio de amplas visuais, a paisagem circundante.”*¹⁵⁷

A extensão urbana e colectiva criada pela praça (denominada “panza”, barriga em português), que se encontra elevada do nível das ruas circundantes por respeito à topografia pré-existente, constitui um

¹⁵⁷ CORADIN, Cassandra Salton. *Clorindo Testa: A Arquitetura da Biblioteca Nacional*. Porto Alegre: Faculdade de Arquitectura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura. pp.129.

lugar singular da cidade e de múltiplas funções, que confere uma relação de continuidade com o entorno: miradouro sobre a cidade, lugar de abrigo, espaço para distintas actividades culturais e recreativas, lugar de entrada e saída (boas-vindas e despedidas), lugar de espera, de estar (com assentos para o efeito), ou seja, local privilegiado para a socialização: *“A arquitectura, em sua configuração urbana, deve contribuir para favorecer as relações sociais, a conexão do diverso; permitir que os diferentes usos mantenham continuidade e possibilitem ter a sensação de fazer parte de algo maior.”*¹⁵⁸



FIGURA 4.17 – Praça do edifício com vista sobre a cidade e rio de La Plata.

A praça, que constituí uma quinta fachada, é um elemento importante onde se verifica a preocupação da atenuação dos limites que separam o domínio público do domínio privado, o exterior do interior. É bem visível a graduação espacial que existe entre a praça totalmente descoberta, passando pela instância coberta e terminado na entrada e hall do piso 0.

¹⁵⁸ <http://www.arcoweb.com.br/entrevista/clorindo-testa-uma-conversa-05-11-2002.html>. [consultado em: 15/10/12. 11:53h].

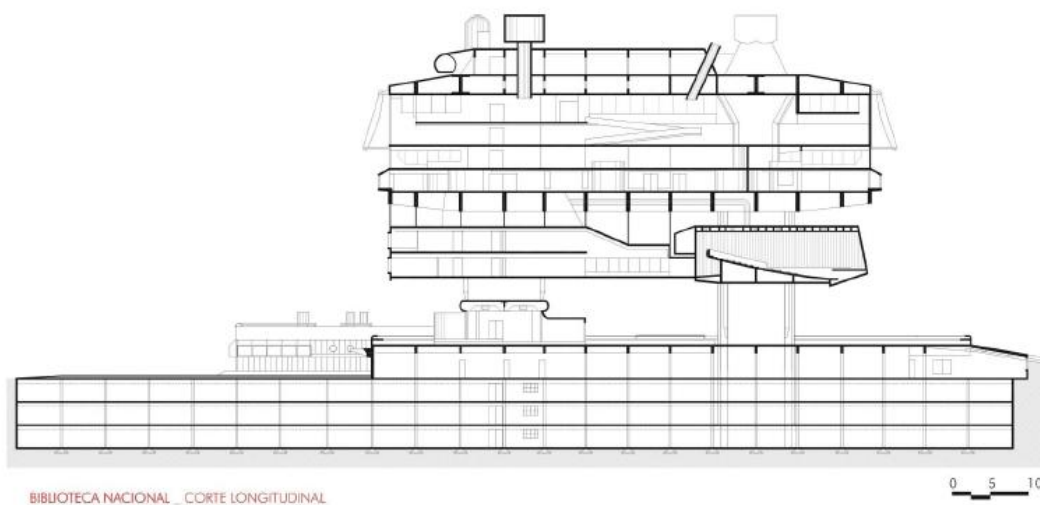


FIGURA 4.18 – Corte Longitudinal. Relação entre a Praça descoberta, coberta e a entrada do edifício. Leitura: da direita para a esquerda.

Este projecto tem características muito importantes que são de referência essencial: o valor dado à instância pública, à transparência entre o espaço público e o privado; a preocupação em fazer com que a cidade não perca a sua “caminhabilidade”, a condição de espaço público integrado na escala do indivíduo enquanto pedestre; a conjugação dos elementos naturais do terreno (topografia, entorno urbano e elementos vegetais) com edifício...

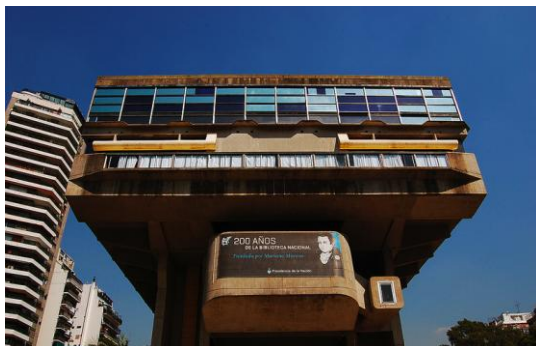


FIGURA 4.19 e 4.20 – Imagens do exterior da Biblioteca Nacional.

A IMPOSSIBILIDADE DA CIDADE

“Já não praticamos a cidade. A espaços ela apanha-nos desprevenidos e deslumbra. E o prazer perdura, torna-se memória, talvez cultura ou modo de estar, obrigação de descobrir, procurar e construir. Lisboa ressent-se. A última praça que conheceu foi o Areeiro, incompleto dos anos 40.”

TAMM, Carlos. *A impossibilidade da Cidade*, In REVISTA EGOÍSTA. Número 25 – *Cidade I*. Casino Estoril, Casino Póvoa de Varzim, Dezembro 2005. pp. 43.

PROJECTO I DESCRIÇÃO



■ 5. PROJECTO I DESCRIÇÃO

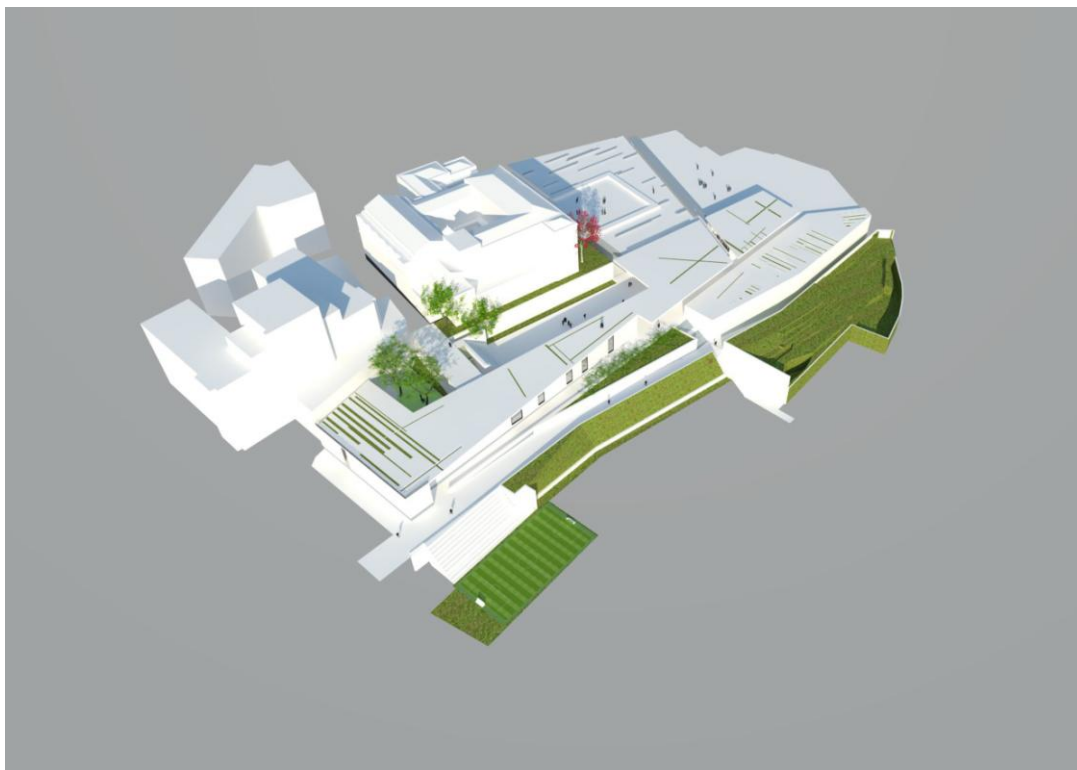


FIGURA 5.1 – 3D geral da proposta.

■ 5.1. ELEIÇÃO DO LOCAL DE TRABALHO I ENQUADRAMENTO URBANO

Foi-nos proposto re-pensar a cidade de hoje, cidade resultante de diferentes camadas de história, que se traduzem numa paisagem complexa. Optei por intervir no sector urbano do Hospital de Santo António dos Capuchos por ser uma unidade de grande complexidade, de localização única e vista privilegiada, lugar de grande potencial de reintegração no tecido físico, cultural e social do sistema urbano.

O actual Hospital localiza-se junto ao Campo dos Mártires da Pátria, na Calçada de Santo António dos Capuchos, numa das Freguesias da Colina de Santana, Freguesia de São José (Distrito de Lisboa).

A Colina de Santana, situada a Noroeste da Colina do Castelo, constitui uma significativa referência topográfica na envolvente próxima pela sua localização privilegiada e ímpar. Encontra-se entre duas Avenidas de grande importância na cidade de Lisboa: Avenida de Liberdade e Avenida Almirante Reis.

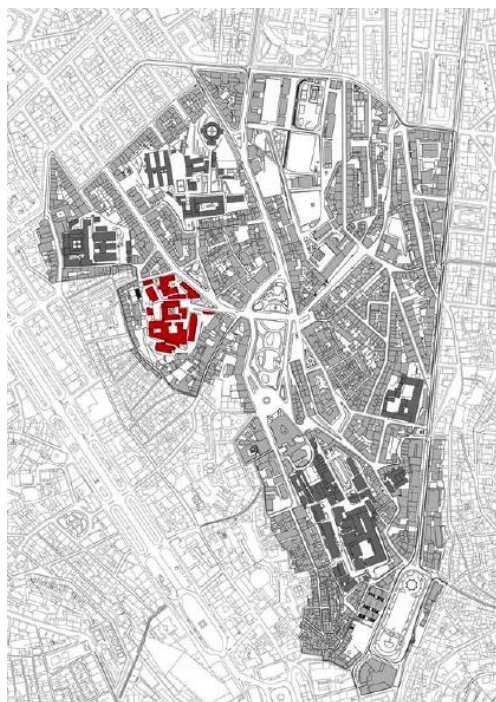


FIGURA 5.2 – Mapa de localização do Hospital de Santo António dos Capuchos na Colina de Santana.

■ 5.2. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

Actualmente, o Hospital de Santo António dos Capuchos incorpora um hospital civil, que é propriedade estatal. A sua utilização inicial, de cariz religioso, era o Convento da Ordem de São Francisco. A construção realizou-se entre os séculos XVI e XVII e o Arquitecto da obra foi João Crisóstomo Policarpo da Silva.

Evolução histórica:

1579 – Fundação do Convento Santo António dos Capuchos.

1755 – Parcialmente destruído pelo terramoto (Convento e Igreja). Reconstruído e melhorado por devotos.

1834 – Desocupado após a extinção das ordens religiosas.

1836 - Asilo da Mendicidade de Lisboa. Grande crescimento.

1854 – Compra do Palácio dos Condes de Murça (XVII).

1928 – Hospital dos Capuchos (anexo de São José). Transferência do Asilo para o Mosteiro de Alcobaça.

1940 – A comissão de construções hospitalares modifica o claustro, dando origem a uma série de edifícios dispersos. Até aos anos 90, a Igreja albergou o Arquivo dos HCL.

2012 – Hospital de Santo António dos Capuchos.

ÁREA CONSTRUÍDA: 12.585,92 M2

ÁREA TOTAL: 33.818,94 M2

ÁREA PROTEGIDA: 1.877,61 M2¹⁵⁹

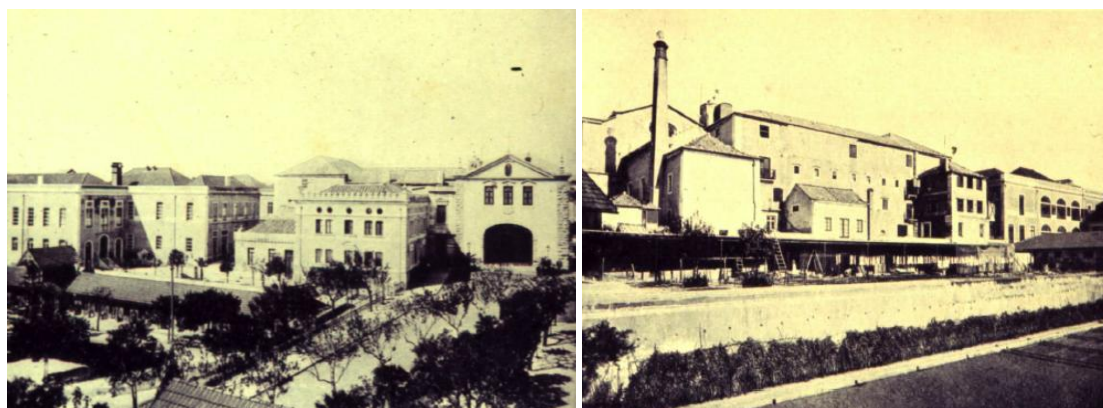


FIGURA 5.3 e 5.4 – Vista geral do Asilo; Vista exterior do complexo.

■ 5.3. CONDICIONANTES I NECESSIDADES I OBJECTIVOS

“Debemos adoptar una u otra actitud da-dora de sentido frente a la explosión urbana de fragmentos de sítios, de obras, lugares, y pensar que fuertes operaciones de intervención pueden dar unidad y continuidad, estructurando el collage a partir de reconocer su peculiaridade universal.”¹⁶⁰

¹⁵⁹ Informação sem fonte. Adquirida no âmbito da Disciplina de Projecto no ano curricular 11/12 – Miarq5A.

¹⁶⁰ ROCA, Miguel Ángel. “Ciudad como deber”, em *“Notas desde el Sur”* N°1. Córdoba: Ediciones FUNDAR, 1993. pp. 46.

O novo espaço que recriei, no Pólo hospitalar dos Capuchos que será brevemente desocupado, resultou de duas conjunturas e instâncias de trabalho distintas, mas sempre em articulação – teórica (investigação desenvolvida nos capítulos anteriores) e prática (projecto).

O projecto teve como premissa fulcral a transformação deste pólo num espaço aberto que se integre e articule na malha urbana, no meio envolvente, na paisagem e na vida da cidade e daqueles que nela habitam, tornando-o fonte de vida e meio de diálogo com os habitantes. Foi primordial potenciar as qualidades do lugar, solucionando o projecto de acordo com o desenvolvimento de um modelo de cidade coeso, compacto, continuo e baseado na multiplicidade e na polivalência de usos, evitando, deste modo, a fragmentação, centrifugação e simplicidade urbana: *“En estas épocas de suburbanización creciente es necesario reimplantar en el imaginario el deseo de la ciudad múltiple coexistente...”*.¹⁶¹

O objectivo é fazer deste lugar um espaço de coesão social, unificador, simbólico e referencial, tendo em vista catalisar, integrar e suscitar o encontro e convívio entre a comunidade diversa e eclética que habita na Colina de Santana (idosos, jovens, pessoas de distintas etnias, culturas e classes sociais...), a população que o vivencia diariamente e a população “exterior” e esporádica: *“La voluntad de mezclar usos y actividades, de juntar poblaciones diversas y de articular las operaciones especializadas (...) debe estar presente desde el inicio de cualquier operación.”*¹⁶² Pretendi, portanto, dar um novo sentido à urbe, construindo um espaço urbano mais solidário e plurifuncional, criando pontos de encontro onde as pessoas possam estar, integrando funções, idades e níveis sociais, de modo a contrariar a tendência actual de desagregação, de carência de dinâmicas relativas à troca e à interacção entre os indivíduos, associados a espaços monofuncionais.

¹⁶¹ ROCA, Miguel Ángel. “Ciudad como deber”, em *“Notas desde el Sur”* N°1. Córdoba: Ediciones FUNDAR, 1993. pp. 45.

¹⁶² BORJA, Jordi; CASTELLS, Manuel. *Local y Global. La gestión de las ciudades en la era de la información*. Madrid: Taurus, 1997. pp. 255.

A grande finalidade é, assim, devolver este lugar à cidade, criando um espaço que não fique confinado à ideia de ilha, de fechamento sobre si próprio.

Outra das intenções projectuais – a criação de espaços públicos e colectivos que definem e regeneram dinâmicas urbanas – resultou da necessidade de colmatar uma das carências detectadas na Colina de Santana: a falta de qualidade e vida do espaço público, que deve ser entendido como espaço de todos. A contribuição para a (re)humanização da cidade e para a sublimação da qualidade dos espaços públicos, na tentativa de organização de um espaço multi e heterofuncional, foi outro propósito pensado e estruturado para a concepção e resolução projectual: *“La ciudad como productora de sentido se traduce en proyectos urbanos que provocan adhesión.. (...)Es revalorizar (...), la calidad de los espacios públicos, su valor simbólico y su función integradora. Es concebir (...) los equipamientos como “lugares”, como construcciones que contribuyen a que la vida cotidiana tenga sentido social y cultural.”*¹⁶³

■ 5.4. PROGRAMA

A Colina de Santana, como referi anteriormente, é uma área da cidade que possui uma população bastante eclética: envelhecida, com pessoas de diferentes culturas, raças, estratos sociais. Para além disso, caracteriza-se pela existência de edifícios devolutos e de edificado em más condições de conservação que necessitam urgentemente de ser revitalizados. Constata-se, ainda, a falta de qualidade e de conexão entre espaços públicos e verdes. Deste modo, a nível programático, a minha preocupação prendeu-se, numa primeira instância, com esta necessidade evidente de atrair e fixar população jovem para o local, de maneira a travar esta crescente tendência para a desertificação. Isto porque a população jovem é a população do

¹⁶³ BORJA, Jordi; CASTELLS, Manuel. *Local y Global. La gestión de las ciudades en la era de la información*. Madrid: Taurus, 1997. pp. 367.

presente e do futuro, que tem a capacidade de regenerar novas dinâmicas na cidade.

Perante os vários aspectos apresentados, tornou-se claro que o programa escolhido para o terreno do Hospital Santo António dos Capuchos deveria estar associado a uma grande variedade de equipamentos, actividades e funções, construídas em torno de espaços públicos, de forma a atrair e fixar distintos grupos, aglutinar a população residente no local e conseguir captar o interesse de potenciais visitantes a diferentes horas do dia, de maneira a que as pessoas funcionem e se envolvam em conjunto: “(...) *el uso social (nocturno incluído) del ocio, (...) Es otra dimensión de la ciudad casa vez más valorada, no sólo por sus visitantes, sino también por sus usuarios habituales.*” ¹⁶⁴

Esta proposta propõe uma oferta de actividades para o local, que contribuam para o transformar não só num espaço para ser vivido enquanto lugar de passagem como também enquanto lugar de permanência, para ser vivido diariamente ou, pelo contrário, pontualmente. A intenção é conceber um local para potenciar valores económicos e funcionais, requalificar a cidade existente, proporcionar e fomentar a sustentabilidade social, o convívio e o contacto entre as pessoas que aí vivem, trabalham ou passeiam.

O complexo detém e incorpora, deste modo, um programa bastante diversificado: espaços públicos distintos (jardim, miradouro e terreiro), espaços desportivos, recreativos, de lazer, religiosos, culturais, de produção, serviços educativos e habitação temporária. Abarquei um programa que proporciona um equilíbrio entre as funções já existentes e as funções que se tornam necessárias para dar resposta às problemáticas actuais, à nova ideia de cidade, plural e heterogénea, ou seja, onde existe uma aproximação entre habitar, trabalhar, produzir, aprender e lazer no mesmo sector urbano, contribuindo assim para uma cidade mais integrada e coerente.

¹⁶⁴ BORJA, Jordi; CASTELLS, Manuel. *Local y Global. La gestión de las ciudades en la era de la información*. Madrid: Taurus, 1997. pp. 193.

Para além disso, conjuguei programas de índole mais permanente com outros mais polivalentes e ajustáveis às mudanças, que se caracterizam por integrar actividades de carácter local com actividades de carácter global, concorrendo para a mistura de pessoas da cidade e exteriores à cidade.

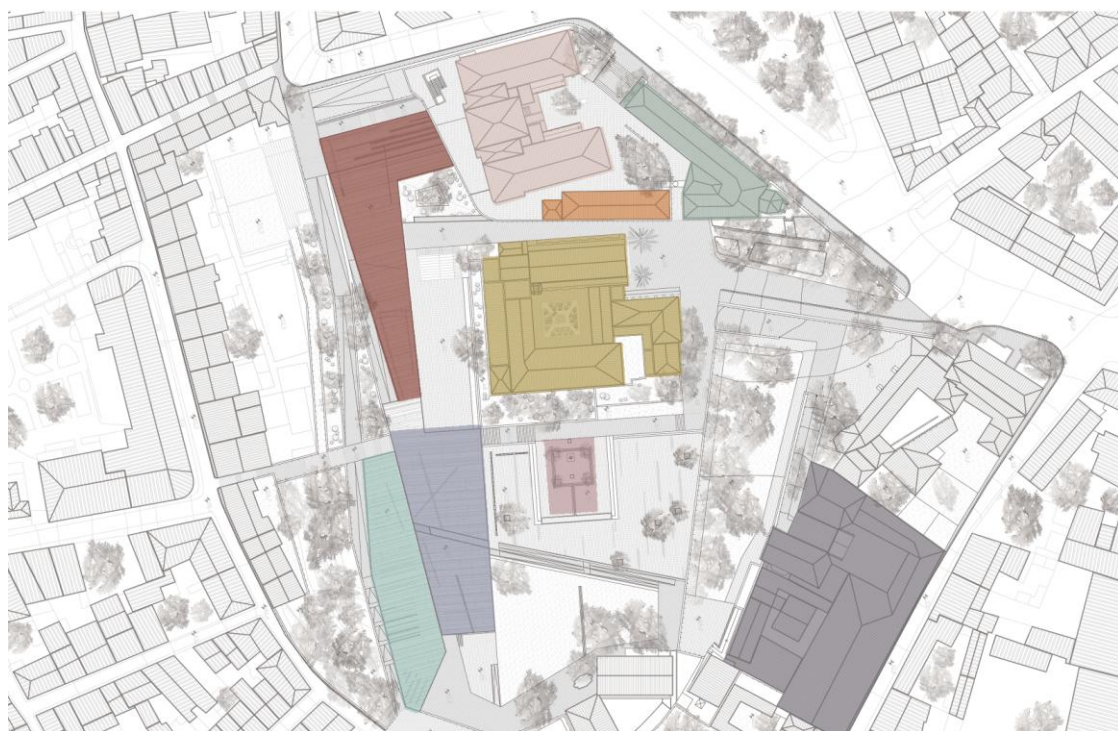
Criou-se, desta forma, um novo percurso cultural, que estimula a participação directa e a acção comunitária, surgindo de forma espontânea no traçado da cidade e suscitando novas dinâmicas urbanas: “(...) *La oferta cultural tiene cada día una importancia mayor (...) en su cohesión social. Las inversiones en infraestructura cultural pueden ser muy productivas. (...) Las infraestructuras y las actividades que requieren a la vez servir a la demanda interna y a la externa deben apostar también por la diversidad, la especificidad y la calidad.*”¹⁶⁵

O antigo Convento (assinalado a amarelo na figura), que actualmente possui funções de administração, espaço hospitalar de quimioterapia e capela, passa a integrar uma biblioteca (pisos 2 e 3) e uma cantina (pisos 0 e 1). A zona de administração (pisos 0 e 1) e a capela continuam a fazer parte integrante do programa. A antiga Escola Superior de Enfermagem Artur Ravara (fig. verde), actualmente utilizada como centro de arquivos e gestão documental do Hospital dos Capuchos, passa a ser uma residência de estudantes, dando apoio às inúmeras instituições de ensino que existem nesta zona, proporcionando desta forma a fixação de pessoas jovens. O actual edifício, que presta serviços de neurocirurgia (fig. cor de rosa), passa a conter ateliers / residências para artistas, ou seja, ninhos incubadores de produção artística e cultural que conciliam o trabalho com a habitação. O local de serviços hoteleiros, sociais e de dietética do Hospital (fig. cor de laranja) passa a fazer parte deste núcleo recreativo, possuindo espaços para empresas criativas – espaços polivalentes e em constante mudança. O Museu de Oftamologia, que possui um grande espólio patrimonial (fig. azul escuro), continua a ter

¹⁶⁵ BORJA, Jordi; CASTELLS, Manuel. *Local y Global. La gestión de las ciudades en la era de la información*. Madrid: Taurus, 1997. pp. 193.

a mesma função de museu. A Cisterna (fig. cor de rosa escuro), localizada por baixo de um terreiro com um relógio de sol considerado património do estado, passa a ser um lugar de museu, para visitas de grupo.

O novo edifício implantado (fig. vermelho) caracteriza-se por ser um espaço polivalente, direcionado à partida para receber exposições temporárias, mas com possibilidade estrutural para outros eventos. A outra edificação que, em conjunto com a anteriormente mencionada, forma uma nova frente para a cidade (fig. Azul claro) é um auditório destinado a vários tipos de espectáculos - concertos, teatro, conferências. Por último, a verde água localiza-se um pólo desportivo (com piscinas, ginásio, serviços de fisioterapia, etc.) que dá unidade de serviço continuado à saúde, que fez durante tanto tempo parte deste espaço urbano. O estacionamento com acesso pela entrada Norte tem uma área aproximada de 4318 m², e possui áreas de cargas e descargas e depósitos.



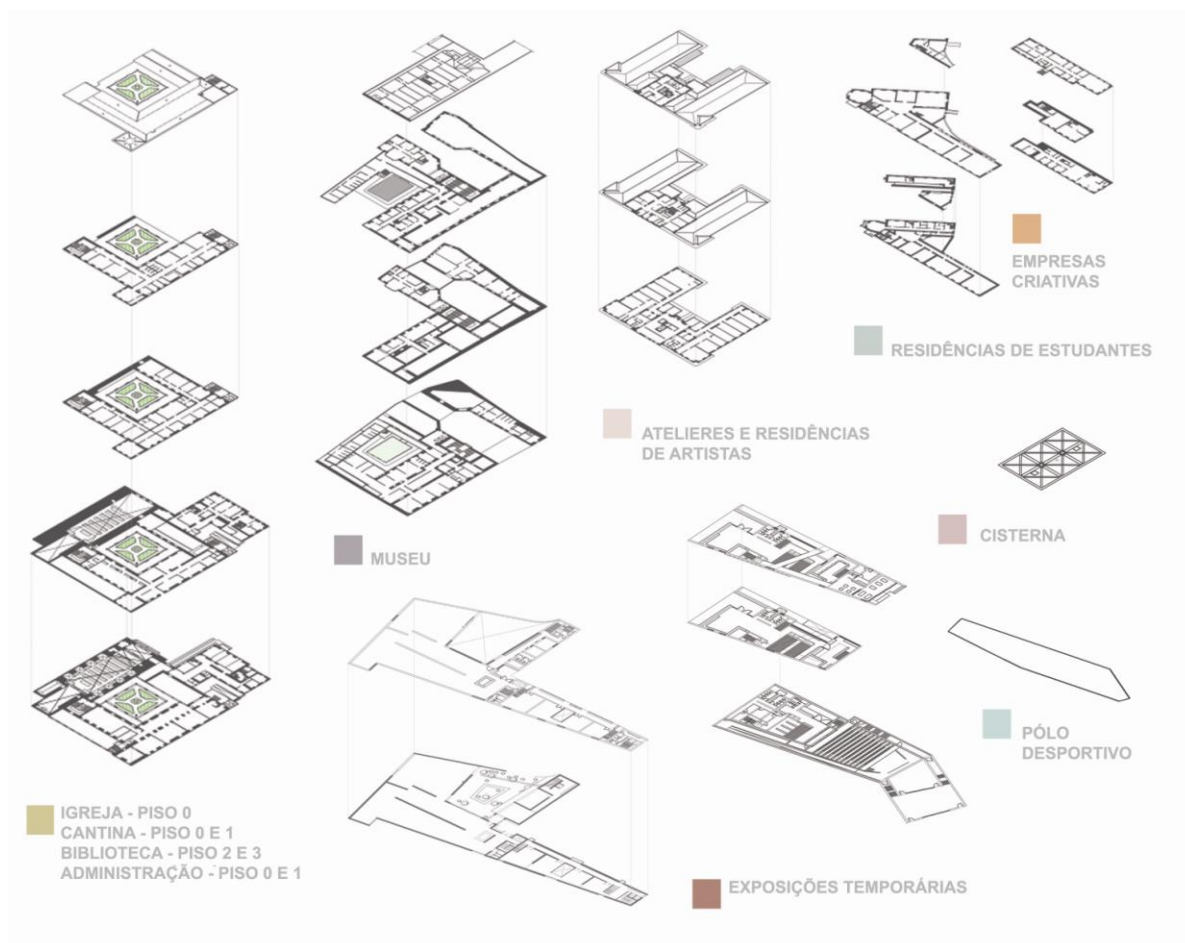


FIGURA 5.5 – Esquema programático.

■ 5.5. DESCRIÇÃO DA PROPOSTA URBANA

■ 5.5.1. CERCA I PERCURSOS

Como meio de resposta aos objectivos propostos e mencionados anteriormente, adoptei uma postura clara em relação aos limites do terreno de trabalho e decidi tornar a cerca que o circunda permeável, mas sem quebrar a excepção e identidade do lugar – operação imprescindível para atingir o fim da integração entre as partes e o todo: “- *Derecho a la ciudad y en consecuencia obligación de que las políticas urbanas “hagan ciudad”, es decir generen centralidades,*

*articulen las partes de la ciudad como un todo y promuevan la polivalencia y la cohesión de cada zona.”*¹⁶⁶

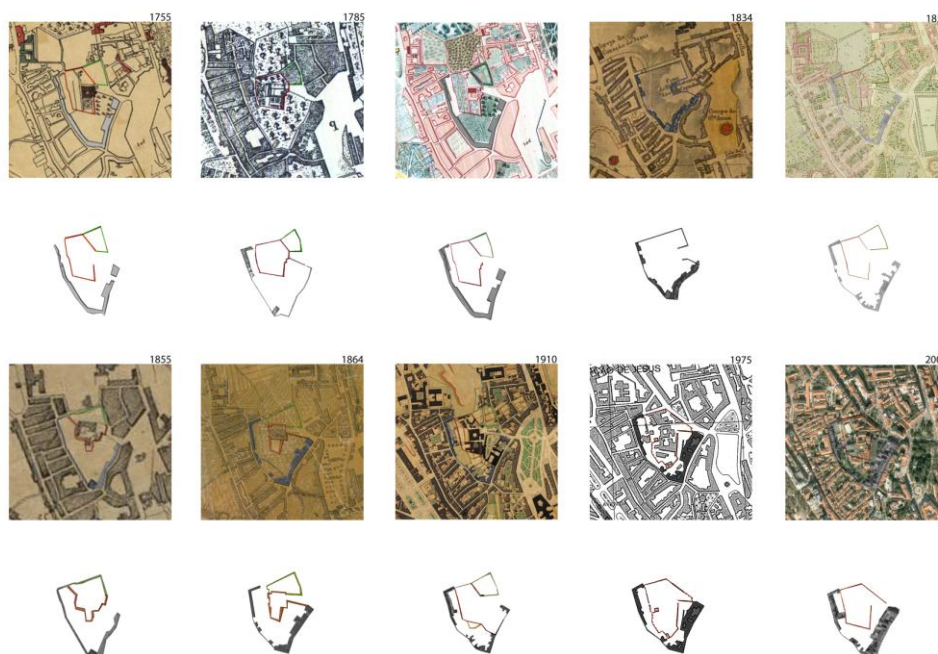


FIGURA 5.6 – Esquema da evolução da cerca – 1755 a 2005.

Deste modo, ao caminhar na cidade, qualquer habitante transitará do exterior para o interior da cerca de um modo perfeitamente natural, visto que se estendem neste espaço novos percursos de ligação e circulação que nos levam aos “nossos” destinos – percursos integrados na malha urbana pré-existente que criam novos códigos de relações de continuidade (“(...) *a complexidade da cidade moderna requer continuidade.*”¹⁶⁷) e atenuam a divisão clara entre domínio público e domínio privado, exterior e interior do território: “*Integración y transformación del tejido urbano. En muchos casos es importante*

¹⁶⁶ **BORJA**, Jordi; **CASTELLS**, Manuel. *Local y Global. La gestión de las ciudades en la era de la información*. Madrid: Taurus, 1997. pp. 332.

¹⁶⁷ **LINCH**, Kevin. *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70, 1999 (1ª Edição 1960). pp. 122.

*(...) producir la continuidad formal entre la nueva operación y el tejido preexistente.*¹⁶⁸

A proposta projectual foi conceptualizada e definida de acordo com o desejo e parâmetros estabelecidos anteriormente de “edifício cidade” – ou seja, edifício que se sustenta no princípio da atenuação, interdependência, continuidade e reciprocidade dos limites que separam os espaços não edificados dos edificados, o exterior do interior, o domínio público do domínio privado. O objectivo é valorizar o lugar, fazendo com que este tenha uma maior integração com o entorno existente, tornando-os indissociáveis, como parte integrante de um só corpo. Pretendeu-se, desta forma, valorizar o lugar e criar novas relações com o mesmo, incentivando um novo processo de socialização.

Existem dois grandes eixos de percursos de carácter distinto: um no sentido Este-Oeste – percurso em escadas (fig. azul), de rápida ligação da cota inferior (cota 46,1) à superior do terreno (cota 68); outro em rampa (fig. vermelho) (sentido Norte-Sul) – lento, de contemplação, que permeabiliza a cerca em três ligações distintas entre o exterior e interior.



FIGURA 5.7 – Esquema dos eixos dos percursos e entradas. A azul o eixo em escadas e a vermelho o eixo em rampa.

¹⁶⁸ **BORJA**, Jordi; **CASTELLS**, Manuel. *Local y Global. La gestión de las ciudades en la era de la información*. Madrid: Taurus, 1997. pp. 255.

À medida que percorremos os eixos de acessibilidade, vão surgindo diferentes instâncias, espaços, situações, elementos marcantes – divisões, estreitamentos, caminhos, rampas, mudanças de espaço, sensações dinâmicas, etc. Kevin Lynch defende que o espaço do corredor de uma rua deve possuir, ao longo do seu percurso, características e acontecimentos modificadores de reconhecimento, e que, para além disso, este deve ser organizado numa linha “melódica” total (não numa série de pontos separados): *“Quando o percurso está enriquecido por tais elementos diferenciadores, o atingir e o passar certas «metas» que se sucedem, o percurso assume um significado muito maior e torna-se uma verdadeira experiência, em todo o seu sentido.”*¹⁶⁹ Afirma, ainda, que a sensação de deslocação ao longo da rua influencia os observadores até ao nível da sua memória: *“A adaptação contínua da linha do movimento confere-lhe uma identidade e será criadora de uma experiência contínua através do tempo.”*¹⁷⁰

Descrevendo e usando como exemplo a linha do percurso traçado pelo eixo do acesso de escadas percebe-se bem este sentido que quis dar ao projecto – sentido de integração e articulação constantes entre o pedestre, os edifícios e os espaços públicos. Desde a cota inferior (cota 46,1 – ponto 1) e em sentido ascendente do terreno (para Este), verificamos um primeiro acontecimento à cota 54,5 (ponto 2), onde se abre um caminho entre árvores até ao campo de futebol. Chegando à cota 58 (ponto 3) surgem duas possibilidades de percurso: virando à direita, acede-se à entrada do Pólo Desportivo, e seguindo pela esquerda, vai-se dar ao acesso Norte, passando primeiro por um local que oferece a possibilidade de descanso (um grande suporte de assentos). Continuando a subida pelas escadas, deparamo-nos à cota 62 (ponto 4) num ponto intermédio e estratégico (*“(…)O ponto estratégico de tal conjunto é a intersecção, o ponto de ligação e de decisão para o movimento urbano.”*)¹⁷¹ de cruzamento entre os dois

¹⁶⁹ LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70, 1999 (1ª Edição 1960). pp. 110.

¹⁷⁰ *Idem.* pp. 110.

¹⁷¹ *Ibidem.* pp. 111.

eixos (escadas e rampa), onde se abre um terreiro - com papel distribuidor (para o auditório, cafés, lojas, galerias e espaço de exposições temporárias), de descanso e lazer. A localização dos dois caminhos é clara, não havendo interferência entre ambos, sendo deste modo possível, ao observador e vivenciador do espaço, construir uma imagem satisfatória. À cota 67 (ponto 5) abre-se à cidade um miradouro/jardim, espaço de estar e recreio. Terminando o percurso à cota 68 (ponto 6), chega-se praticamente ao patamar de acesso Este. Deste modo, vão-se criando diferentes relações que contêm distintos níveis de privacidade e colectividade, distintos níveis de relação interior/exterior.

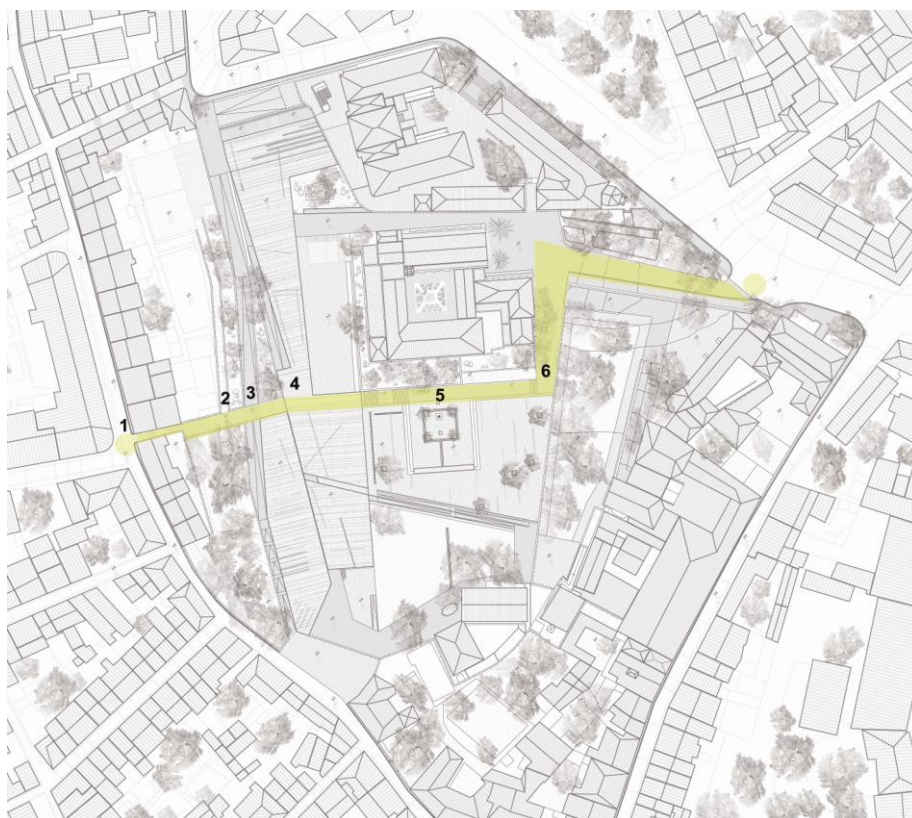


FIGURA 5.8 – Esquema do eixo em escadas e instâncias.

A distribuição fragmentada das funções visadas permite uma gestão autónoma de cada módulo no complexo edificado, permitindo deste modo uma maior flexibilidade na sugestão dos percursos.

Outro aspecto muito importante a referir é a questão do piso, nomeadamente da sua materialidade. Existem dois grupos que remetem claramente para o observador, o pedestre e a sua funcionalidade. Os eixos de circulação, percursos contínuos à malha da cidade, são de calcário branco (tipo de calçada associada ao passeio pedestre) para, deste modo, existir uma conexão ainda mais evidente com a envolvente, tornando-o parte integrante do todo: *“É uma necessidade lógica que as ruas, uma vez identificáveis, tenham também continuidade. As pessoas estão, normalmente, dependentes desta qualidade. A exigência fundamental é que o actual percurso ou o lugar do pavimento continue, a continuidade de outras características é menos importante.”*¹⁷² Por sua vez, a materialidade escolhida para simbolizar, criar os espaços de estar e lazer foi o granito rosado. A opção recaiu sobre materiais com escalas distintas e que remetem para funções distintas – calcário branco | dimensão pequena das pedras | circulação / granito rosado | dimensão grande das pedras | estar, lazer.

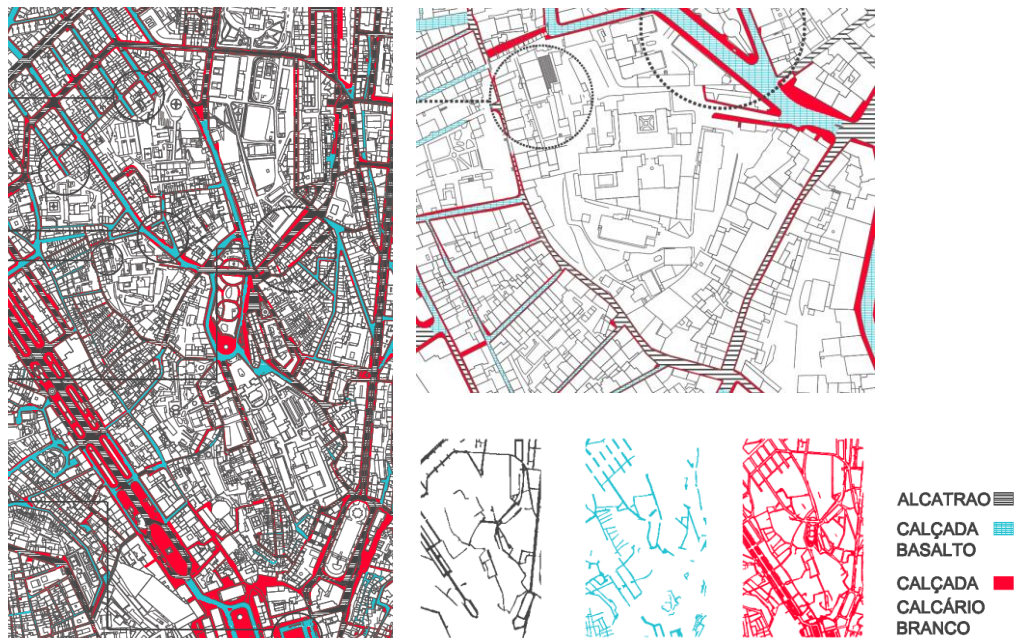


FIGURA 5.9 – Esquemas do estudo do tipo de pavimentos exteriores existentes na Colina de Santana.

¹⁷² LINCH, Kevin. A imagem da cidade. Lisboa: Edições 70, 1999 (1ª Edição 1960). pp. 63.

■ 5.5.2. IDENTIDADE I MEMÓRIA

“Ser contemporâneo é, acima de tudo, construir uma relação de desfasamento com o seu tempo, ser afectado pelo presente sem se deixar ser devorado por ele, ver não as suas luzes mas a sua mais íntima obscuridade, colocar-se no seu agora, na sua fractura. (Giorgio Agamben) Por outro lado, a história não é a boulevard por onde desfilam os seus vencedores, nem a linha vazia homogénea infinita do progresso, nem será muito menos a procura por uma imagem eterna do passado (a tentação de todo o historicismo), mas uma recordação em forma de clarão capaz de alumiar a escuridão do presente.

(...) Só a geração que se propuser a encontrar esse agora como lugar de fractura, o lugar de encontro entre épocas e converter o seu presente em qualquer coisa como um objecto problemático, poderá reclamar para si a sua contemporaneidade.”¹⁷³

Para favorecer a integração da população, foi importante restaurar, restabelecer e promover a manutenção de pontos históricos significativos de identidade cultural e de sentido de pertença locais, pois cada parte da cidade deve ter a sua simbologia e particularidades diferenciadoras. Simultaneamente, tive como preocupação promover o encontro, a articulação e a hierarquização de relações entre os estratos do tempo, concebendo os novos edifícios em diálogo com as pré-existências, mantendo a identidade e memória do lugar, mas gerando também uma nova identidade cultural: *“Sólo la obra del lugar, abierta a lo inmediato, que concilia tradición y modernidad, lo próximo y lo distante, podrá adquirir la necesaria significación y polisemia.”¹⁷⁴*

¹⁷³ http://www.artecapital.net/arq_des.php?ref=87. [consultado em: 1/10/12. 23:15h]. BISMARCK, Pedro Levi. *A Promessa da Arquitectura*. Considerações sobre a geração por vir. 2012.

¹⁷⁴ ROCA, Miguel Ángel. Cap. VI “La Ciudad y las Utopías”, em *“Arquitectura, Ciudad, Cultura, Sociedad”*. Buenos Aires: Serie Ediciones Previas FADU-UBA, 1994. pp.53.

Mantive os edifícios pré-existentes que considerei serem imprescindíveis à preservação da identidade, singularidade e reconhecimento do lugar, alterando contudo algumas das suas funções.



FIGURA 5.10 – Planta com edifícios conservados e reabilitados.

Por sua vez, e como referi anteriormente, para conseguir uma articulação entre estruturas de tempos diferentes, introduzi novos edifícios, com programas distintos, que respondem às necessidades locais na actualidade. Este novo conjunto de edifícios cria uma frente muito importante para a cidade.



FIGURA 5.11 – Planta com edifícios novos.

Os novos edifícios foram projectados como “actores” constituintes da topografia, tendo como cota máxima a cota 69, ou seja, um metro acima da cota mínima do edificado das pré-existências (cota do piso

do Convento - 68), deixando em evidência a memória do lugar, designadamente as construções reabilitadas. A sua materialidade (estrutura laminar de betão aparente) contrastante com a das pré-existências (reboco branco) enfatiza os diversos tempos de intervenção. A simplicidade patente na eleição e utilização dos materiais pretende ser referência potenciadora de diálogo íntimo de entendimento com a envolvente, paisagem, pré-existências, respeitando a natureza local, mas, ao mesmo tempo, introduzindo novas premissas dialogantes.



FIGURA 5.12 – Esquema topográfico.

“(...) a própria cidade é a memória colectiva dos povos; e, tal como a memória está ligada a factos e lugares, a cidade é o locus da memória colectiva. Esta relação entre o locus e os cidadãos torna-se, pois, a imagem proeminente, a arquitectura, a paisagem; e como os factos estão contidos na memória, à cidade acrescem novos factos. Nesse sentido, absolutamente positivo, as grandes ideias perpassam a história da cidade e dão-lhe forma (...) A memória, assim entendida, transforma-se no fio condutor conducente de inteira e complexa estrutura.” ¹⁷⁵

■ 5.5.3. ESTRATÉGIA DE ESPAÇOS PÚBLICOS I VERDES

Como mencionado, outro dos objectivos e intenção projectual foi a criação de espaços públicos e colectivos que definam e regenerem

¹⁷⁵ ROSSI, Aldo. *A Arquitectura da Cidade*. Lisboa: Cosmos, 2001. pp.192.

dinâmicas urbanas, contribuindo assim para a (re)humanização da cidade. São estes lugares neutros, social e ideologicamente, os suportes mais seguros da vida colectiva. Permitem o intercâmbio de experiências e significados, estimulando a interacção entre os indivíduos.

A carência de espaços públicos e verdes de qualidade na Colina de Santana verificada num estudo prévio conduziu à efectiva necessidade de os projectar.

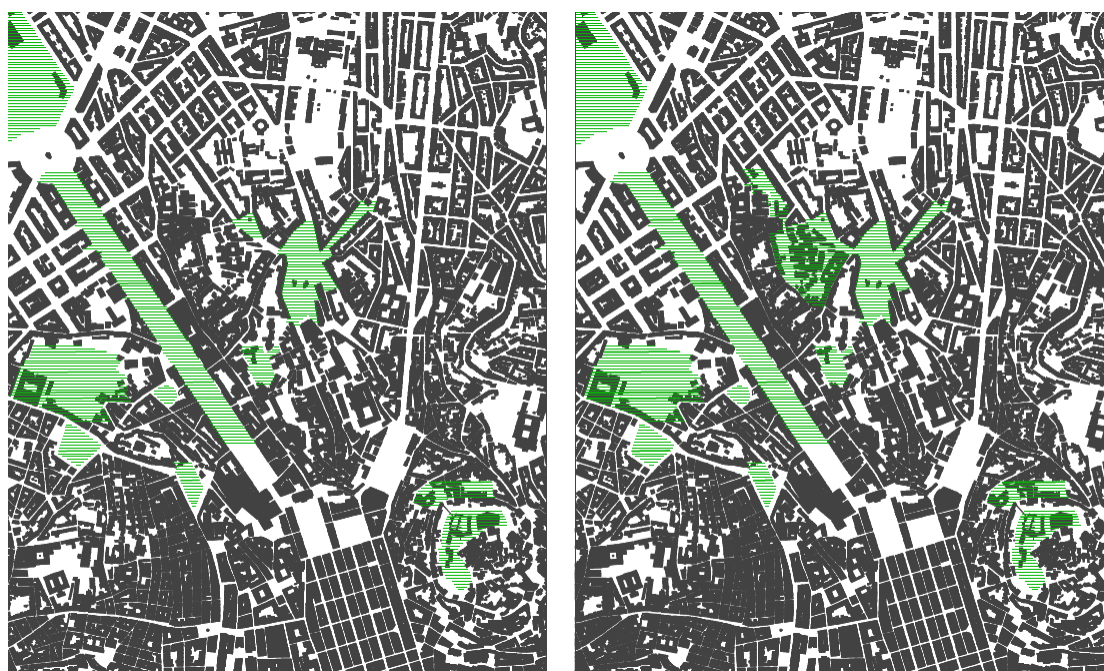


FIGURA 5.13 – Esquema da estratégia urbana ao nível da Colina de Santana.

A proximidade ao Campo dos Mártires da Pátria influenciou a estratégia que consiste em “levar” o jardim para dentro do terreno de maneira a que estes dois espaços se conectem, articulando um sistema de espaços verdes que funcionem como alavanca de expansão de áreas deste tipo na Colina. Toda a proposta está marcada por zonas verdes distintas, tendo havido a preocupação de preservar ao máximo as previamente existentes.

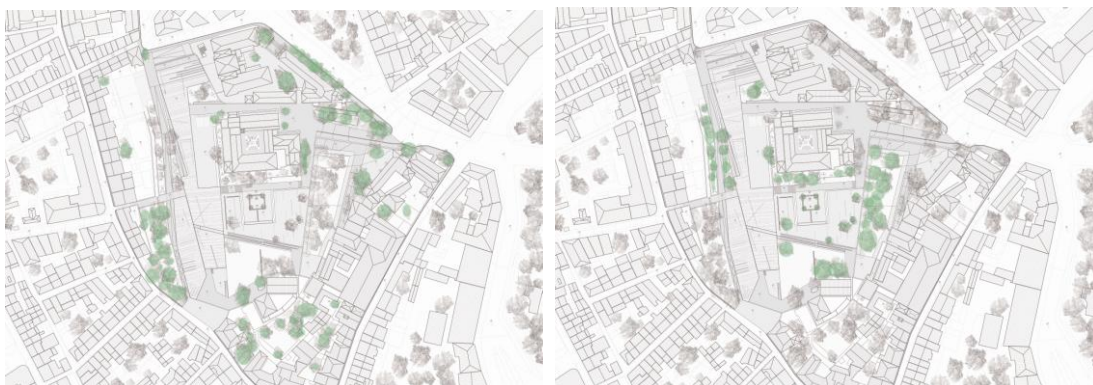


FIGURA 5.14 e 5.15 – Esquema das áreas verdes pré-existentis mantidas; Esquema das áreas verdes introduzidas na proposta.

O tipo de vegetação introduzida está de acordo com a tradição conventual, assente na produção e recolha de alimentos, juntando no mesmo terreno oliveiras, laranjeiras, amendoeiras e castanheiras. remeteu-se à ideia conventual de plantação, produção e recolha de alimentos: oliveiras, laranjeiras, amendoeiras e castanheiras.

Foram delineados dois espaços colectivos de carácter muito distinto: um terreiro e um miradouro. O primeiro caracteriza-se por ser um espaço estratégico e de cariz acolhedor com diferentes funções: distribuidor (para o auditório, cafés, lojas, galerias e espaço de exposições temporárias), de lazer, estadia, descanso, encontro, interacção social e de passagem. Possui uma escadaria/anfiteatro ao ar livre.

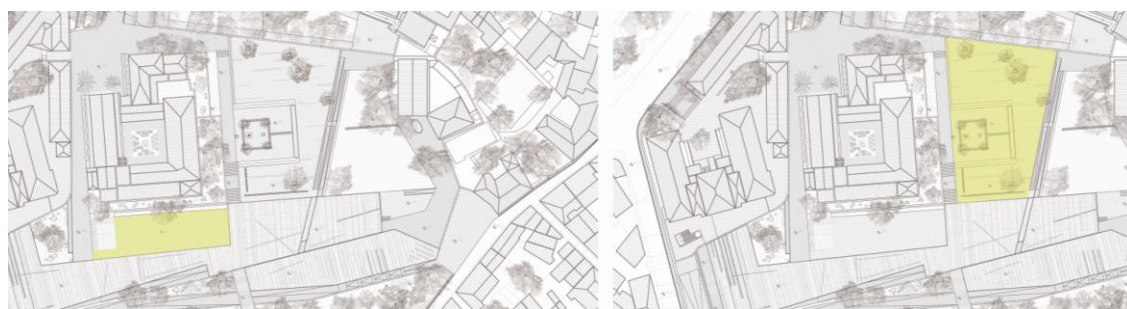


FIGURA 5.16 e 5.17 – Esquema que assinala a zona do terreiro; Esquema que assinala a zona do terraço/jardim/miradouro sobre a cidade.

À cota 67,5 e virado a Sul abre-se um espaço de terraço e jardim mirante sobre a cidade. A partir deste lugar e ponto superior, tem-se uma conexão e relação visual privilegiada com a paisagem e envolvente.

Neste projecto, as coberturas dos novos edifícios ganharam uma percepção de extrema importância ao serem vistas de muitos pontos do terreno, constituindo assim uma quinta fachada verde parcialmente acessível. Esta fachada participa na construção do lugar, criando uma relação com a paisagem.

■ 5.6. AUDITÓRIO I ESPAÇO POLIVALENTE – EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS I ZONA DE GALERIAS E COMÉRCIO

“Os espaços criados têm de ser animados pelas pessoas. As galerias, os átrios e pátios do exterior, assim como as tribunas e escadas do interior da igreja pressupõem o dinamismo e mobilidade dos utilizadores, procurando favorecer a sua participação. Os elementos arquitectónicos foram pensados para destacar e enfatizar a presença humana. Deste modo creio que fica bem patente o sentido que queríamos dar à obra, sentido de abertura à cidade, não de ‘ghetto’, de vida intensa e multiforme. O espaço arquitectónico pode favorecer, estimular e ajudar a esse comportamento.”²³

Foi desenvolvida toda a estratégia urbana de integração, programação e reabilitação territorial à escala 1:500. Selecionei a nova frente de edifícios delineada para a cidade, ou seja, os edifícios do Auditório (2250 m2 aprox.), o Espaço polivalente de exposições temporárias (1319 m2 aprox.) e a zona de cafés, galerias e comércio (752 m2 aprox.) como casos de estudo mais pormenorizado e onde se colocam em evidência os conhecimentos adquiridos ao longo desta investigação teórica.

²³ PEREIRA, Teotónio. Citado por Avelino Torres In ARA Arte Religiosos Actual.

As edificações encontram-se envoltas por distintos espaços públicos e colectivos (espaços capazes de criar soluções dinâmicas e regeneradoras), o que lhes permite congregar o sentido de utilização, movimentação, articulação e integração das várias instâncias com o todo.

Propôs-se desenvolver a construção de uma relação activa e criativa entre o edifício e a urbe, uma arquitectura aberta e em constante diálogo com a cidade, ou seja, com os seus espaços adjacentes, envolventes e a paisagem. Propõem-se conceitos de simultaneidade e heterogeneidade, que estimulem o contacto social.

Estas edificações localizam-se em torno do terreiro que, para além de ter funções de lazer e descanso, tem o papel de distribuição de funções e articulação entre o exterior e interior dos edifícios em questão. Foi muito importante criar fluidez nos percursos pedonais, locais de paragem e espaços sociais.

É visível o desenvolvimento de desenho tendo em conta a intenção da criação de continuidade, transição subtil e fluidez entre a dimensão complexa do exterior e a do interior (dois mundos) de cada edificação. Tanto na entrada para o edifício do auditório, como para o do edifício das exposições temporárias e zona de galerias cafés e comércio, abrem-se espaços intermédios que promovem a mediação entre o exterior e o interior e que fomentam processos de socialização, de convívio, interacção e identidade – verdadeiros palcos de expressão social.



FIGURA 5.18 – Esquema que assinala as zonas de entrada dos edifícios.

Estes espaços, que são o prolongamento do terreiro, caracterizam-se por serem o ponto intermédio, a zona semi-pública, ou seja, a zona que se encontra entre a instância pública e a privada. Existe uma gradação subtil, a vários níveis, que acompanha estas passagens que se expressam a diversos níveis: mudanças de percepção espacial e ao nível do corpo (passagem de um lugar muito amplo a um mais acolhedor), do ruído (que passa de um lugar aberto mais ruidoso a um mais contido e mais silencioso) e da luz (passagem de uma luz directa a uma mais difusa protegida pela pala). Estes espaços têm um papel fundamental no estabelecimento de relações de reciprocidade, conexão e complementaridade entre os vários momentos espaciais.

A entrada num edifício é por excelência lugar de encontro entre os usuários e, por isso, deve ser entendido como um lugar em si mesmo, caracterizado por apoios através do mobiliário fixo que proporcionem a estadia, o convívio, conforto e abrigo. Por este motivo as entradas são pautadas por várias zonas de assentos, atribuindo-se, deste modo, uso e significado a estes espaços de transição. Os indivíduos que vivem esse espaço têm assim a hipótese de permanecer no limiar, numa relação permanente com os outros e o espaço.

A extensão e utilização da materialidade do piso do terreiro (granito rosado) nestes espaços intercalares permitiu atenuar os limites entre as duas áreas, conectando-as.

A fachada Poente é marcada por grandes vãos que têm o intuito de prolongar as vivências que decorrem tanto no interior dos edifícios como no exterior. Isto permite a quem está no lado interno dos edifícios sentir a vida que se passa nos arredores exteriores, e por sua vez, quem está no exterior pode conectar-se com a vida interior. Todos os vãos desta fachada se caracterizam por ter um assento que permite a estadia nesses pontos estratégicos visuais de relação directa e constante entre as instâncias espaciais.

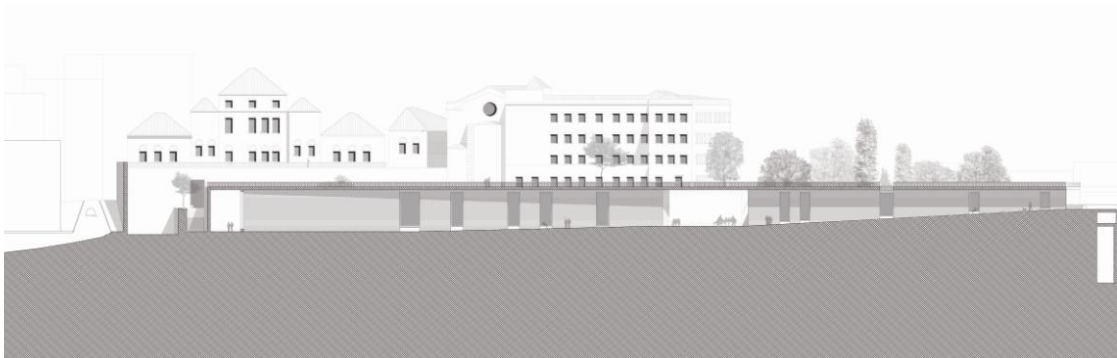


FIGURA 5.19 – Vista Poente.

Uma outra situação onde é bem visível esta relação de integração e relação constante com o entorno e o edificado é o prolongamento da rampa que faz o acesso da cota 67,5 do jardim/miradouro ao outro patamar de jardim à cota 64,2, para dentro do edifício do auditório. Estas duas instâncias conectam-se e passam a constituir um corpo sólido e único. Esta rampa foi construída sobre a linha da cerca já existente, tendo esta sido encarada não como uma linha limite, de fim, mas sim como uma linha de espessura permeável e intercambiante, preservando e marcando, deste modo, a identidade e memória do lugar, mas introduzindo novas leituras e complexidades urbanas. Influencia não só a cobertura, fazendo deste lugar um ponto único e mirante sobre a cidade, mas também todo o interior do edifício que passa a ter relação directa, formal e conceptual com este eixo.

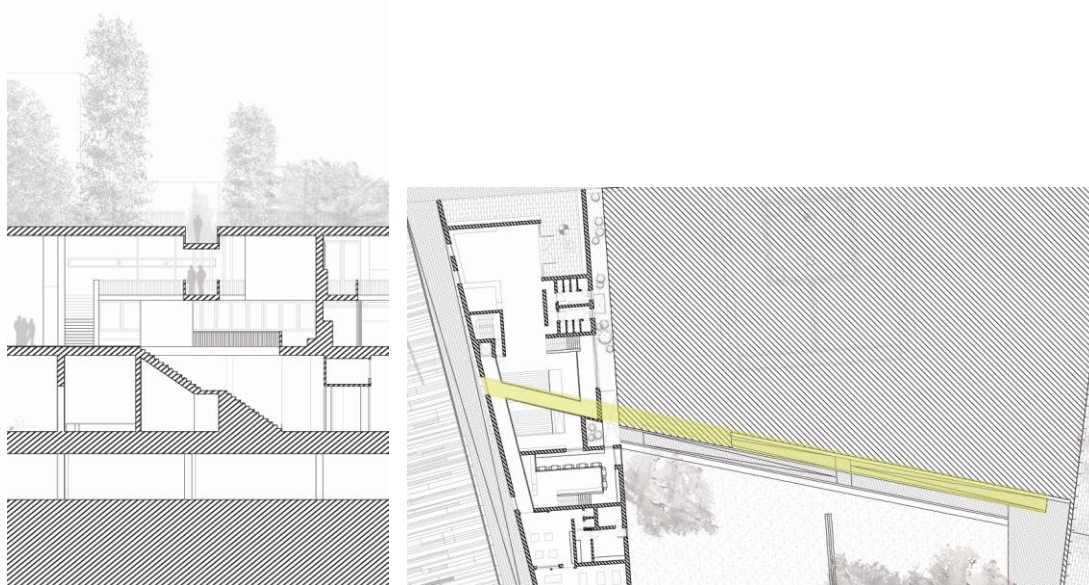


FIGURA 5.20 e 5.21 – Esquema em corte da rampa que se prolonga para dentro do edifício; Esquema em planta.

Verifica-se, portanto, uma permanente busca de relações com o lugar, com a paisagem, a envolvente e o edificado. Nesta procura, a harmonia que se estabelece entre as partes e o todo é primordial. As acessibilidades são imprescindíveis para um melhor relacionamento e articulação entre espaços, podendo possibilitar a integração do projecto e ajudar a que este seja parte integrante do território em causa.

A questão da articulação e integração dos espaços verdes exteriores com os espaços interiores foi outro ponto essencial na construção deste edifício cidade. No Auditório, o verde exterior do terreiro penetra até ao seu interior, criando um diálogo constante entre as duas partes, permitindo criar zonas de estar muito mais agradáveis nos vários pisos do edifício.

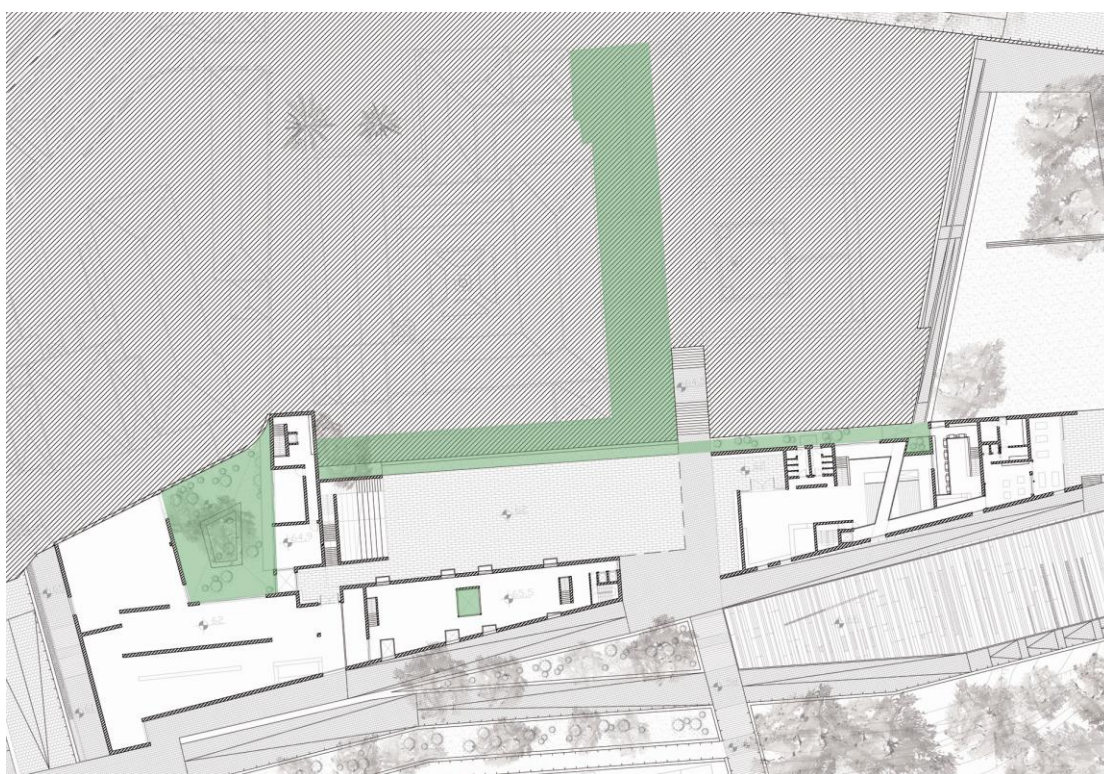


FIGURA 5.22 – Esquema das relações verdes no projecto.

No espaço das exposições temporárias e galerias são criados dois pátios verdes, construindo uma ideia de exterior no interior.

■ 6. CONCLUSÃO

Resultante de paradigmas globais, a cidade de hoje caracteriza-se por fenómenos de fragmentação, descontinuidade e dispersão. Geram-se novos processos de desequilíbrio e despreza-se a complexidade de um sistema de cidade coerente e compacto. Assistimos à generalização de uma mobilidade espacial difusa, ao predomínio do espaço dos fluxos (cidade virtual), estruturado por circuitos que se ligam entre si, sobre o espaço dos lugares, actualmente fragmentado e diluído. Estes factos, que ignoram a escala humana e que têm novas e claras configurações urbanas, nas quais as funções e as imagens se impõem a realidades e situações diversas, provocam e criam consecutivamente mudanças nas relações sociais das cidades, desagregação de pessoas e usos, bem como o aparecimento excessivo de espaços urbanos privatizados e de tempos individuais.

Há uma tendência, imposta pelo actual sistema capitalista, para converter a arquitectura e a cidade num parque temático, de consumo e de ócio, de carácter efémero, como se o importante fosse o impacto que provocado fundamentalmente pela novidade. Em suma, privilegiam-se as áreas monofuncionais, perdendo-se, assim, a heterogeneidade, pluralidade e identidade que estruturavam vocações urbanas.

A cidade actual depara-se, deste modo, com a emergência de resolução de novos paradigmas, ligados a novas dinâmicas urbanas e de requalificação do espaço público e colectivo. É fundamental contrariar a segregação e o individualismo, reunindo e integrando as pessoas e as suas actividades, de modo a fazer da cidade um lugar de convivência, de vida, de diversidade, de heterogeneidade e de partilha de experiências entre indivíduos.

De acordo com a problemática estudada e tentando contrariar esses processos de saturação e centrifugação urbanos, interessou reflectir e entender de que maneira, através de um desenho de projecto integral e que articula escalas distintas (pública e privada), se podem dar

novos sentidos à cidade e contribuir para processos de (re)humanização e de coesão social.

Importou estudar e explorar o conceito de edifício-cidade, para que, deste modo, surjam e se abram novas abordagens, pensamentos e soluções para as cidades do presente e do futuro. Esta concepção sustenta-se no princípio de atenuação dos limites que separam os espaços não edificados dos edificados, o exterior do interior, o domínio público do domínio privado, de forma a valorizar o lugar e a criar novas relações com o mesmo.

A renovação do papel específico das cidades passa pela construção de uma relação activa e criativa entre o edifício e a urbe, ou seja, pela elaboração de projectos cuja dinâmica estrutural permita criar continuidade entre estes dois meios (exterior e interior), tornando-os mais permeáveis, íntimos, indissociáveis. Para melhor se perceber de que maneira se podem criar interdependências entre estes dois meios (entre a arquitectura e o meio urbano) – e porque é exactamente na passagem que os dois se aproximam – foi imprescindível estudar questões relativas ao (re)desenho de limites e espaços de transição.

Concluiu-se, com base no estudo de vários autores, que o limiar não deve ser encarado como uma fronteira abrupta, mas sim como um lugar que permita a transição e articulação entre instâncias distintas, e que proporcione o encontro e o diálogo entre ambos os lados. Foi também muito importante analisar e perceber estes espaços enquanto lugares decisivos ao incentivo da interacção entre indivíduos, ou seja, ao contacto social.

Como resposta prática à problemática levantada, foram identificados e analisados casos de estudo que respondessem e proporcionassem um entendimento e esclarecimento às ideias, conceitos em discussão. Através destes, verificaram-se e reconheceram-se aspectos importantes que um desenho integral de projecto pode alcançar.

As questões debatidas foram mote para a realização e elaboração de um projecto prático para o território do actual Hospital de Santo António dos Capuchos. Pertecendo Portugal a esta teia global e estando a viver um momento na actualidade de crise profunda que

traspassa a problemática de cariz económica (tem influência em todos os âmbitos: urbanos, culturais, educacionais...), foi importante tomar este exercício prático como ponto de debate e reflexão para encontrar soluções territoriais para o presente e futuro, refutando as lógicas apresentadas e impostas (expostas neste documento) por países que passaram por processos semelhantes.

Responder às necessidades locais, permitir a integração do projecto na rede urbana da cidade, proporcionar a fixação de pessoas e criar um espaço de coesão social foram algumas das premissas e preocupações que tive em conta para a sua resolução. A criação de espaços públicos e de reunião foi um ponto fundamental, pois são estes os suportes essenciais da vida colectiva, lugares que fomentam a interacção entre indivíduos e que permitem a integração de pessoas e actividades.

É necessário promover a heterogeneidade e complexidade da cidade, criando espaços multifuncionais, de distintas valências, para que, deste modo, seja possível abarcar distintos grupos de pessoas e a diversas horas do dia.

Desta pesquisa pode-se também concluir a importância que representa na integração da população, o restauro e manutenção de pontos significativos da cidade (neste caso da cidade de Lisboa), repletos de identidade cultural, de sentido de pertença locais e particularidades diferenciadoras. Contudo, todo este processo deve ser resultado de uma pesquisa detalhada e criteriosa avaliação patrimonial. Acresce-se, deste modo, a necessidade de construir e conceber um diálogo permanente entre distintos estratos do tempo (o passado, presente e futuro), numa sintonia entre a reconstrução de pré-existências e a construção de um novo património, potenciando, deste modo, um entendimento com a envolvente.

■ 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACSELRAD, Henri. *A Duração das Cidades: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2001.

ASCHER, François. *Metapolis: Acerca do futuro da cidade*. 1ª Edição Portuguesa. Oeiras: Celta Editora, 1998.

AMARAL, Mariana Barros do. *Limites e possibilidades*. São Paulo: Escola de Engenharia de São Carlos. Departamento de Arquitectura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2007. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura e Urbanismo.

AUGÉ, Marc. *Los no Lugares. Espacios del anonimato. Una Antropología de la Sobremodernidad*. Barcelona: Ediciones Gedisa, 1994.

BORJA, Jordi; **CASTELLS**, Manuel. *Local y Global. La gestión de las ciudades en la era de la información*. Madrid: Taurus, 1997.

BOTELHO, Simão Silveira. *Espaços de Transição. Preservação da privacidade e estímulo do contacto social*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2010. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura.

CASTELLS, Manuel. *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. A Sociedade em Rede*. Volume I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

Colecção Sebentas d'Arquitectura. Número 6 – *A Cidade*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora, 2011.

CORADIN, Cassandra Salton. *Clorindo Testa: A Arquitetura da Biblioteca Nacional*. Porto Alegre: Faculdade de Arquitectura da Universidade Federal do

Rio Grande do Sul, 2009. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura.

CULLEN, Gordon. *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70, 1971.

CUNHA, Francisco Silva. *Da cidade à casa - A transição enquanto forma portadora de relação*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2010. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura.

FERNANDES, José; **LOURENÇO**, Madalena; **LEITÃO**, Pedro; **NOBRE**, Sara. *Património Hospital de Lisboa - Colina de San'tana. Hospital dos Capuchos Análise crítica e propostas de intervenção*. Conservação, Restauro e Reabilitação. Lisboa: FAUTL, 2011.

FRANCO, Diogo Martins da Rocha. *Os objectos intermediários nos espaços de transição*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2010. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura.

GIURGOLA, Romaldo; **MEHTA**, Jaimini. "El sentido del lugar" em *Louis Isadore Kahn*. Barcelona: Ediciones G.Gili, 1976.

GRAFMEYER, Yves. *Sociologia Urbana*. Paris: Publicações Europa-América, 1994.

GUTIÉRREZ, Obdúlia. (Coordenadora). *La ciudad y el miedo*. VII Coloquio de Geografia Urbana. 7ª Edição. Barcelona: Diversitas (número 52), 2004.

HERTEZBERGER, Herman. *Lições de Arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

KOOLHAAS, Rem. *Delirio de Nueva York. Un manifiesto retroactivo para Manhattan*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 2004 (1ª Edição 1978).

KRIER, Rob. *El espacio urbano*. Proyectos de Stuttgart. GG, 1981.

LINCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70, 1999 (1ª Edição 1960).

MACHADO, António José Pinho Santos. *A Unidade e Multiplicidade do “espaço-rua” como suporte do crescimento*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 1994. Tese de Doutoramento.

MARCELO, Inês; **SOUSA**, Isabel; **CARVALHO**, Ricardo; **MARQUES**, Rita. Património Hospital de Lisboa - *Colina de San'tana. Hospital dos Capuchos Análise crítica e propostas de intervenção*. Conservação, Restauro e Reabilitação. Lisboa: FAUTL, 2011.

MUXÍ, Zaida. *La Arquitectura de la Ciudad Global*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 2004.

PEREIRA, Gonçalo Miguel Silva. *Um Museu para a Cidade: expansão do Museu da Cidade, núcleo Séc.XX/XXI*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2010. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura.

PEREIRA, Teotónio. Citado por Avelino Torres In ARA Arte Religiosos Actual.

PINTO, Jorge Cruz. *O Espaço - Limite. Produção e recepção em Arquitectura*. Faculdade de Arquitectura de Lisboa: Edição ACD Editores, 2007.

PORTAS, Nuno; **DOMINGUES**, Álvaro; **CABRAL**, João. *Políticas Urbanas - Tendências, Estratégias e Oportunidades*. 2ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

RASTEIRO, Luís Filipe Fonseca. *Espaços Públicos Interiores de Passagem*. Lisboa: Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa, 2008. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura.

RÉMY, Jean; **VOYÉ**, Liliane. *A Cidade: Rumo a uma nova definição?*. Coleção: Cidade em questão/9. Porto: Edições Afrontamento, 1994.

ROCA, Miguel Ángel. Caps. I “Lugares Urbanos y Ciudad”, II “Textura Urbana y sus elementos”, X “Surrealismo y ciudad” e XI “Filosofía, Poesía y lo urbano”, em *“Lugares Urbanos y Estrategias”*. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, Facultad de Arquitectura y urbanismo, 1984.

ROCA, Miguel Ángel. Cap.III “El Fenómeno Urbano”, em *“Habitar-Construir-Pensar. Tipología, Tecnología, Ideología”*. Buenos Aires: EUDEBA, 1990.

ROCA, Miguel Ángel. “Ciudad como deber”, em *“Notas desde el Sur”* N°1. Córdoba: Ediciones FUNDAR, 1993.

ROCA, Miguel Ángel. Cap. VI “La Ciudad y las Utopías”, em *“Arquitectura, Ciudad, Cultura, Sociedad”*. Buenos Aires: Serie Ediciones Previas FADU-UBA, 1994.

ROCA, Miguel Ángel. Caps.I “Cultura y sociedad urbana”, IV “Orígenes y muerte de la ciudad” e XVI “La ciudad y territorialización contemporánea”, em *“De la ciudad contemporánea a la arquitectura del territorio”*. Córdoba: Ediciones Udecor, 2003.

ROSSI, Aldo. *A Arquitectura da Cidade*. Lisboa: Cosmos, 2001.

SANTOS, Alexandra Manaças da Silva. *Continuidades e limites urbanos. Qualificação de Espaços Residuais de Infra-estruturas*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2012. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura.

SASSEN, Saskia. *The global city*. Nova York: Princeton University Press, 1991.

SIGNORELLI, Amalia. *Antropología Urbana*. Barcelona: Anthropos Editorial, 1999.

SILVA, Paula Cristina Rodrigues Botelho da. *Experiência e percepção dos limites da Arquitectura: relações entre exterior/interior, público/privado*. Lisboa: Publicação Lusíada, 2009. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura.

SILVANO, Filomena. *Antropología do Espaço. Uma introdução*. Oeiras: Celta Editora (2ª Edição), 2001.

TÁVORA, Fernando. *Da organização do Espaço*. Porto: FAUP Publicações, 2006 (1ª Edição 1962).

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

INNERARITY, Daniel. *A Nova Urbanidade*. Jornal Arquitectos, Número 231. Portugal: Publicação Trimestral da Ordem dos Arquitectos, 2008.

GALIANO, Luis Fernández. *Los héroes amargos. Houellebecq y Koolhaas, la toxicidad lúcida del pesimismo*. Arquitectura Viva74, Septiembre - Octubre 2000.

HOUELLEBECQ, Michel. *Lugares de transacción. La imagen arquitectónica del mundo como supermercado*. Arquitectura Viva74, Septiembre - Octubre 2000.

KOOLHAAS, Rem. *La ciudad genérica*. Domus nº791. Milão: Março 1997.

KOOLHAAS, Rem. *El espacio basura. De la modernización y sus secuelas*. Arquitectura Viva74, Septiembre - Octubre 2000.

REVISTA D.SIGNA. Número 2 - *El diseño integral y el método*. Buenos Aires: D.signa, 2011.

REVISTA D.SIGNA. Número 3 - *La ciudad y sus deformaciones. Módulos Urbanos.*
Buenos Aires: D.signa, 2011.

REVISTA EGOÍSTA. Número 25 - *Cidade I.* Casino Estoril, Casino Póvoa de Varzim, Dezembro 2005.

REVISTA LA NACIÓN. Número 2263. Buenos Aires, 18 de Novembro de 2012.

ROCA, Miguel Ángel. *“Ideas para la construcción de la ciudad contemporánea”,*
em Arquis N°14: Miguel Ángel Roca - Monografía. Buenos Aires: Universidad de Palermo-Editorial CP67, Marzo 1998.

SOLÁ-MORÁLES, Ignasi de. *“Territorio Construido. La ciudad desde la Arquitectura”.* Arquitectura Viva N°35. Março-Abril, 1994.

DOCUMENTOS ELECTRÓNICOS

<http://www.floornature.es/arquitectos/entrevistas/herman-hertzberger-10/>.

[consultado em: 23/4/12. 21:52h].

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.066/410>. [consultado em: 14/5/12. 23:28h].

http://www.artecapital.net/arq_des.php?ref=37. [consultado em: 1/10/12. 21:05h]. BAPTISTA, Luís Santiago. *Delirious New York explicado às crianças.* 2008.

http://www.artecapital.net/arq_des.php?ref=84. [consultado em: 1/10/12. 21:17h].

http://www.artecapital.net/arq_des.php?ref=75. [consultado em: 1/10/12. 21:29h].

http://www.artecapital.net/arq_des.php?ref=15. [consultado em: 1/10/12. 21:42h].

http://www.artecapital.net/arq_des.php?ref=11. [consultado em: 1/10/12. 21:53h]. MARTINS, João Paulo. *Arquitectura: Espaço e Ritual*. 2006.

http://www.artecapital.net/arq_des.php?ref=87. [consultado em: 1/10/12. 23:15h]. BISMARCK, Pedro Levi. *A Promessa da Arquitectura*. Considerações sobre a geração por vir. 2012.

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.036/684>. [consultado em: 1/10/12. 21:41h].

<http://www.revarqa.com/content/1/647/rem-koolhaas-textos-sobre-cidade/>. [consultado em: 13/12/12. 17:09h].

<http://www2.arquiteturaviva.com/Antiguos/ArquitecturaViva74.html#Articulo>. [consultado em: 9/10/12. 23:15h].

<http://www.flickr.com/photos/chriswaikiki/4977572784/>. [consultado em: 16/12/12. 17:39h].

<http://masp.art.br/masp2010/index.php>. [consultado em: 7/1/13. 15:21h].

<http://www.grandmastolemycloset.com/2012/08/caravaggio-on-masp-museum-of-art-of-sao.html>. [consultado em: 7/1/13. 15:57h].

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.129/3500>. [consultado em: 7/1/13. 15:36h].

<http://teoriacritica13ufu.files.wordpress.com>. [consultado em: 7/1/13. 15:41h].

<http://www.arcoweb.com.br/entrevista/clorindo-testa-uma-conversa-05-11-2002.html>. [consultado em: 15/10/12. 11:53h].

AUTOR: Catarina de Barros Aguiar

TÍTULO DA OBRA: A Cidade Coreografada – Um espaço de coesão social na Colina de Santana.

NÚMERO DE PALAVRAS: 19 320

LOCAL E DATA DE IMPRESSÃO: Lisboa, Março de 2013

Este documento foi escrito de acordo com a antiga ortografia, incorrendo assim no período de transição para o Novo Acordo Ortográfico (em vigor desde Janeiro de 2009).

■ 8. ANEXOS

